Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 458
Maio 1984
Quarta-feira

16

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Israelitas atacam no Sul do Líbano

60 mortos e 40 feridos

Sessenta mortos 40 feridos e 40 casas destruídas é o balanço do ataque lançado hoje por tropas israelitas contra um campo de refugiados palestianianos no Sul do Líbano – anunciou a emissora falangista «Voz do Líbano», citada pela ANOP.

Segundo a notícia da emissora – que mais nenhuma outra fonte confirma – carros de combate israelitas atacaram um campo de refugiados em Ain Helué, nos subúrbios meridionais de Sidon, e dinamitaram 40 casas, enquanto os respectivos ocupantes dormiam. Os israelitas fizeram meia centena de prisões. No acampamento vivem 30 mil refugiados palestinos.

Ainda segundo as mesmas fontes, neste momento o campo encontra-se cercado pelos israelitas, que não permitem a entrada de ninguém.

Remodelação ministerial:

Apetência de Mota Pinto pelas Necessidades

Pág. 5

Garante J. C. de Vasconcelos

MAD não será mais um partido político

Em conferência de Imprensa, esta manhã, o MAD anunciou que não se limitará à ambição de ser «mais um» partido político, e que, da sua área, não surgirá um candidato às presidenciais de 1985.

Pág. 4

Mário Castrim:

Vinte anos de 'estátua' diante da televisão

Mário Castrim deixa a crítica diária de televisão. Durante cerca de vinte anos fez de «estátua» perante a TV. Argumentou pedagogicamente. Acusaram-no de politizar o que via. Chamaram-lhe partidário. «Mas tudo é política» – diz-nos. Agora – vai satisfazer outros sonhos: escrever poesia, romances, contos infantis. Mas continuará a ser um homem do «DL»: semanalmente os leitores terão a sua opinião sobre a TV nas páginas do jornal. Para além dessa nota semanal dedicar-se-á também à crónica citadina.

Entrevista nas págs. 6 e 7

Na pág. 17:

Carta aos meus amigos

Censura, Liberdade Responsabilidade

O CANCELAMENTO de um programa de televisão e mormente no caso do cancelamento, à última hora, de um programa anunciado, com foros de sencionalismo, na Imprensa e, em imagens, pela própria RTP, é uma decisão que não pode ser disfarçada com pretextos de ordem técnica. Estamos perante uma decisão que, quer se trate de uma decisão definitiva quer de uma simples suspensão, se reveste de um carácter político.

Dir-se-á que se trata de um «acto de censura». E não nos peçam, nem o Poder nem as instâncias directivas da RTP, que aprovemos actos de censura. Todavia, neste caso particular, importa reflectir, e com serenidade, sobre o que se passou e impõe-se avaliar as consequências políticas da transmissão, aqui e agora, de um tal programa.

As relações entre Portugal e a República Popular de Angola são de interesse nacional. A nossa concepção de liberdade de informação não coincide com a concepção que os dirigentes angolanos têm do carácter amistoso das relações entre os dois Estados. A transmissão de uma «grande reportagem», realizada em condições que são objecto de diversificadas apreciações, e que *valorizava* a actividade político-militar de uma força que conduz a oposição ao governo de Angola em termos insurreccionais, pratica o terrorismo militar e civil, recebe auxílio de países estrangeiros, serve interesses estranhos a Angola e ao partido que corporizou a luta pela independência nacional de Angola, o M.P.L.A, não deixaria de provocar uma reacção da parte do Governo de Luanda. Reacção de alcance e gravidade previsíveis. Reacção prejudicial aos interesses de Portugal no seu relacionamento com a República Popular de Angola.

Há que censurar o critério com que a RTP planeia as suas actividades e dispensa os seus recursos. Uma mais criteriosa escolha dos temas de reportagem, um maior sentido da responsabilidade nacional de uma voz que, devendo ser independente, está demasiadamente colada aos governos, e particularmente a *este* Governo, impuseram uma decisão que é extremamente desagradável para o Portugal democrático e pluralista.

Não sabemos se a decisão do cancelamento é da exclusiva responsabilidade do Conselho de Gerência da RTP, mas sabemos que o Conselho de Gerência da RTP, no caso da transmissão, assumiria a responsabilidade de uma grave crise nas relações entre Portugal e a República Popular de Angola.

Repetimos: não aprovamos actos de censura.

Mas, sublinhamos, não aceitamos a «liberdade» de atentar contra as relações entre Portugal e Angola. Não nos cabe impor os nossos juízos de valor aos dirigentes nacionais de Angola. Cabe-nos, sim, na Imprensa, na Rádio e na Televisão, na Diplomacia, no Governo, pôr acima das pequenas dificuldades e das pequenas (ou grandes) incompreensões, o que mais importa: a fraternidade das relações entre o Portugal Democrático e a República Popular de Angola.

DL

Os escritores Maria Judite de Carvalho, Jorge Reis e Baptista-Bastos classificaram os trabalhos

Amanhã no 'DL': quem ganhou os três primeiros prémios

Blanqui Teixeira amanhã no "DL":

Também o salazarismo espalhou que Norton de Matos era comunista

Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 458
Maio 1984
Quarta-feira
16
30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Israelitas atacam no Sul do Líbano

60 mortos e 40 feridos

Sessenta mortos 40 feridos e 40 casas destruídas é o balanço do ataque lançado hoje por tropas israelitas contra um campo de refugiados palestianianos no Sul do Líbano – anunciou a emissora falangista «Voz do Líbano», citada pela ANOP

Segundo a notícia da emissora – que mais nenhuma outra fonte confirma – carros de combate israelitas atacaram um campo de refugiados em Ain Helué, nos subúrbios meridionais de Sidon, e dinamitaram 40 casas, enquanto os respectivos ocupantes dormiam. Os israelitas fizeram meia centena de prisões. No acampamento vivem 30 mil refugiados palestinos.

Ainda segundo as mesmas fontes, neste momento o campo encontra-se cercado pelos israelitas, que não permitem a entrada de ninguém.

Remodelação ministerial:

Apetência de Mota Pinto pelas Necessidades

Pág. 5

Garante J. C. de Vasconcelos

MAD não será mais um partido político

Em conferência de Imprensa, esta manhã, o MAD anunciou que não se limitará à ambição de ser «mais um» partido político, e que da sua área, não surgirá um candidato às presidenciais de 1985

Pág. 4

Mário Castrim:

Vinte anos de 'estátua' diante da televisão

Mário Castrim deixa a crítica diária de televisão. Durante cerca de vinte anos fez de «estátua» perante a TV. Argumentou pedagogicamente. Acusaram-no de politizar o que via. Chamaram-lhe partidário «Mas tudo é política» – diz-nos Agora – vai satisfazer outros sonhos, escrever poesia, romances, contos infantis. Mas continuará a ser um homem do «DL», semanalmente os leitores terão a sua opinião sobre a TV nas páginas do jornal. Para além dessa nota semanal dedicar-se-á também à crónica citadina.

Entrevista nas págs. 6 e 7

Na pág. 17:

Carta aos meus amigos

Concurso Dez Anos Depois

Para celebrar o décimo aniversário da Revolução de 25 de Abril, o «Diário de Lisboa» promoveu um concurso: «Escreva-nos sobre o 25 de Abril». Eram convidados a concorrer todos quantos tivessem completado, até 25 de Abril de 1984, 20 anos. Pedíamos aos mais novos dos nossos leitores que, com completa liberdade, escrevessem um texto de resposta à nossa pergunta. O número de respostas com qualidade jornalística e literária ultrapassou as nossas expectativas. A cuidadosa leitura dos textos ocupou o júri que, em reunião realizada na sede do «DL», atribuiu os 3 prémios previstos e seleccionou mais 10 textos para serem publicados no nosso jornal.

Constituído pela escritora Maria Judite de Carvalho, nossa camarada de redacção, pelo escritor Jorge Reis, jornalista durante trinta e um anos da Rádio Difusão Francesa (Paris), e pelo escritor Baptista-Bastos, redactor do «Diário Popular», o júri aliava a competência em matéria de jornalismo à reconhecida autoridade literária. Os jovens concorrentes devem sentir-se felizes pelo facto dos seus textos terem tido tais leitores. E de primeiros leitores falamos, porque 13 textos, os 3 premiados e mais 10 seleccionados para publicação, serão divulgados nas páginas de próximas edições do «DL», e serão, portanto, dados a conhecer a um largo público.

Não é este o momento de nos adiantarmos à publicação dos textos e deles falarmos aos leitores do «Diário de Lisboa». Todavia, cumpre-nos anunciar, e foi esse, aliás, o sentimento do júri, que os textos premiados e seleccionados revelam autores que, independentemente de testemunharem uma grande sensibilidade à mudança política e cultural que se verificou no País, revelam uma muito apreciável qualidade literária.

Confessaram-se os membros do júri do «Concurso DL» – os escritores Maria Judite de Carvalho, Jorge Reis e Baptista -Bastos – agradavelmente surpreendidos com a consciência política e cultural, com a qualidade literária, com o sentido da actualidade, a imaginação, o sentimento poético dos jovens concorrentes. Este inquérito às gerações que desabrocharam para a vida depois de 25 de Abril é uma resposta – a dos mais novos – à pergunta: Que significa para si o 25 de Abril?

Os mais novos responderam que: **valeu a pena.**

Os escritores Maria Judite de Carvalho, Jorge Reis e Baptista-Bastos classificaram os trabalhos

Amanhã no 'DL': quem ganhou os três primeiros prémios

Censura, Liberdade Responsabilidade

O CANCELAMENTO de um programa de televisão e mormente no caso do cancelamento, à última hora, de um programa anunciado, com foros de sencionalismo, na Imprensa e, em imagens, pela própria RTP, é uma decisão que não pode ser disfarçada com pretextos de ordem técnica. Estamos perante uma decisão que, quer se trate de uma decisão definitiva quer de uma simples suspensão, se reveste de um carácter político.

Dir-se-á que se trata de um «acto de censura». E não nos peçam, nem o Poder nem as instâncias directivas da RTP, que aprovemos actos de censura. Todavia, neste caso particular, importa reflectir, e com serenidade, sobre o que se passou e impõe-se avaliar as consequências políticas da transmissão, aqui e agora, de um tal programa.

As relações entre Portugal e a República Popular de Angola são de interesse nacional. A nossa concepção de liberdade de informação não coincide com a concepção que os dirigentes angolanos têm do carácter amistoso das relações entre os dois Estados. A transmissão de uma «grande reportagem», realizada em condições que são objecto de diversificadas apreciações, e que *valoriza* a actividade político-militar de uma força que conduz a oposição ao governo de Angola em termos insurreccionais, pratica o terrorismo militar e civil, recebe auxílio de países estrangeiros, serve interesses estranhos a Angola e ao partido que corporizou a luta pela independência nacional de Angola, o M.P.L.A. não deixaria de provocar uma reacção da parte do Governo de Luanda. Reacção de alcance e gravidade previsíveis. Reacção prejudicial aos interesses de Portugal no seu relacionamento com a República Popular de Angola.

Há que censurar o critério com que a RTP planeia as suas actividades e dispensa os seus recursos. Uma mais criteriosa escolha dos temas de reportagem, um maior sentido da responsabilidade nacional de uma voz que, devendo ser independente, está demasiadamente colada aos governos, e particularmente a *este* Governo, impuseram uma decisão que é extremamente desagradável para o Portugal democrático e pluralista.

Não sabemos se a decisão do cancelamento é da exclusiva responsabilidade do Conselho de Gerência da RTP, mas sabemos que o Conselho de Gerência da RTP, no caso da transmissão, assumiria a responsabilidade de uma grave crise nas relações entre Portugal e a República Popular de Angola.

Repetimos: não aprovamos actos de censura.

Mas, sublinhamos, não aceitamos a «liberdade» de atentar contra as relações entre Portugal e Angola. Não nos cabe impor os nossos juízos de valor aos dirigentes nacionais de Angola. Cabe-nos, sim, na Imprensa, na Rádio e na Televisão, na Diplomacia, no Governo, pôr acima das pequenas dificuldades e das pequenas (ou grandes) incompreensões, o que mais importa: a fraternidade das relações entre o Portugal Democrático e a República Popular de Angola.

DL

Blanqui Teixeira amanhã no "DL":

Também o salazarismo espalhou que Norton de Matos era comunista

A maior maioria sem quorum

José Magalhães (*)

AINDA não se extinguira o eco das jornadas impressionantes do 25 de Abril e do 1.º de Maio quando faltou o quorum em S. Bento. O caso está a suscitar escândalo. Mais que interrogações chovem os protestos. Fala-se com preocupação e indignação (nem sempre genuinas) da **deserção frequente** de deputados, da **ineficácia** dos trabalhos. «É preciso sacudir o marasmo» – aconselham vozes preocupadas (e outras com dúbia intenção).

Que o Parlamento ande sem quorum e os deputados governamentais com as presenças (que não os salários) em atraso só pode surpreender quem esperasse da «maior maioria» aquilo de que ela já provou não ser capaz. A falta de quorum é fumo. Importa sobretudo falar do fogo.

A maioria em chamas

O facto é que a maioria está a arder. Como poderia o incêndio deixar de repercurtir-se no funcionamento da AR? Nunca o Parlamento teve tantos poderes constitucionais e raras vezes terá exercido tão-pouco os poderes que tem. A governamentalização atingiu níveis tais que sufoca já o exercício **mínimo** das competências. O tão apregoado reforço da componente parlamentar ficou na letra da lei de revisão constitucional.

A quem lhes peça contas alguns dirigentes da coligação já respondem lamentando (!) a revisão constitucional. Todos eles coincidem, porém, em afirmar que «de qualquer forma» «a culpa é das regras de funcionamento». Com o Regimento revisto tudo iria melhor». Porquê?

Porque passaria a haver votações a horas certas, deixaria de haver falta de quorum porque se decretava a redução drástica do quorum (68 deputados chegariam para pôr em «funcionamento» o plenário). As ordens do dia passariam a ser fixadas livremente pela maioria, sem sujeição à contrariedade de ter de respeitar regras objectivas e critérios certos, a duração dos debates seria a que a coligação fixasse pela sua bitola. A Conferência de Presidentes controlaria em absoluto a vida parlamentar (deixando de funcionar por consenso). O uso da palavra para replicar a críticas e acusações seria drasticamente reduzido...

Espantosamente, esta receita liberticida não daria à maioria o que lhe falta mas empurraria a Assembleia da República para um beco perigosíssimo. Era precisamente o que a AD pretendia e o PS criticava em 1981 com toda a razão.

«Custa a crer...»

«Custa a crer, mas é verdade» – exclamava há dias um comentarista (DN, 13/5/84). «Vozes malévolas dirão que os parlamentares querem assegurar tempo livre para os seus assuntos pessoais, apenas tendo de acorrer a S. Bento na hora de votar. Outros, mais compreensivos, dirão que isso facilita o trabalho simultâneo das comissões. Porém o que fica claro é que as discussões e os argumentos não têm importância nenhuma: as decisões de voto serão tomadas antes do debate ou no mínimo por outras pessoas que não o próprio deputado chamado a pronunciar-se. Mas isto também não é novidade nenhuma, pois não?»

De facto não. Mas é grave que se queira fazer o que a AD não conseguiu: criar a lei da rolha para os deputados da oposição e generalizar o robotismo, o **part-time**, o **biscate parlamentar** que já atingem espantosas proporções nas bancadas da coligação, lado a lado com situações de secundarização e subaproveitamento que remetem muitos deputados governamentais para a longa bicha onde aguardam inutilmente o uso da palavra (há quem entenda que foi para isso que foram postos nas listas!).

Não é que falte trabalho. Há centenas de projectos pendentes. As Comissões Parlamentares só esporadicamente reunem. Acumulam-se os diplomas sem parecer e relatório, as petições dos cidadãos sem resposta, as cartas sem despacho, propostas que aguardam deliberação. O Relatório e as queixas do Provedor de Justiça aguardam apreciação há meses. A Comissão de Inquérito à prisão ilegal do deputado Manuel Lopes já excedeu o prazo que lhe fora fixado e marca passo. As Comissões de Inquérito ao escândalo da AGA/EPAC e às ilegalidades na RTP ainda não tomaram posse...

A maioria parlamentar de 2/3 aí está aguardando a sineta governamental. Para quê? Para carimbar expeditamente propostras como a do sinistro Serviços de Informações (aqui a governamentalização vai ao ponto de, segundo notícias não desmentidas, o texto final da lei estar a ser confeccionado nos gabinetes do Ministro da Justiça para ser servido frio à Comissão Parlamentar especialmente constituida para o votar). Igualmente à margem da AR decorre a preparação da revisão do Código Penal do Código de Processo Penal e da arqui-inconstitucional «Lei de Segurança Interna»...

O controlo da actividade económica escapa por completo à Assembleia.

O que é afinal a falta de quorum senão o pico de um iceberg descomunal? E o que é a receita que a coligação está a aplicar senão a tentativa de agravar os piores vícios da (des)ordem vigente e estrafegar (mais ainda) as vozes incómodas da oposição?! E tudo isto para quê? E porquê?

Que tem feito a AR?

A coligação PS/PSD começou a legislatura aprovando de supetão, em longas maratonas, uma enorme sacada de autorizações legislativas (incluindo a que permitiu a abertura da banca e dos seguros ao grande capital e a revogação da lei de Finanças locais e demais peças do pacote antiautárquico). Após dois meses de férias houve 6 reuniões em Setembro para decretar o pacote de rapina fiscal. Depois, a coligação dedicou-se a traduzir para português os acordos já celebrados com o FMI. Crismados de nomes lusitanos («Orçamento do Estado», «Grandes Opções do Plano»), os dois instrumentos aí estão a massacrar o nosso dia a dia de desemprego e galope inflacionista (e degradação salarial e queda dos investimentos e ...). É bom de ver que daqui não poderia vir nenhum prestígio para a AR...

Contas feitas, a AR aprovou nestes meses 20 autorizações legislativas (recaindo sobre mais de 50 matérias) e concedeu (à sombra do Orçamento) mais de 80 autorizações em branco para o Governo aprovar legislação económica e fiscal. Sempre por iniciativa governamental, sairam ainda 7 leis fiscais (incluindo a que pulverizou o 13.º mês) três empréstimos, duas alterações ao Orçamento para 1983, uma prorrogação de prazo para os titulares de cargos políticos não entregarem as declarações de rendimentos, uma lei de restrições aos direitos dos membros das forças policiais, a lei de enquadramento do Orçamento e o Estatuto do Conselho de Comunicação Social. Excepções neste rol de desgraças só as leis da maternidade, planeamente familiar e interrupção voluntária da gravidez, aprovadas e publicadas na sequência de persistentes esforços do PCP (o poderoso e vastíssimo movimento de opinião que as impulsionou não logrou, porém, impedir que fossem diminuidas ou distorcidas algumas das soluções mais avançadas e necessárias constantes dos projectos dos deputados comunistas). Fora isto a coligação PS/PSD passou o tempo a paralisar e a rejeitar. Rejeitou de tudo, desde as iniciativas do PCP sobre o flagelo dos salários em atraso até ao simples pedido de urgência para a criação da Faculdade de Direito do Porto.

Nenhum decreto-lei governamental foi fiscalizado pelo plenário em sede de ratificação. O adiamento da criação do município de Vizela transformou-se numa chaga crónica da coligação, que também há meses não se entende para eleger representantes no Conselho Superior de Defesa Nacional e no Conselho de Comunicação Social. O entendimento perfeito começa e acaba na rolha: a última modalidade consiste na declaração sumária de «inconstitucionalidade» de iniciativas da oposição, cuja admissão na Mesa é recusada limiarmente (isto acaba de suceder escandalosamente com três iniciativas do PCP: dois projectos de defesa dos trabalhadores com salários em atraso e um projecto de resolução sobre a conclusão do Alqueva).

Ferrolho, estado de sítio & AUMENTOS

Alguma iniciativa positiva vinda das bancadas governamentais? Nenhuma. As promessas das jornadas parlamentares de Lagos (designadamente em matéria de salários em atraso) foram parar à mesma gaveta onde jazem as cem medidas com que o PS fez campanha. A revisão do Regimento transformou-se na obsessão fundamental da coligação em crise. Para mais depressa a fazerem decretaram o estado de sítio parlamentar através da resolução 11/84 de 16 de Março que prevê uma revisão a galope, com tempos limitados, em reuniões seguidas, sem período de antes da Ordem do Dia e com prejuízo do normal processamento das centenas de iniciativas que aguardam votação. Foi nesse processo que há dias se verificou a falta de quorum...

E enquanto as votações vão avançando aos tropeções e sem adequado trabalho preparatório (está-se a tomar por base um relatório lacunar e prolixo, emaranhado como o labirinto de Creta), as direcções governamentais não escondem que têm em preparação um auto-aumento dos vencimentos dos deputados e propostas de sonantes regalias sociais. Pioneira, a UEDS desvendou já o segundo aspecto em projecto há dias formalizado. Quanto ao primeiro, a maioria já lhe abriu caminho com uma proposta de aumento exorbitante da remuneração do PR (visando substituir a anómala situação de sub-remuneração hoje existente por outra com vício inverso, propriciador de uma escalada de aumentos derivados).

A democracia não falta quorum!

Que fazer então? Lutar para que os problemas mais sentidos pelo povo português se repercutam no funcionamento da AR e aprefeiçoar os mecanismos de que esta dispõe **por** e **para isso** mesmo. E sobretudo lutar por **outra maioria**!!!

O Grupo Parlamentar do PCP apresentou oportunamente três iniciativas simultâneas e articuladas visando aprefeiçoar o estatuto do deputado e o modo de organização da AR. O que importa é garantir aos deputados apoio, elementos e instalações para reuniões de trabalho por todo o país, assegurar-lhes o livre trânsito e acesso aos serviços e empresas, proibir a acumulação das funções de gestor, dirigente ou consultor de empresas do sector público e similares com as funções de deputado (bem como o exercício de actividades privadas que envolvam a prestação de serviços a entidades públicas). Não se trata só de contrariar o part-time: há que dotar a AR de serviços e instalações mais eficazes, reforçar os mecanismos de fiscalização do Governo, garantir resposta às petições dos cidadãos organizar os trabalhos do plenário em função dos problemas mais urgentes e sentidos.

Isso exige outra maioria? Sem dúvida.

Mas o PCP não desistirá por uma resposta legal imediata ao drama dos salários em atraso (representando e insistindo na apreciação de novos projectos que ponham cobro à inércia da coligação. Por outro lado, o PCP acaba de reservar a ordem do dia 7 de Junho para um debate sobre o pacote antiautárquico (para o qual não deixarão de convergir as atenções e a força organizada de milhares de autarcas de todos os quadrantes políticos). E haverá mais.

Quando o povo português faz jornadas como as do 1.º de Maio e 25 de Abril poderá faltar quorum à coligação governamental mas a democracia portuguesa essa tem quorum **bastante para viabilizar** outra política.

*** Deputado do PCP**

Nicarágua (conclusão)

O soldado desconhecido

Alice Nicolau

A última imagem da Nicarágua é de destruição e morte. É uma imagem que Chirico inventou muito antes de haver Eden Pastora. E eu pergunto a mim mesma se esta imagem é só da Nicarágua, daquela guerra suja do imperialismo, ou se é algo de universal que a todos nos toca e nos ameaça. Suponho que na hora de partir para sempre, levarei comigo aquele cavalo negro, único sobrevivente da sua espécie em San Juan del Norte, tornado verde quando se distanciava a caminho do infinito, tocado pelos raios de Sol. Levarei comigo o cavalo esmagando indeferente todos os objectos, a fancaria de uma igreja, grotescamente espalhada pelo chão com as imagens decepadas, o Cristo – uma vez mais – sacrificado e apenas Santo Isidro, vestido de roxo, mantido intacto, na sua diminuta altura de 20 centímetros, num gesto eterno do levantar do pé para andar, e sempre parado. Levarei comigo a cama de ferro nova e branca erguida em equilíbrio instável sobre ruínas, com uma bota de militar morto, caída a seus pés, como se acaso ele ali tivesse dormido e ali tivesse sido o seu quarto. Levarei comigo as trincheiras abertas e toscas, semeadas de cruzes feitas da madeira rendilhada das caixas dos explosivos, com os nomes, todos inúteis, daqueles que ali morreram. Levarei comigo também o rosto jovem, impenetravelmente sujo, de um soldado que viajou a meu lado no helicóptero, me falou da sua vida de antes e de agora, e se despediu de mim, com ternura. Tive a tentação de lhe perguntar o nome para saber do seu destino. Desisti – que interessa? Vamos todos morrer e ele para mim será sempre o soldado desconhecido da guerra na Nicarágua. Desconhecido, mas por agora – espero – ainda vivo.

Eden Pastora, o «herói» de San Juan Del Norte

Quando chegámos a Manágua, San Juan del Norte era o tema dominante das conversas dos jornalistas que tinham acorrido à Nicarágua não sei se como um enxame de carpideiras se como um bando de farejadores. Alguns falavam mesmo em alugar um helicóptero (se aquilo fôsse um país normal, enfim) e ir ver os combates intensos que se desenrolavam nesse importante «ponto estratégico» da fronteira com a Costa Rica. Falava-se em autênticas carnificinas, num dos momentos mais delicados da revolução.

Daí a dois dias chegavam a Manágua, vindo de Moscovo e Pyongyang, os comandantes Daniel e Humberto Ortega. Na rápida conferência de Imprensa concedida no aeroporto, Humberto Ortega cortou cerce todas as especulações e disse, em resumo, que San Juan del Norte não tinha qualquer importância estratégica, que as tropas sandinistas não tardariam a tomar o controlo da situação, que tudo aquilo era uma manobra de propaganda montada pelo imperialismo e pelos bandos de Pastora, seus cúmplices, para desviar as atenções internacionais depois do desastre diplomático da minagem dos portos. Poucas mais perguntas Ortega consentiu, e, salvo raras excepções, era visível no rosto dos jornalistas aquela esperteza de quem não se deixa ir em conversa de político de esquerda, e, mais a mais, do Terceiro Mundo. No dia seguinte o Ministério da Defesa anunciava num comunicado em três parágrafos que os bandos de Eden Pastora se tinham refugiado, em certa desordem, na Costa Rica e tinham abandonado pura e simplesmente San Juan del Norte.

Com o propósito de demonstrar aos jornalistas qual o verdadeiro significado de San Juan del Norte e qual a situação que ali se vivia, o Ministério da Defesa organizou uma visita a essa pequena localidade, situada a quilómetro e meio da Costa Rica.

Fui um dos jornalistas convidados e a minha sexta-feira de Trevas e Paixão passei-a ali.

Imagine-se uma selva impenetrável, pantanosa, verde, escorregadia, sombreada, com filetes de Sol no chão, e nessa selva, junto a um curso de água, um gigantesco rectângulo desbastado. A parte urbana está separada do logradouro por uma placa de cimento, que salta, com pequenos pontões, sobre um riacho, e que é atravessada, aqui e ali, na diagonal, pelos postes de energia eléctrica. Da parte urbana só restava de pé, assente num espeque apenas, uma casa. O resto estava tudo destruído, mas destruído de tal modo que aí compreendemos como o homem pode mais que os terramotos. A maior sanha destruidora parecia ter-se exercido sobre a Igreja, talvez porque os habitantes de San Juan del Norte há muito tinham abandonado as suas casas e procurado abrigo em zonas mais distantes da fronteira. Só a Igreja terá ficado integralmente mobilada e, por isso, eram todos os seus interiores, durante anos e anos recolhidos na sombra propícia à oração, que ali jaziam, quase obscenos, abertos a todas as curiosidades e a todas as profanações.

Não há qualquer meio terrestre de chegar a San Juan del Norte. Ali só se vai por água ou por ar. Eden Pastora foi por ar, em helicóptero que a CIA lhe forneceu. Surpreendeu ali um grupo de 78 reservistas, um dos quais, já velho, o único habitante da aldeia que decidiu nunca abandonar a sua terra. Segundo nos contaram, 500 homens armados até aos dentes, com lança-foguetes chineses e LAW dos EUA, com morteiros de 61 mm da China e dos EUA, com lança-granadas M-79 dos EUA, com granadas, com canhões sem recuo chineses, com minas Claymor, e «aquecidos» pela profissão de mercenários, lançaram-se ao ataque selvático aos 78 reservistas. Mataram 15, puseram os restantes fora de combate, «ocuparam» aquelas ruínas, e até levaram alguns jornalistas à «zona libertada». Durante os dias 14 e 15 de Abril permaneceram em San Juan del Norte, propagandeada como a «capital» do futuro «território livre» onde se proclamaria uma «independência». Mas chegou o Exército Popular Sandinista. E os valentes ocupantes recusavam o combate. Pura e simplesmente puseram-se em fuga, levando os reservistas feridos, que hospitalizaram em São José da Costa Rica.

Continua na pág. 11

Folhetim artístico

Labirintos labirintianos

José-Augusto França

O centro parisiense da Fundação Gulbenkian organizou agora uma exposição do «Labirinto na Arte Contemporânea», integrada num minifestival do Labirinto, com colóquio concerto (do grupo «Intervalles» de Jean-Yves Bosseur, autor de uma notável comunicação sobre labirinto e forma aberta na música de hoje), um filme de Michel Moy subsidiado pela Fundação, e uma conferência de Gilbert Durand, «Le Dédale ou le chemin le plus long».

A imprensa já noticiou estas coisas e resta-me apenas, como co-organizador delas, em colaboração com o «Centre International de Dédalogie» de Jean-Clarence Lambert, sobre elas reflectir em jeito de folhetim.

«Dedalogia», para começar, é a ciência (ou seja a sociologia senão a antropologia) do labirinto, como forma bem ancestral e metáfora que a(s) cultura(s) ásio-afro-americano-europeias há séculos ou milénios praticam. Não «labirintologia» porque o nome já está tomado pelos anatomopatologistas do ouvido interno que seu labirinto tem também. O Dédalo é o arquitecto grego do labirinto de Creta, com Minotauro no meio e Ariana com seu fio, como todos os dicionários sabem – e James Joyce também soube, com isso dando um dos dois sentidos maiores ao romance (senão meta-romance) moderno. Daí o nome adoptado por este Centro de pesquisa que há um ano organizou primeiras manifestações em colaboração com a Universidade de Amiens, aberta a tais aventuras, graças a uma equipa dinâmica de professores, e que agora ajudou em Paris, e a seguir colaborará em Lisboa, com o Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, que importará em Julho o festival acima referido, com a exposição.

O «caminho mais longo» da conferência de professor Gilbert Durand, director do Centro de pesquisas sobre o imaginário do Centre Nacional de Recherche Scientifique da França que Lisboa, na sua Universidade Nova (e até o Tomar dos Templários) conhece de conferências e colóquios, é, naturalmente (ou fatalmente) aquele que mais nos convém ou nos é possível, único acertado com o destino que acarretamos e fazemos. Porque (e isso tentei dizer no prefácio do catálogo da exposição), se a linha recta é o caminho mais curto entre dois pontos, sempre nos será ignorado quais estes pontos sejam, para além das falsas facilidades da geometria plana, que com o mundo pouco tem que ver ou só por facilidade de perspectivas. Às quais perspectivas, aliás, M. Moy, na sua comunicação ao colóquio, opôs deliberadamente a figura do labirinto, como no seu filme «L'Homme au labyrinthe» se demonstrou, na demanda que nos mostra, de coisa nenhuma, em itinerário nocturno nas ruas de Chartres – em cuja catedral um célebre labirinto está desenhado no pavimento, local de peregrinação e andamento para o absoluto pretendido e ali por força cristã atingível. Ou não.

O chegar ao centro do labirinto, e o dele sair, é o fundo da questão, que é aventura ou certeza, nisso se distinguindo, em esperança, o próprio labirinto da mandala, ou seja o relativo da experiência humana do absoluto da divindade. Assim é que Teseu se safou, como sabemos e o próprio Dédalo mas já não por outras circunstâncias morais da fábula, seu filho Ícaro.

Coisas certas e incertas da mitologia, em que Jean Paris, numa sábia documentação comunicada ao colóquio, fez entrar também Edipo, perguntando-se donde vem toda a sua história bem relacionada com a de Dédalo.

Mas o labirinto é também comportamento político, através do «Troiae Ludus» de que o prof. M. Perniola, da Universidade de Roma, veio falar – e nele se encontrou toda a bibliografia dum Picasso lutando sempre com o Minotauro da sua vida de espanhol, até à Guernica que será monstruosa apocalipse de homens ou bestas nazis, em que tudo se destroi num mundo enraivecido. Disso, ou dos seus prolegómenos, veio falar a Paris o catalão Palau i Fabre.

E labirinto é ainda o sistema informático de comunicação, em termos de «deambulatório-combinatório» de que M. Denjean falou, com exemplos de jogos lineares e verbais que multiplicam, no pequeno écran, as infinitas possibilidades automáticas da criação – perigosissimamente, porém, diga-se... Como labirinto é matriz metafórica dum jogo de cartas de Tarot inventado e estruturado por E. Provost; tendo sido, durante dois ou três séculos, o móbil secreto ou lúdico dos modelos de jardim, na erudita exposição do prof. M. Conan. E espírito labiríntico existe na poesia contemporânea, em condição «sine qua non» da sua demanda, para o prof Durazoi, da Universidade Amiens.

Não falando (e falou-se, na comunicação do prof. P. Mayer, também de Amiens) de Kafka,

Continua na pág. 18

Caminhos para a saída da crise

Blasco Hugo Fernandes

«Conduzir uma Nação, em meu entender, é actuar com o primacial objectivo de que as classes mais pobres e mais numerosas se tornem menos pobres e mais livres»

António Sérgio, in «Democracia», pág. 300

A crise aprofunda-se na economia portuguesa, não devendo, no entanto, ser ela considerada como um fatalismo, mas antes o resultado das filosofias que têm inspirado as políticas económicas e da falta de adequação das várias opções às condições concretas da sociedade portuguesa. Nenhum dos nossos sectores económicos, tomados na sua globalidade, escapa a tal situação de crise. No que concerne à agricultura, aqui em foco, pode esta caracterizar-se por uma forte dependência externa e pelo elevado e crescente défice da balança comercial agrícola. Quanto ao 1.º aspecto, basta reter que em 1982 ela se elevou a 74% para o caso dos cereais, 90% para as oleaginosas, 100% para o açúcar e 10% para as carnes. No que se refere ao segundo, sendo conhecida a insuficiente cobertura das importações pelas exportações agrícolas, ultrapassaram os 50 milhões de contos em 1980 e duplicaram este valor em 1983 (segundo os dados vindos a lume) os défices daquela balança comercial. As proporções e o ritmo de evolução desta, as suas negativas repercussões no desenvolvimento económico global, privilegiam acções tendentes ao crescimento da produção agrícola.

Os caminhos apontados para a saída desta crise enfermam de um inconveniente mediata ou imediatamente paralisante: assentam num mimetismo opcional ou tecnológico, em modelos importados mas indevidamente analisados que, por estarem desligados da realidade agrícola e socioeconómica portuguesa não podendo por esse facto ser compreendidos nem bem acolhidos pelos que os têm de pôr em prática, têm conduzido inevitavelmente às consequências que os indicadores referidos denunciam. É condição **sine qua non** da transformação dinâmica da agricultura portuguesa, na perspectiva de um desenvolvimento firme e autosustentado, o seu entroncamento no quadro físico, socioeconómico, cultural e tecnológico não só do país como das suas regiões constituintes. Importa, por isso, ter presente alguns elementos que permitam a sua caraterização.

As estruturas

De acordo com os dados disponíveis e não deixando de ter em conta as modificações ocorridas após Abril, verifica-se que, no que respeita à dimensão física das explorações agrícolas, prevalece no nosso país a pequena (e média) produção. É de salientar ainda que a forma de exploração por arrendamento (ou similares) abrange aproximadamente 36% das unidades de produção, sendo, por outro lado, cerca de 85% do total destas constituídas por empresas familiares (56% perfeitas em que o agregado familiar vive dos resultados da exploração e 29% imperfeitas onde se busca no exterior a complementação necessária dos rendimentos). O peso específico da exploração por arrendamento e, sobretudo, da empresa familiar não pode, de modo nenhum, ser menosprezado numa política de desenvolvimento sectorial, sob o risco de este dificilmente se consubstanciar.

Idêntica afirmação se pode fazer quanto à idade e ao grau de instrução dos actuais dirigentes das explorações agrícolas. Nesta área de observação manifesta-se um significativo envelhecimento da população activa agrícola que se transfigura, real ou potencialmente, numa relativamente grande resistência à modernização tecnológica, organizativa e administrativa. Nenhuma verdadeira política de desenvolvimento agrícola, quando ela se materializar, o perpetuará, procurando pelo contrário criar condições socioeconómica e culturais que estimulem a fixação de jovens na actividade agrícola. Porém, no seu horizonte imediato iludir-se-ia se acaso ignorasse a circunstância de haver 45% de dirigentes das explorações com idade superior a 55 anos, no momento da definição de medidas e meios visando o aumento da produção e dos rendimentos.

Não se vai muito mais longe quando se focaliza o problema relativo ao grau de instrução dos empresários da agricultura. Com efeito, cerca de 45% dos dirigentes das explorações não sabe ler nem escrever, havendo apenas 0,1% com curso secundário agrícola e 0,2% com curso médio ou superior relacionado com o sector. Tanto este factor como o que foi anteriormente citado armam, isolada ou conjuntamente, um terreno favorável ao tradicionalismo, sendo difícil (para não dizer impossível) vencê-lo de um dia para o outro, criando roturas ou bloqueios quem (a política que) tentasse ultrapassá-lo inopinadamente, desrespeitando as tradições e propensões herdadas historicamente.

Não se entenda com o exposto que se faz a defesa desse condicionalismo, da manutenção do **statu quo** socioeconómico, cultural e tecnológico. Pretende-se, longe disso, realçar a indispensabilidade da inserção dialéctica dos modelos e mecanismos de desenvolvimento na cultura da(s) população (ões)
em causa para que efectivamente se logrem resultados positivos, assegurados não só pelo adequado ajustamento entre os primeiros e a segunda, entre os modelos e a cultura, como também pela maior e/ou completa aceitação e empenhamento obtido por parte dos produtores e da população em geral. Reportando-nos a um estudo da OIT sobre a matéria pode-se asseverar que «uma tecnologia é apropriada se estiver mais em harmonia com as condições locais efectivas e com os objectivos sociais e económicos nacionais do que qualquer outra tecnologia produzindo um bem ou um serviço similar».

(Training managers for appropriate technological choice, Geneve, 1979).

As principais prioridades

O conjunto de dados mencionados anteriormente e a argumentação que a partir dos mesmos se apresentou, acrescidos do facto de nõ se achar ainda esgotada a capacidade produtiva da população activa que actualmente se aplica e labora no sector agrícola nem de haver alternativas extra-sectoriais de incorporação da mão de obra que se tornasse excedentária por eventual opção capital-intensiva na agricultura, advogam a favor de 2 prioridades respondendo não só às exigências atrás aduzidas como também às necessidades de aumentar a produção. A 1.ª consiste no apoio preferencial a empresas cuja actividade se norteia fundamentalmente pela maximização da produção, quais sejam as pequenas e médias explorações de tipo familiar nas zonas minifundiárias, por um lado, e as cooperativas de produção de agricultores e/ou trabalhadores e as unidades colectivas de produção nas áreas geográficas de grande propriedade, por outro. A 2.ª prioridade refere-se à aplicação de inovações tecnológicas conducentes ao aumento da produtividade da terra.

Por estes caminhos se dinamizaria (se dinamizará) a agricultura nacional, colhendo dela o contributo necessário para se vencer a crise económica geral. Para a consecução deste objectivo terão de intervir medidas e instrumentos adicionais que assegurem uma utilização socialmente eficaz dos recursos e das forças produtivas, numa perspectiva de estímulo das formações económicas citadas e, onde indispensável, da sua superação natural, efectiva e harmónica no sector, na articulação deste com os demais. É o caso do planeamento e do crédito agrícola, da regularização dos circuitos de comercialização pela intervenção dos organismos de coordenação económica acumulando funções planificadoras, da assistência técnica e extensão rural. Sobreleva de entre os meios indicados o associativismo agrícola, nomeadamente o cooperativismo como forma de modernização do sector, de melhor organização do trabalho, difusão do progresso técnico, de planificação, de aumento da capacidade negocial, de desenvolvimento regional no quadro de uma política global de ordenamento do território nacional e de propagação dos princípios democráticos «habilitando o homem do povo para o governo económico da sociedade».

As opções, medidas e instrumentos aqui indicados são indispensáveis para se ultrapassar a profunda crise no sector agrícola, colocando-o em condições de responder mais e melhor às solicitações do país e de se lançar no caminho do desenvolvimento.

ponto a ponto

O **Presidente da República** recebeu ontem a direcção da Casa do Pessoal da RTP, que o convidou a assistir à vigésima Corrida TV, no Campo Pequeno — anunciou o Palácio de Belém.

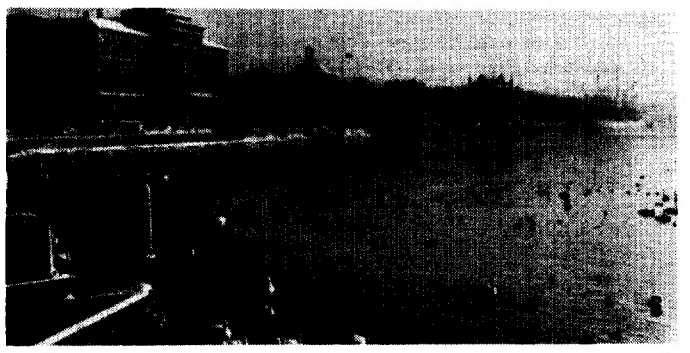
O convite foi aceite pelo general Ramalho Eanes. O chefe do Estado recebeu, também, o embaixador de Portugal em S. Tomé e Príncipe, Francisco Quevedo Crespo.

UMA exposição bibliográfica, de homenagem ao historiador português **Jaime Cortesão,** foi inaugurada na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo.

A mostra, constituída por dezenas de livros e outros documentos, foi organizada pelo médico Divaldo Gaspar de Freitas, que, na ocasião, fez uma conferência sobre «Jaime Cortesão, o Homem».

As duas iniciativas fazem parte das comemorações, no Brasil, do centenário do nascimento do fundador das revistas «Águia» e «Seara Nova».

Outra exposição sobre Jaime Cortesão será inaugurada no dia 1 de Junho, no Centro Cultural «SESC» — Fábrica de Pompeia, também em São Paulo, por iniciativa da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes.



O secretário dos Assuntos Sociais dos Açores visita oficialmente a **Suécia** de 21 a 26 deste mês, a convite do governo deste país nórdico — revelou fonte governamental açoriana.

Durante a visita, Costa Neves manterá contactos com o grupo de técnicos suecos encarregado de estudar a instalação do futuro hospital de Ponta Delgada, deslocando-se aos serviços locais de segurança social com vista a inteirar-se do seu funcionamento.

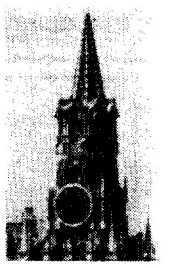
A convite do Comité Central do Partido Comunista Português visitou o Alentejo, nos dias 9, 10 e 11 de Maio, uma delegação do Partido Comunista da Andaluzia (PCE), dirigida por Filipe Alcaraz, secretário-geral do Partido Comunista da Andaluzia e membro do Comité Executivo do PCE.

Dentro do espírito de troca de experiências e informações, a delegação do Partido Comunista da Andaluzia teve um encontro com uma delegação da Direcção da Organização Regional do Alentejo do PCP dirigida por António Gervásio, membro da Comissão Política do CC.

A Convite do Comité Central do Partido Operário Socialista Húngaro visitou a República Popular da Hungria, de 8 a 12 de Maio, uma delegação do Partio Comunista Português composta por Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, Edgar Correia, membro suplente da Comissão Política e Manuela Bernardino, da Secção Internacional.

O **Kremlim** e outros lugares de Moscovo, a República da Geórgia e as cidades de Tbilissi e Leninegrado, são alguns dos pontos a visitar pelos deputados portugueses que partem amanhã para Moscovo.

Tito de Morais e mais seis deputados do PS, PSD, PCP, CDS, MDP e UEDS, que se encontram neste momento de visita a França a convite da Câmara Baixa do Parlamento francês, partem quinta-feira de manhã de avião para Moscovo. O convite foi feito pelo Soviete Supremo.



MOTA Pinto escusou-se a prestar declarações no Aeroporto de Lisboa, à partida para **Bruxelas,** onde participará na denominada reunião da Primavera dos ministros da Defesa dos países da **NATO.**

EM cerimónia realizada no Estado-Maior da Força Aérea, o CEMFA, general Brochado de Miranda, condecorou com a Medalha de Mérito Militar de 1.ª classe o coronel Sanchez Lanuza, que desde Novembro de 1980 vinha desempenhando as funções de Adido Aeronáutico junto da Embaixada de Espanha em Lisboa.

O governo guineense deu o «agrément» ao novo embaixador de Portugal na **Guiné-Bissau,** Barreiros Martins.

Barreiros Martins, até agora conselheiro na representação diplomática de Portugal em Madrid, será o quarto embaixador de Portugal em Bissau, depois de Sá Coutinho, Pinto da França e Luís Menezes Cordeiro.

A Federação Distrital do Porto do PS defendeu a «necessidade de uma intervenção eficaz do Governo» nas áreas da Segurança Social e da Educação.

Nos termos de um comunicado distribuído com as conclusões da reunião de segunda-feira, a Federação considera também ser «de encarar com especial cautela o que disser respeito à reestruturação do sector empresarial do Estado» para «evitar a todo o custo que o mesmo seja alvo de novos ataques».

assembleia da república

Nos bancos da maioria

Governo descontou ontem mais um cheque em branco

Neste Parlamento parece não haver argumentos jurídicos, éticos, políticos, sociais, que possam impedir que se faça o que nos bastidores da maioria seja decidido fazer. Assim aconteceu ontem mais uma vez, ao ser concedida ao Governo uma autorização legislativa para definir ilícitos criminais e penas. Trata-se de um verdadeiro cheque em branco, este mais perigoso que outros que lhe têm sido passados, na medida em que permite atentar contra direitos e garantias fundamentais, e permite legislar praticamente à margem da Constituição, ou até mesmo contra ela.

Assinaram esse cheque, com os seus votos favoráveis, o PS e o PSD. Votaram contra o PCP, CDS, MDP, ASDI, UEDS e o deputado pelo partido «Os Verdes».

Votada na generalidade, a proposta de lei baixa agora à Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias para, no prazo de 15 dias, ser analisada na especialidade, voltando depois ao plenário para votação na especialidade.

Interpretação «correctiva»

Este debate foi pelo menos exemplar como retrato do poder que temos e da forma como é exercido. De facto, em nome de uma maioria que provavelmente já há muito deixou de o ser, na medida em que tem actuado contra todos inclusivamente contra aqueles que a elegeram, o Governo trouxe à Assembleia da República um pedido de autorização legislativa para definir em geral ilícitos criminais e penais. Pretendia assim elaborar diplomas em matéria penal, definindo crimes e penas, «dentro de parâmetros determinados», e alegava tratar-se de «uma medida indispensável para assegurar a função legislativa do Governo, de modo a permitir que as normas por ele elaboradas prevejam sanções adequadas quando forem infringidas.

E talvez porque em tudo isto ressalta bem claro o apetite punitivo do Governo, ele prometia, na nota justificativa, «fazer uso comedido da autorização genérica agora solicitada, tendo em consideração a dosimetria do novo Código Penal».

Claro que isto é claramente anticonstitucional segundo o ponto de vista dos deputados das mais diferentes formações, desde o CDS ao PCP, mas para rodear essa questão, o ministro da Justiça, Rui Machete, defende a curiosa tese da «interpretação correctiva» do texto constitucional.

Esta posição do ministro é desde logo duramente criticada pelo deputado do PCP, José Magalhães. Este afirma que «o Governo não se acomoda à Constituição, acha que ela necessita de correcção e quer fazê-la por via interpretativa».

Nogueira de Brito, do CDS, é também claro ao criticar a diligência do Governo. Considerou-a inconstitucional e deixou desde logo claro que o seu grupo parlamentar não estava inclinado a conceder ao Governo aquela autorização legislativa.

A defesa da iniciativa governamental é feita sem convicção. Montalvão Machado, do PSD, argumenta que «tem confiança no Governo» e em que ele «vai servir-se bem» da autorização legislativa. Mas é justamente falta de confiança no Governo, neste ou em qualquer outro que use estas medidas, que leva os partidos da oposição a recusar o pedido. Para António Taborda, do MDP/CDE, esta proposta de lei é inconstitucional, pois é a terceira vez que vem ao Parlamento, o que é inconstitucional.

José Luís Nunes veio depois à liça para se «cingir apenas ao problema constitucional». Veio de Constituição na mão. Leu artigos, citou parágrafos, tudo para concluir que não era constitucionalmente exigível maior precisão nesta matéria. Não convenceu nenhum dos seus adversários, nem jurídica nem politicamente. Distante de si próprio, acabou por invocar como argumento mais forte a «confiança política» que o seu grupo parlamentar tem no Governo.

Novas freguesias

O debate sobre a criação de novas freguesias, agendado para ontem, acabou por transitar para hoje, devido à falta de tempo. Sucessivos pedidos de interrupção levaram a que a sessão se prolongasse para além da hora prevista.

A questão não é totalmente pacífica e envolve também alguns jogos estratégicos.

Durante o intervalo dos trabalhos do Parlamento os grupos parlamentares da maioria reuniram-se com o ministro Almeida Santos que apenas fez uma pequena intervenção na qual salientou a necessidade de ser mais ponderada a criação de um tal pacote de novas categorias autárquicas.

A criação das novas freguesias implica eleições intercalares nessas novas freguesias. O PS não parece muito interessado de momento em eleições. Por outro lado a criação de novas freguesias terá implicações a nível orçamental.

Almeida Santos retirou-se após a sua exposição deixando os deputaods dos dois grupos parlamentares numa discussão acesa. A ideia geral parece ser de que o processo de criação das autarquias deve continuar como previsto.

Augusto Vilela

Grande Reportagem sobre a UNITA foi proibida?

Redacção desmente Conselho de Gerência da RTP

São aparentemente falsas as razões divulgadas pelo Conselho de Gerência da RTP para a não transmissão, ontem à noite, do programa da Grande Reportagem sobre a UNITA. De acordo com fontes da redacção daquele programa, a reportagem alegadamente realizada no interior de Angola pelo jornalista José Barata Feyo, «estava absolutamente pronta».

O conselho de gerência, em nota ontem divulgada, afirmou que a reportagem seria difundida mais tarde, «por razões de carácter técnico e de garantia de programação». «Esta alteração de programação, dizia-se no comunicado, «não deve prejudicar a continuação da montagem e do acabamento do programa, o qual se encontrava segunda-feira na fase de edição».

Ontem à noite, os jornalistas que se deslocaram à RTP convidados para o visionamento do filme, não o puderam ver porque se encontrava em poder do director de Informação, como prova de que o trabalho ficará pronto a tempo de ser transmitido.

A reportagem, realizada entre 15 de Dezembro e 15 de Fevereiro por Barata Feyo e intitulada «Jita, a guerra dos Robinsons», estivera já para ser emitida em 17 de Abril.

Desconhece-se se e quando o trabalho será divulgado.

Miguel Sousa Tavares, do Gabinete de Grande Reportagem disse à NP que a suspensão da emissão se deve à existência de um estatuto de independência da Televisão.

«Como não há esse estatuto, os embaixadores em Portugal exigem do Governo que a RTP não transmita os programas que não lhes são favoráveis».

Recordando o que há tempos se passou com o probrama sobre a Áfrida do Sul, cuja emissão foi também adiada, Sousa Tavares disse que «era melhor que o Governo fizesse uma lista dos países com quem estamos de boas relações e daqueles sobre quem podemos fazer reportagens».

Barata Feyo, por seu turno, confirmou que o programa estava pronto para ser emitido.

Do Ministério dos Negócios Estrangeiros veio o desmentido formal de qualquer intervenção. Jaime Gama «é responsável pela política externa portuguesa, mas não órgão de tutela sobre qualquer órgão de Comunicação Social», disse um porta-voz.

Recorde-se que a Associação de Amizade Portugal-Angola tinha pedido ao Governo a «proibição imediata» do programa por a sua transmissão constituir «mais uma descarada ingerência nos assuntos internos de Angola», pois «Portugal não pode pactuar com terroristas apátridas ou com mercenários».

O CDS fez, entretanto, divulgar um comunicado em que afirma que a suspensão do programa è lesiva «da liberdade de expressão e informação da autonomia da Televisão face ao Governo».

Machete defende candidato equidistante do PS e do PSD

Rui Machete afirmou ao «Povo Livre» de hoje, que o ideal seria «um candidato presidencial comum ao PS e ao PSD, uma figura equidistante dos dois partidos».

Numa entrevista concedida ao órgão oficial do PSD, hoje posto à venda, o ministro da Justiça refere que se deve «na medida do possível, evitar repercutir no Governo os problemas da escolha presidencial».

Sublinha que «a coligação PS/PSD é instrumental, não deve ser um fim em si própria» e se «devem aprofundar as razões justificativas da sua existência e realizar as reformas que são necessárias e que, em princípio, com este Governo são possíveis».

«Se chegássemos à conclusão de que, afinal, a coligação actual não pode alcançar os objectivos de mudança para que foi criada, então teríamos de pensar noutras fórmulas políticas, de pensar num fase seguinte» — acrescentou.

Considerando a estabilidade importante, mas que «a estabilidade pela estabilidade carece de interesse», Rui Machete acrescenta: «É preciso saber aderir a uma ideia no tempo próprio e romper na altura oportuna».

Rui Machete considera, que «não há democracia válida em Portugal sem os sociais-democratas» e que para se saír da «situação difícil» é preciso que «os portugueses acreditem na própria capacidade criativa e de trabalho».

«É necessário que não cruzem os braços ou se entreguem ao desespero romântico da vigília por um salvador que surgirá numa manhã de nevoeiro ou numa revolução equívoca» — sublinhou.

«Falar verdade ao País» é outro elemento considerado necessário por Rui Machete, que acrescenta: «Dizer que se torna necessário modificar as leis do trabalho para salvar as empresas e evitar mais desemprego; que é preciso que o Estado-administração, os institutos públicos, as autarquias locais respeitem a contenção das despesas; que as empresas públicas têm de ser reestruturadas e algumas terão de desaparecer; que os empresários privados têm de correr riscos e compreender o sentido social da empresa; que os infractores e os corruptos têm de ser punidos».

O MAD em conferência de Imprensa

Os nossos objectivos são mais ambiciosos do que a constituição em partido político

Respondendo a uma pergunta de um jornalista no final da conferência de Imprensa, em que o Movimento para o Aprofundamento da Democracia (MAD) divulgou às suas próximas iniciativas, José Carlos de Vasconcelos membro da Comissão Coordenadora Nacional, refutou as informações vindas a lume sobre a próxima transformação daquele movimento em partido político: «os nossos objectivos são mais ambiciosos do que a constituição em partido político», sintetizou.

A transformação do MAD em partido político, o seu posicionamento em relação ao espectro partidário português, e as próximas eleições presidenciais constituíram os temas mais focados pelos jornalistas numa conferência de Imprensa em que o Movimento para o Aprofundamento da Democracia divulgou as suas próximas iniciativas.

As perguntas dos jornalistas, motivadas por notícias vindas a lume no final da semana passada sobre a transformação daquele movimento em partido político, mereceram a José Carlos de Vasconcelos um pronto desmentido. «Os nossos objectivos são mais ambiciosos do que a constituição de um partido político. O MAD defende uma acção de intervenção social, de reflexão e acção cívica. Desde o Documento dos 199 que os nossos objectivos são diferentes dos de um partido político». Aquele membro da Comissão Coordenadora Nacional ressalvou, no entanto, «que alguns membros do MAD podem dar contributos, a nível individual, a qualquer força política que se venha a constituir». Sobre a possibilidade do movimento vir a patrocinar a candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo às presidenciais de 1985, José Carlos de Vasconcelos remeteu os jornalistas para um excerto da intervenção da própria no Plenário Nacional do Porto: «o Movimento para o Aprofundamento da Democracia não se vê como rampa de lançamento para qualquer candidatura». Não haverá assim, finalizou, um candidato do MAD.

Demoras dos tribunais e regionalização

Diogo Duarte referiu-se, por seu lado, ao lançamento de um abaixo-assinado dirigido ao Presidente da República, presidente da Assembleia da República, ministro da Justiça e Provedor da Justiça para que se ponha termo aos atrasos que se verificam nos tribunais. Por a mudança dos tribunais passar pela reivindicação popular, Diogo Duarte sublinhou que «o povo tem o dever e o direito de exigir que funcionem bem os serviços públicos». Esta iniciativa é a primeira de uma série de outras que irão ser tomadas seguindo a mesma metodologia, tentanto congregar grupos de cidadãos de diversas tendências ideológicas para acções que visam o aprofundamento da democracia.

Alberto Martins abordou a questão da regionalização, um processo que, disse «continua limitado na prática às palavras vazias do poder central». Um extenso documento marca a importância que para o MAD o tema suscita, sintetizado no último parágrafo. «Na actual situação de crise generalizada dos sistemas políticos e de representação política, a regionalização político-administrativa poderá constituir o quadro fundamental para um desenvolvimento centrado nos recursos e capacidades nacionais».

Por fim, foram divulgados os nomes de 13 dos 15 membros do Conselho Consultivo do movimento, que tem por funções servir de órgão de conselho da Coordenadora Nacional. O tenente-coronel na reserva Nuno Fischer Lopes Pires, Mário Neves, prof. Gomes Guerreiro, Sá Borges, prof. Delgado Domingues, Luísa Cortesão, Eduardo Lourenço, Frederico Monteiro da Silva, Boaventura Sousa Santos, dr. João dos Santos, Maria João Seixas, Luís Moita e prof. José Gouveia Monteiro, integram a lista divulgada.

HÁ BEBER E HÁ VIVER

Nos bastidores da remodelação ministerial

Mota Pinto: uma súbita vocação para os Negócios Estrangeiros

O Primeiro-Ministro delcarou ontem aos jornalistas, no final da reunião com o prof. Mota Pinto, em S. Bento, que a remodelação ministerial tem vindo a ser insistentemente anunciada, não é «coisa imediata»: assuntos desta natureza «têm o seu melindre» na justa medida em que se «podem pôr em causa nomes de pessoas».

Para o dr. Mário Soares, importa, antes de mais nada, (foi ele que o disse) fazer-se um balanço do primeiro ano deste nono governo constitucional para se poderem discutir «políticas» que têm de ser alteradas e, só depois, falar-se naquelas que poderão vir a integrar o universo ministerial, e darem, assim, um novo «élan» ao actual Executivo. Não há razões para duvidarmos de que em S. Bento se discute, exaustivamente, até que ponto cada um dos ministérios foi ou não foi, mais ou menos, «eficiente» ao longo de trezentos dias de governação. É, pois, natural, que os dirigentes dos partidos que formam a coligação discutam entre si as políticas passadas e presentes e manifestem o desejo de as alterar em dias futuros.

Acontece, porém, que o atraso na remodelação ministerial deve-se muito mais à dança dos eternos ministeriáveis e aos jogos de influências pessoais, do que, propriamente, ao trabalho de discussão sobre o que foi a actividade governativa durante um ano. Digamos que não tem sido a discussão sobre «políticas» que tem adiado essa tal remodelação anunciada desde que o governo se constituiu. Têm sido os interesses de carácter pessoal e político-partidários que têm impedido a consumação dessa atitude política.

Mário Soares, não disse, por acaso, ser este assunto de grande «melindre», por poder pôr em causa nomes de pessoas.

Proposta de Mota Pinto

Antes de partir para a República Popular da China, para uma visita oficial a convite das autoridades de Pequim, Mota Pinto propôs a Mário Soares algumas mudanças no elenco ministerial. Indicava a saída de Rui Machete do Ministério da Justiça e a sua colocação num Ministério da Reforma Administrativa (a criar) e propunha a entrada de Proença de Carvalho e de Francisco Sousa Tavares: o primeiro, para substituir Machete; o segundo, para titular da pasta da Agricultura.

Esta proposta teria sido aceite por Mário Soares, pelo menos para discussão. Rui Machete, porém, discordou dela e não aceitou deixar-se transferir do Ministério da Justiça para o da Reforma Administrativa ou, até mesmo, para qualquer outro. A atitude do ministro, que deseja continuar onde está, inviabilizou «ab initio» a proposta do vice-primeiro-ministro e tudo voltou à primeira forma.

Regressado da China, Mota Pinto propôs uma nova alteração ao elenco governativo: ocupar ele próprio a pasta dos Negócios Estrangeiros, manter o cargo de vice-primeiro-ministro e proceder-se à transferência de Jaime Gama para a titularidade da pasta da Defesa Nacional.

Em alternativa à sua pessoa, o prof. Mota Pinto indicava o dirigente do PSD Rui Almeida Mendes.

Se Mário Soares era capaz de aceitar a inclusão de Proença de Carvalho, de Francisco Sousa Tavares e a transferência de Rui Machete, já o mesmo não acontece em relação ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Segundo fontes próximas do gabinete do vice-primeiro-ministro, o PS parece não estar disposto a abandonar o Palácio das Necessidades em «troca seja do que for». Por outro lado alguns dirigentes do Partido Socialista dizem não perceber esta súbita vocação de Mota Pinto para os Negócios Estrangeiros. Acusam-no, inclusivamente, de praticar diplomacia paralela e de discursar sobre questões de política externa tal como aconteceu na sua viagem à República Popular da China. Esta viagem, de resto, causou algum mal-estar no seio do Governo, designadamente entre os socialistas, e, também, no Palacio das Necessidades.

Convite de Pequim

Sabe-se que Mota Pinto aceitou um convite feito há muito tempo pelas autoridades de Pequim, e materializou-o sem que tivesse dito, com uma certa antecedência, ao ministro Jaime Gama. Afirmam os socialistas que só souberam da partida de Mota Pinto para a China quando o professor já tinha as malas feitas.

O titular dos Negócios Estrangeiros, que se encontrava em África quando o vice-primeiro-ministro partiu para aquele país, viu-se obrigado a adiar «sine die» a sua viagem a Pequim, que visitaria uma semana depois de Mota Pinto por lá ter passado.

Fontes partidárias reconhecem que o ministro da Defesa não só praticou e pratica diplomacia paralela, como muitas vezes fala de coisas em relação às quais está pouco familiarizado. Comentam, com ironia, uma proposta que o prof. Mota Pinto fez às autoridades militares chinesas e que já deixou estarrecidos os comandos militares portugueses quando dela tiveram conhecimento. Consta em meios diplomáticos que o vice-primeiro-ministro propôs à chefia do grande Exército Popular a prestação dos serviços de manutenção à Força Aérea Chinesa nas nossas oficinas de Alverca... Comentando esta inverosimil proposta, dizia-nos anteontem um distinto oficial superior das nossas Forças Armadas: «E por que não deverão os chineses aceitar? Eu próprio tenho um amigo em Estocolmo, que tem uma boa oficina de reparação de automóveis e que faz preços acessíveis. Sempre que quero arranjar o meu carro vou até à capital sueca. O problema é ir, e às vezes voltar»...

Não se sabe se nesta fase de discussão sobre «políticas» e hora de balanço sobre a actividade governativa, os dirigentes dos dois partidos da coligação e membros do Governo abordarão alguma vez erros diplomáticos que cometem, os quais, muitas vezes sem serem graves, são desprestigiantes. Ou apenas se discutirão os nomes dos ministeriáveis e eventuais ex-ministros: se Veiga Simão deve ou não sair, porque o PSD assim o deseja, se Mota Pinto deverá substituir Jaime Gama no Palácio das Necessidades, se Rui Machete teima em não sair do Ministério que ocupa, enfim, se não há remodelação ou ela se retarda por força dos infindáveis interesses pessoais e político-partidários.

José Manuel Saraiva

Cimeira da confusão

O Primeiro-Ministro Mário Soares ontem na sua residência oficial em S. Bento: *não há cimeira...* Poucos minutos depois, tendo ainda como interlocutores os jornalistas: «por favor, não dêem ao povo um ambiente de especulação...». Horas mais tarde, na Assembleia da República: «houve cimeira e discutiram-se coisas importantes...», revela ao «DL» o ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo.

Eles não acertam agulhas e a Imprensa, para não *especular,* deve ficar de bico calado.

Maneiras de ver...

M.A.

Remodelação na ordem do dia

Com ou sem cimeira, consoante se acredite na versão Mário Soares — não houve cimeira... —, ou na versão Amândio de Azevedo — houve cimeira... —, a próxima remodelação ministerial continua a morar na primeira fila das preocupações dos parceiros do Bloco Central.

Por parte dos sociais-democratas, o assunto até mereceu que se convocasse para ontem uma reunião extraordinária da Comissão Permanente do PSD. Da reunião, presidida pelo vice-presidente do partido, Rui Machete, saiu um convite para vários dirigentes sociais-democratas, de «várias sensibilidades», se reunirem hoje na sede do PSD para discutirem a remodelação do Executivo e a situação política do País.

Entre os convocados contam-se João Salgueiro e Marcelo Rebelo de Sousa.

Álvaro Cunhal no regresso da URSS

Mudança política tardará

A situação política nacional «não se resolve com remodelações, nem ministros a mais ou ministros a menos, mas sim com uma mudança real de política» — considerou Álvaro Cunhal à sua chegada ontem a Lisboa, vindo de Moscovo, onde se avistou com o líder soviético Constantin Tchernenko.

Recebido no aeroporto pelo embaixador da URSS e por José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, Álvaro Cunhal diria ainda sobre a situação portuguesa que a referida mudança de política será uma realidade «que não virá tão longe como desejam aqueles que hoje dispõem do poder».

Este não é "mais um" cartão, é uma vida mais fácil para si!

A «Campanha de Colaboração com o Surdo» lançou este cartão de modo a tornar mais fácil o dia-a-dia daqueles que são surdos totais ou apenas ouvem mal.

Se você tem dificuldades auditivas, sempre que precisar de ajuda, pode agora mostrar o seu Cartão e terá um atendimento especial em todos os locais que tenham afixado o símbolo da Campanha.

Este não é apenas «mais um cartão». É um cartão **para si.**

Apresente-o sempre que necessário.
Solicite-o na Associação Portuguesa de Surdos.
Av. da Liberdade, 157 - 2.º Dt.º - 1200 LISBOA

Campanha de Colaboração com o Surdo

Secretariado Nacional de Reabilitação

Pessoal da CIFA em vigília no Porto

Os trabalhadores da CIFA, de Valongo, encontram-se em vigília permanente (desde a passada segunda-feira e até sexta) junto ao Governo Civil do Porto e à delegação do Ministério do Trabalho, a fim de denunciarem a situação naquela empresa dos Mellos, que não paga salários há 15 meses.

Num documento distribuído á população, o pessoal da CIFA, paralisada há mais de um ano, além do não pagamento dos salários denuncia estar ameaçado o futuro dos 1700 postos de trabalho. Sublinha que os 300 mil contos de salários devidos aos trabalhadores trouxeram prejuízos incalculáveis ao concelho de Valongo, nomeadamente ao comércio local.

O documento diz ainda que desde 1979, altura em que os Mellos compraram a empresa por um preço insignificante, as dívidas passaram de 750 mil contos para 2,5 milhões de contos; e que desde então sucederam-se os ataques às liberdades sindicais, aumentou a repressão e os direitos fundamentais dos trabalhadores começaram a ser postos em causa.

Entretanto, está marcada para a próxima sexta-feira uma marcha a pé, na distância de 25 quilómetros, que partirá das instalações fabris da CIFA, em Sobrado, Valongo, até à delegação do Ministério do Trabalho, no Porto.

Trabalhadores da CIFA em vigília junto ao Governo Civil do Porto

"Há famílias no Alentejo a passar fome"

— *diz o Sindicato Agrícola de Évora*

O Sindicato Agrícola de Évora contestou recentes afirmações do governador civil do distrito, a um semanário, em que referia ser «absolutamente falso haver fome no Alentejo».

Em comunicado, o Sindicato Agrícola critica as afirmações do chefe do distrito e refere que «há famílias no distrito com fome e são dezenas as pessoas que têm vendido os seus haveres para poderem alimentar a família».

Para o Sindicato as declarações de Mira Branquinho ao semanário «são demagogia barata, estando a mentir ao povo e ao País».

No documento, a estrutura sindical critica ainda o governador civil pelo facto de «não receber as delegações de desempregados que lhe têm solicitado audiências com o objectivo de darem a conhecer a situação em que se encontram».

«Se o senhor governador recebesse as delegações ficaria então documentado para dizer com a verdade que no distrito há famílias com fome» – sublinha o documento sindical.

O sindicato contesta o plano de combate ao desemprego no Alentejo, iniciativa dos governadores civis da zona da Reforma Agrária, considerando que o mesmo «não só nada resolveu, como aumentou ainda mais o número de desempregados».

Mira Branquinho, e segundo ainda o semanário em questão, foi peremptório em garantir que «não há uma única família no Alentejo que não tenha os rendimentos mínimos necessários à sua subsistência».

Semana inglesa

Câmaras que não aprovam cederam a "pressões"

Lisboa, Lagos, Sintra, Santarém e Oeiras, são alguns exemplos de Câmaras que «não resistiram às fortes pressões do grande capital comercial e dos interesses especulativos das grandes superfícies e dos centros comerciais no sentido de serem totalmente liberalizados os despedimentos», acusa, em comunicado, a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio e Serviços.

E isto, prossegue a federação, apesar de já haver cerca de 250 Câmaras no País que aprovaram propostas ou regulamentos que consagram a semana inglesa no período de funcionamento dos estabelecimentos comerciais.

Recorde-se que este processo teve início com a aprovação pelo Governo de um Decreto-Lei que determinava a aprovação (ou confirmação) até dia 25 de Maio pelas Câmaras Municipais de regulamentos que determinassem o período de funcionamento dos estabelecimentos comerciais. Se tal não se verificasse, os horários das lojas seriam liberalizados podendo abrir todos os dias da semana entre as 6 e as 24 horas.

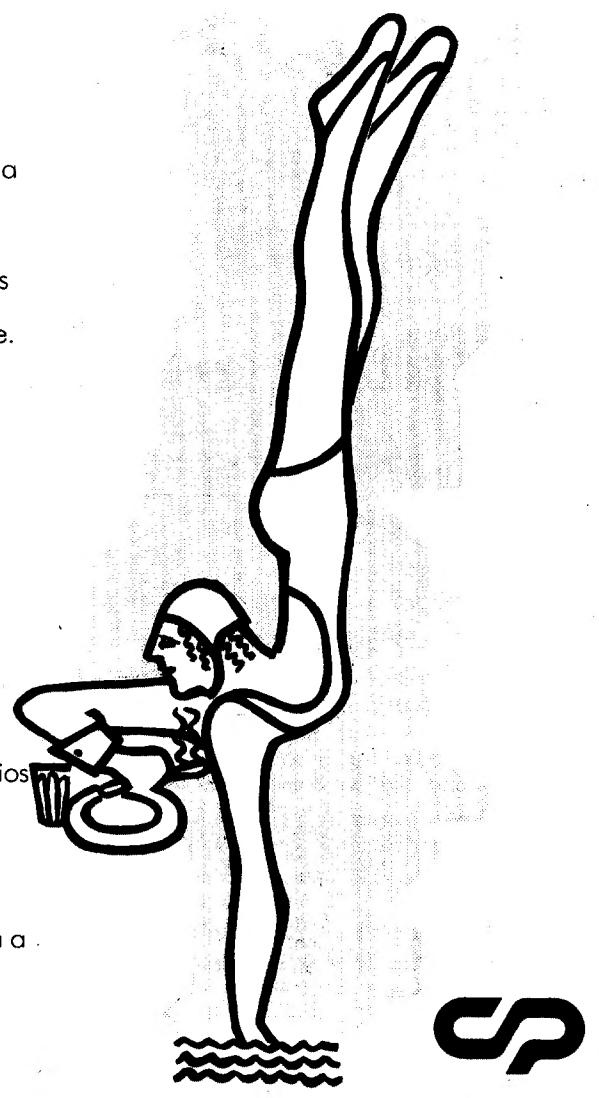
Apesar da «expressiva maioria de concelhos de norte a sul do País onde a semana inglesa será cumprida por imposição regulamentar» salientando-se mesmo casos onde ela não estava consagrada mas onde poderá vir a concretizar-se – caso do concelho de Cascais em que a respectiva Câmara apresentou um regulamento para parecer sindical –, o certo é que ainda subsistem exemplos em sentido contrário.

A Federação assegura que os trabalhadores e as suas organizações sindicais «tudo continuarão a fazer no sentido de garantir no máximo de concelhos possível de todo o País, o cumprimento da semana inglesa, no comércio, para garantia de um direito social adquirido com o 25 de Abril, para preservar a defesa do pequeno e médio comércio contra a gula insaciável do grande capital».

LISBOA E ALGARVE MAIS PRÓXIMOS

Dois novos comboios directos diários!

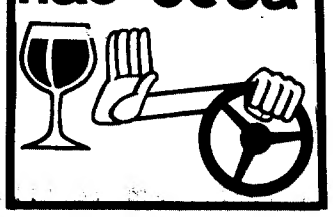
A partir de 3 de Junho próximo, a CP põe à sua disposição novos e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve. Trata-se de 2 novos comboios directos com reserva de lugar, **ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes em 40 minutos.** Por outro lado, os horários do comboio rápido Sotavento foram reformulados, por forma a torná-lo ainda mais funcional e acessível.



C.P. / Gabinete de Design

Dê um mergulho no Algarve.
Ou venha almoçar a Lisboa.
De comboio, claro.

Se conduzir não beba



Pode dizer-se que, durante cerca de vinte anos, um homem fez «estátua» perante a Televisão. Esse homem tinha propostas fraternas, questões de interesse comum, a verdade adequada às coisas todas — e o olho implacável do pequeno «écran» nunca lhe foi amistoso. Dir-se-ia que o rectângulo luminoso do aparelho de TV lhe queria impor outros objectivos que não os de interesse de uma comunidade toda. Recuando a tempos de muita triste memória (quando nem sequer havia Televisão em Portugal), poderíamos estabelecer uma analogia para bem sublinhar a situação desse homem diante do televisor: a do cidadão perante a Polícia política. Imaginemos (ou melhor: lembremo-nos): o detido, o preso, o condenado está, de pé, perante o «pide». O primeiro tem a resposta exacta (assim como a soma de dois e dois igual a quatro) — e o segundo, sentado e frio, não aceita tal afirmação. Vão decorrendo as horas, uma a uma, noite e dia, e o frente a frente mantém-se inalterável. Diz o cidadão: Dois e dois são quatro... *Diz o «pide» (revezado, logo fresco, no correr do tempo):* O que interessa não é isso... *Pois bem: o homem a quem nos vimos referindo, os olhos postos na máquina de emitir imagens, viveu, muitas e muitas vezes, uma situação semelhante. Ele sabia do rigor das coisas e do movimento que lhes é inerente (como elas surgem, se transformam, se revelam com novas qualidades) — e muito admirado ficava quando, no espaço do televisor, as coisas se mantinham sempre as mesmas, absolutamente nada de acordo com a realidade e ignominiosamente contrárias à verdade de todo um povo.*

«Será dos meus olhos...? — perguntou-se, um dia, o homem que fazia estátua perante a televisão.

Mas não era. O seu intelecto, a sua sensibilidade, a sua cultura, mantinham-se amplos, seguros e fraternos. Só que, muito para além do vidro aceso do televisor, existia uma complexa máquina que sistematicamente deformava as coisas, fraccionava a realidade, trocava os nomes, por assim dizer. aos factos. Uma máquina, pois, mistificadora, posta ao serviço dos «senhores» de Portugal. Essa máquina adulterava as imagens, impunha aos olhos um modo perverso e quase fisiológico de ver as coisas — e, porque assim era, com uma certa naturalidade (ou indiferença...?) que multidões de telespectadores aceitavam o que lhes era dado ver.

Só que o homem que fazia «estátua» diante do televisor se não deixava enganar — e diariamente criticava a mentira exposta, o engano sistemático, a escolha das aparências e não a eleição da verdade, **daquilo que é,** da realidade nua e crua. A bem dizer, esse homem era um grego na praça pública da sua crítica diária: argumentava, não impunha uma opinião pessoal — e mesmo quando a veemência o tomava tal acontecia pelo muito amor que tinha às ideias claras e distintas que a vida exige. Quem, porventura, o interpretou mal num passo e noutro passo da sua pedagogia quotidiana, certamente que (e sem ofensa nenhuma) se deixava descair por distracção para o lado obscuro da nossa existência comum...

Castrim: 20

Pedro Alvim

Esse homem chama-se Mário Castrim, é óbvio. Abandona a crítica diária que fazia às emissões da TV, embora outras formas de colaboração o vão manter (como sempre) homem do «DL». Abandona a crítica, a presença constante diante do pequeno «écran», porque outras coisas o chamam. Ou melhor: outros prazeres que a escrita proporciona...

«Não – diz-nos, não abandono a actividade crítica por cansaço. Embora, claro, não seja impunemente que se passam cerca de vinte anos nesse 'safari' dos demónios. Anos e anos em que só se pensa na televisão, anos e anos com os olhos crucificados num pequeno rectângulo em que todo o universo se resumia...»

«Mas esse contacto não vai desaparecer...»

«De maneira nenhuma. Vai apenas assumir novas formas. Mesmo no que respeita à crítica, ela permanece sob a forma de publicação semanal. Não haverá, pois, ruptura, haverá outra maneira de. Outro ritmo, talvez também outra serenidade...»

Três reacções

«Mas essa actividade semanal, de apreciação pedagógica das emissões da TV, não irá afectar essa serenidade...?»

E Mário, muito calmo, os olhos num certo nervosismo meu:

«Bom, quem corre por gosto não cansa... E depois **'Il n'y a pas d'amour hereux'.** Amei e amo o meu trabalho a ponto de lhe ter sacrificado tudo – os meus dias, as minhas noites, a minha intimidade familiar, os meus sonhos. Engoli os insultos cegos que me dirigiram e comovi-me com muitas e muitas cartas de apoio que, ao longo dos anos, fui recebendo. Por vezes, na rua, recebia um abraço...»

«Mas como irão reagir os leitores...? Aqueles que te escreviam amistosamente, aqueles que, reconhecendo-te, te abraçavam na praça pública...?»

«Penso que me vão compreender...»

E, homem do «DL», peremptoriamente:

«E vão continuar a ler o nosso jornal, como procedem, aliás, os leitores que procuram uma informação correcta, sem servilismos. Assim tem sido o «DL» há 64 anos, assim continuará a ser».

«E os profissionais da televisão...? Como irão reagir os profissionais da televisão...? Será que eles dirão: 'Até que enfim...»

«Não penso assim... Olha: os profissionais honestos creio que vão ter alguma pena. E sabes porquê...? Certamente que sabes: a crítica é sempre uma boa companhia. Agora quanto aos profissionais da má-fé...»

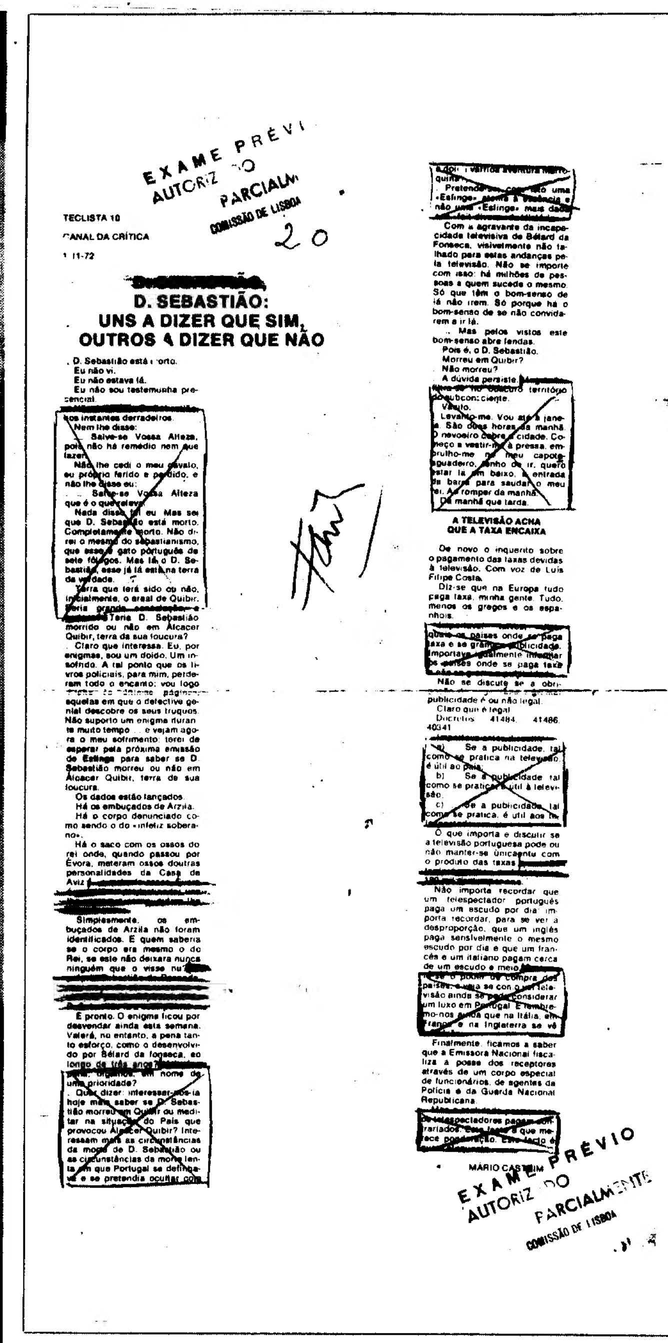
«Diz...»

«Os profissionais da má-fé, da rasteira e da mentira, esses vão sentir-se aliviados: a crítica é sempre uma testemunha incómoda...»

E consciente da actividade crítica (actividade, aliás, que Mário irá exercer semanalmente no «DL»):

«Essa missão de dar testemunho, que é a vocação sacerdotal, digamos, da crítica de televisão, deve permanecer no seu máximo rigor...»

O papel na máquina, a memória da TV nos olhos (Foto de Rui Pacheco)



EXAME PRÉVIO AUTORIZADO PARCIALMENTE COMISSÃO DE LISBOA 20

TECLISTA 10

CANAL DA CRÍTICA

1-11-72

[redacted]

D. SEBASTIÃO: UNS A DIZER QUE SIM, OUTROS A DIZER QUE NÃO

D. Sebastião está morto.
Eu não vi.
Eu não estava lá.
Eu não sou testemunha presencial. [redacted] nos instantes derradeiros.
Nem lhe disse:
— Salve-se Vossa Alteza, pois não há remédio nem que fazer.
Não lhe cedi o meu cavalo, eu próprio ferido e perdido, e não lhe disse eu:
— Salve-se Vossa Alteza que é o que releva.
Nada disse tal eu. Mas sei que D. Sebastião está morto. Completamente morto. Não direi o mesmo do sebastianismo, que esse é gato português de sete fôlegos. Mas lá, o D. Sebastião, esse já lá está na terra da verdade.
Terra que terá sido ou não, inicialmente, o areal de Quibir. Seria grande [redacted] Teria D. Sebastião morrido ou não em Alcacer Quibir, terra da sua loucura?
Claro que interessa. Eu, por enigmas, sou um doido. Um insofrido. A tal ponto que os livros policiais, para mim, perderam todo o encanto: vou logo [illegible] páginas, aquelas em que o detective genial descobre os seus truques. Não suporto um enigma durante muito tempo... e vejam agora o meu sofrimento: terei de esperar pela próxima emissão de Esfinge para saber se D. Sebastião morreu ou não em Alcacer Quibir, terra de sua loucura.
Os dados estão lançados.
Há os embuçados de Arzila.
Há o corpo denunciado como sendo o do «infeliz soberano».
Há o saco com os ossos do rei onde, quando passou por Évora, meteram ossos doutras personalidades da Casa de Aviz [redacted]
Simplesmente, os embuçados de Arzila não foram identificados. E quem saberia se o corpo era mesmo o do Rei, se este não deixara nunca ninguém que o visse nu? [redacted]
E pronto. O enigma ficou por desvendar ainda esta semana. Valerá, no entanto, a pena tanto esforço, como o desenvolvido por Bélard da Fonseca, ao longo de três anos? [redacted] em nome de uma prioridade?
Quer dizer: interessar-nos-ia hoje mais saber se D. Sebastião morreu em Quibir ou meditar na situação do País que provocou Alcacer Quibir? Interessam mais as circunstâncias da morte de D. Sebastião ou as circunstâncias da morte lenta em que Portugal se definhava e se pretendia ocultar com [redacted] quina.
Pretende-se [redacted] uma «Esfinge» [redacted] e não uma «Esfinge» mais dada [redacted]
Com a agravante da incapacidade televisiva de Bélard da Fonseca, visivelmente não talhado para estas andanças pela televisão. Não se importe com isso: há milhões de pessoas a quem sucede o mesmo. Só que têm o bom-senso de lá não irem. Só porque há o bom-senso de se não convidarem a ir lá.
... Mas pelos vistos este bom-senso abre fendas.
Pois é, o D. Sebastião.
Morreu em Quibir?
Não morreu?
A dúvida persiste. [redacted] no obscuro território do subconsciente.
Vamos.
Levanto-me. Vou até à janela. São duas horas da manhã. O nevoeiro cobre a cidade. Começo a vestir-me à pressa, embrulho-me no meu capote-aguadeiro, tenho de ir, quero estar lá em baixo, à entrada da barra para saudar o meu rei. Ao romper da manhã.
Da manhã que tarda.

A TELEVISÃO ACHA QUE A TAXA ENCAIXA

De novo o inquerito sobre o pagamento das taxas devidas à televisão. Com voz de Luís Filipe Costa.
Diz-se que na Europa tudo paga taxa, minha gente. Tudo, menos os gregos e os espanhois.
[redacted] quais os países onde se paga taxa e se gramam publicidade. Importava igualmente informar os países onde se paga taxa [redacted]
Não se discute se a obri[redacted] publicidade é ou não legal.
Claro que é legal.
Decretos 41484, 41486, 40341.
[redacted]
a) Se a publicidade, tal como se pratica na televisão, é útil ao país;
b) Se a publicidade tal como se pratica é útil à televisão.
c) Se a publicidade tal como se pratica, é útil aos te[redacted]
O que importa e discutir se a televisão portuguesa pode ou não manter-se únicamente com o produto das taxas [redacted]
Não importa recordar que um telespectador português paga um escudo por dia: importa recordar, para se ver a desproporção, que um inglês paga sensivelmente o mesmo escudo por dia e que um francês e um italiano pagam cerca de um escudo e meio [redacted] o poder de compra dos países, e veja se com o [redacted] televisão ainda se pode considerar um luxo em Portugal. E lembremo-nos ainda que na Itália, em França e na Inglaterra se vê [redacted]
Finalmente, ficamos a saber que a Emissora Nacional fiscaliza a posse dos receptores através de um corpo especial de funcionários, de agentes da Polícia e da Guarda Nacional Republicana.
[redacted] de telespectadores pagam contrariados. [redacted] que merece ponderação. [redacted]

MÁRIO CASTRIM

EXAME PRÉVIO AUTORIZADO PARCIALMENTE COMISSÃO DE LISBOA

Uma prova censurada. Data: 1 de Novembro de 1972

anos de “estátua” perante a TV

Há grades na TV. Quando se libertará a verdade...?

Grande tensão

Um café, uma pausa – e Mário:

«Estamos a atravessar momentos de grande tensão, com alguns a puxar Portugal para o reino das antigas trevas e uma grande parte do povo português a lutar por manter a sua Pátria nos caminhos de Abril. Ora a televisão...»

«Continua...»

«Ora a televisão toma abertamente a voz pelas forças mais negras, mais obscurantistas. Assim, a crítica de televisão tem de estar atenta, acender ainda mais o espírito crítico, promover mesmo a resistência contra a desinformação, a má-fé, a mentira. Digo-te: olhar para uma televisão e cruzar os braços, é uma pessoa deixar-se cair na teia da aranha».

E com a mão no meu ombro:

«É preciso quebrar as grades da prisão em que uma TV medíocre nos quer encerrar, não nos esquecermos nunca de que temos as nossas asas...»

«De acordo...»

E Mário:

«A crítica diária de Televisão, estou certo disso, vai constituir riquíssimo material de estudo para quem, um dia, se quiser debruçar sobre o nosso tempo passado e actual. Não me refiro apenas à minha, está bem de ver, mas a tantas e tantas outras...»

«Podias pensar num livro...»

«Várias editoras têm insistido comigo no sentido de publicação das minhas críticas em livro. Mas estás a ver...? Isso dava qualquer coisa como cerca de quinze mil páginas...»

«Fazia-se uma selecção...»

«Sim, era uma maneira de. Mas há duas coisas. Primeiro, tenho pouco tempo para reler o que escrevi. Ruminar não é comigo. Depois, creio que uma publicação em livro teria o máximo interesse, isso sim, se as críticas pudessem ser publicadas na íntegra, ou seja, se fosse publicado tudo o que a Censura cortou ao longo de dez anos. Até ao 25 de Abril de 74... Posso-te garantir que em dez anos não houve um único dia em que a Censura não me mutilasse, não me arrancasse os olhos. Em dez anos nunca os meus leitores viram uma crónica minha completa. Quer dizer: houve uma excepção... E sabes quando...? Precisamente a crónica do dia 24 de Abril d3 1974. O linguado tem escrito pela mão do próprio censor: 'Vá, por esta vez escapou...'»

Pluralismo...?

E referindo-se ao papel que deveria competir à Televisão:

«A Televisão, em Portugal, não tem cumprido no que lhe seria exigido em termos de aproximação à cultura, ao conhecimento das nossas raízes e à discussão ou avaliação da nossa actualidade. Presentemente, ao nível da Informação permanece em vigor a síndroma da AD, fortalecido com novas afluências...»

«Isso significa que o pluralismo...»

«Não sejas ingénuo! Pluralismo...? Uma treta! A lei obriga, mas a RTP não cumpre. Não cumpre aí, como não cumpre noutros pontos. Veja-se o que se passa com os funcionários injustamente despedidos, legalmente reconduzidos aos seus postos – e a RTP sempre a fugir sistematicamente com o rabo à seringa... Depois, ainda tem o desplante de falar em Direitos Humanos. Sinceramente, que farsantes...»

«Acredita em mim, Mário. Conheço muitas pessoas que dizem que tu politizas tudo quanto vês na Televisão...»

«Boa cantiga essa! Boa cantiga essa, a da politização da crítica! Se há pessoas que assim falam, tenho de repetir o chavão de que tudo é política...»

«Mas acusam-te de partidarização...»

«E porque não...? Assumir-se cada qual partidariamente foi uma das vantagens que o 25 de Abril nos trouxe. Mas se há quem deva ser acusado e censurado por isso, esse é o Telejornal. Ele é um órgão de Informação estatal, não partidária, mas na realidade è como órgão partidário ou bipartidário (tripartidário, se atentarmos em que o CDS também por lá faz uma perninha...) que ele se apresenta.»

Outro café. E depois:

«Já agora quero pedir-te que me deixes acrescentar mais uma coisa. Se eu fosse a referenciar diariamente as situações em que a RTP manda vir contra as organizações de esquerda posso garantir que o **Canal da Crítica** não teria espaço que bastasse...»

«Então, agora, só semanalmente...»

«Bem, isso não quer dizer que o **Canal** não volte pontualmente, por períodos, à sua natureza de crítica diária. Depende das circunstâncias. Mas, de momento, parece-me que a publicação semanal é a que melhor se adapta às minhas possibilidades.»

Oh, o «Juvenil»!

«Qual foi o teu momento mais rico no «DL», para além da crítica à Televisão...?»

Mário , com os olhos atirados para muito longe:

«Pessoalmente, considero que a parte mais enriquecedora da minha vida foram todos aqueles anos que dediquei ao «Diário de Lisboa/Juvenil»... Foi um tempo maravilhoso, foi uma obra extraordinária. Posso dizer, com orgulho, que o «Diário de Lisboa/Juvenil» foi um autêntico marco na História do jornalismo em Portugal. Uma riqueza incalculável, infelizmente ainda por contabilizar. Olha à tua volta, repara na geração de escritores e jornalistas que vêm da geração de 60: todos, ou quase, nasceram no «Diário de Lisboa/Juvenil». Sinto que lhes dei o melhor que em mim havia. Afianço-te: o «Diário de Lisboa/Juvenil» é bastante para encher uma vida. A minha, só com ele, já ficaria justificada.»

«Bem...»

«Agora que o **Canal da Crítica** vai assumir novas obrigações, se me permites, mais duas ou três palavras da memória de mim. Uma, para o dr. Mário Neves, por cuja mão a crítica da TV entrou no «Diário de Lisboa», e sempre acreditou em mim. A segunda, para o dr. Norberto Lopes, que, discordando várias vezes das minhas críticas, nunca exerceu pressão sobre o meu aparo. Outra, não menos grata, para o dr. Ruella Ramos, cujo apoio nunca me faltou em tantas horas difíceis. Finalmente, uma palavra para o Amadeu Ramires, o meu compadre Amadeu, falecido há poucos dias: ele foi o meu grande instrutor nas engrenagens de um jornal e meu grande mestre nas engrenagens da vida.»

«Bem, Mário, que vais tu fazer agora...?»

«Vou fazer agora como que uma reaprendizagem da vida. Vou ver se ainda me lembro dos olhos das manhãs, do rosto das noites, dos abraços dos amigos. Vou descobrir o encanto de um jantar comido à mesa com a família, em lugar de roer a perna de frango diante do televisor, ou a perna do televisor diante do frango, sei lá...»

«Enfim, os teus sonhos...»

«Exacto, os meus sonhos. Os versos que não escrevi, os romances que não publiquei, os livros infantis que estão na gaveta ou nas caves da memória sensível. A pouco a pouco a minha cabeça foi-se transformando num grande jardim de estátuas à espera de acordarem...»

«E vão acordar...?»

«Pois a aposta é essa. Veremos se o que resta de mim ainda está suficientemente vivo...»

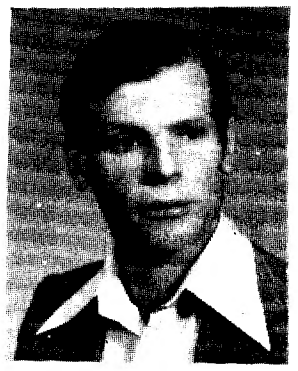
Foi tudo: saímos os dois, a caminho de um almoço – e Mário, fechando a porta, olhou (o que são os homens: tinha lágrimas nos olhos...) para o aparelho de televisão, muito quieto e silente, num canto de sua casa.

de ontem para hoje

«Café Portugal» de Évora: mais um que fechou as portas

O «Café Portugal», um dos mais antigos de Évora, encerrará hoje por motivos de ordem financeira, colocando no desemprego quinze pessoas. A situação económica do estabelecimento agudizou-se em Abril e agora a administração decidiu-se pelo encerramento. Fundado em 1951, o «Café Portugal» viria a falir dez anos depois tendo sido entregue aos credores e depois a uma administração nomeada pelo tribunal, que viria a reabri-lo, tornando-se então tertúlia de estudantes, artistas e intelectuais.

Silêncio sobre a morte de Artur Silva



A Polícia Judiciária mantém o mais absoluto silêncio sobre as diligências efectuadas em redor da morte do técnico de som da Rádio Renascença, Artur Manuel da Costa Silva, de 40 anos, ocorrida faz hoje precisamente um mês. O cadáver, tal como noticiámos, foi encontrado na casa da vítima, na Rua Alves Torgo, ao Areeiro, em Lisboa, e apresentava inúmeros golpes de arma branca na região do pescoço e três ou quatro ao nível da cabeça. Regista-se, a propósito, que um silêncio semelhante envolve o assassínio do jornalista Rebelo Carvalheira, de «A Bola», cujo corpo apareceu também no quarto onde vivia sozinho, na Rua Carlos Mardel, com ferimentos múltiplos provocados por objecto cortante.

Selos brasileiros roubados na FIL

Cinco folhas de colecção de selos brasileiros e peças filatélicas foram roubadas de uma vitrina da exposição «Lubrapex» na Feira Internacional de Lisboa. Os selos desaparecidos e as peças são considerados os menos valiosos da colecção do expositor brasileiro na «Lubrapex». A segurança descobriu o furto ao passar revista às instalações.

Falso médico detido em Beja

Um funcionário público que há tempos frequentava o Hospital de Beja, tendo mesmo dado consultas particulares a algumas doentes, foi detido e presente no Juízo de Instrução Criminal que o restituiu à liberdade mediante a caução de quinze contos. Eduardo Francisco da Costa Mariano, de 32 anos, solteiro, natural de Ourique mas radicado em Queluz, foi detido após denúncia do director daquele hospital, sendo considerado responsável pela intoxicação medicamentosa de, pelo menos, uma das pacientes que consultou. O tribunal determinou que o falso médico deveria ser submetido a um exame psiquiátrico.

Feto descoberto no vazadouro de Boba

No vazadouro de Boba funcionários de limpeza da CML encontraram um feto, do sexo feminino, dentro de um saco de plástico de cor azul. O feto, que estava embrulhado numa camisola de lã de cor vermelha, foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

Arrastão português naufragado em Angola

Os 33 tripulantes do arrastão português «Praia Amélia», que segunda-feira passada naufragou ao largo da costa de Angola chegaram ontem a Luanda a bordo de outro arrastão português, o «Santo André». O gerente da empresa armadora dos dois arrastões disse que os primeiros quinze tripulantes do barco naufragado seguirão ainda hoje para Lisboa. O «Praia Amélia», embarcação de pesca pela popa, de 52 metros, construído há 9 anos, naufragou quando embateu numa rocha, afundando-se rapidamente devido ao rombo aberto no casco.

Cheques sem cobertura em Coimbra

Cerca de 21 mil contos é o valor global dos 329 cheques sem cobertura denunciados na Comarca de Coimbra durante o primeiro trimestre de 1984. Deste modo, na Directoria de Coimbra da PJ foram apresentadas 240 participações, o que representa um acréscimo de 45 por cento em relação ao trimestre anterior e de 28 por cento relativamente ao mesmo período de 1983.

Presidente do Instituto de Emigração

A dr.ª Luísa Pinto será a nova presidente do Instituto de Apoio à Emigração e Comunidades Portuguesas em substituição de Vítor Torres Preto, que se demitira a 13 de Abril alegando ausência de condições para o exercício do cargo, motivada essencialmente por divergências com a secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar. Luísa Pinto era, desde Novembro, vice-presidente do Instituto, depois de ter sido funcionária superior do Instituto Nacional de Investigação Científica. Quanto ao outro lugar de vice-presidente continuará a ser preenchido por Vítor Gil.

Multa do «Pedreira» paga em Portimão

O cônsul espanhol em Vila Real de Santo António já apresentou na Capitania do porto de Portimão um compromisso pelo pagamento da multa do barco «Pedreira», no valor de 350 contos.

PS capitula frente ao PSD?

Ameaças de alteração da ordem se Chafé não for a freguesia

O secretariado do PS de Viana do Castelo advertiu o Grupo Parlamentar do partido para a «possibilidade de perturbações da ordem» no lugar de Chafé se este não for «imediatamente» elevado a freguesia.

Num comunicado aprovado ao princípio da madrugada de hoje, o mesmo órgão também «declina qualquer responsabilidade nas demissões que militantes do PS local venham a formalizar perante órgãos autárquicos do concelho».

A secção do PS de Viana do Castelo está «alarmada com a perspectiva de que se consume no caso de Chafé mais uma capitulação do PS perante o PSD».

Por outro lado, já é possível afirmar que os quatro projectos de lei para a criação de quatro novas freguesias, entre elas a de Chafé, não serão agendadas nos trabalhos de hoje da Assembleia da República.

A localidade de Chafé pertence actualmente à freguesia de Anha.

A Junta e Assembleia de Freguesia de Anha, por sua vez, estão demissionárias para Chafé poder tornar-se freguesia.

Vereadores criticam

Os vereadores do PS e APU na Câmara de Viana do Castelo criticaram a atitude do autarca local que comunicou ao presidente da Assembleia da República a dissolução da Assembleia de Freguesia de Anha.

Na proposta, aprovada por maioria com os votos do PS e APU, os vereadores acusam Henrique da Mata de ter informado Tito de Morais da dissolução verificada a semana passada, «sem ter dado prévio conhecimento à vereação».

Acusam ainda, o presidente do município de não ter reunido com a vereação para análise dos respectivos mandatos de renúncia que lhe foram apresentados por vários membros da Assembleia de Freguesia de Anha.

Na proposta, os vereadores consideram que «tal comunicado, além de incorrecto, foi feito com o objectivo de impedir que a AR se pronuncie sobre os projectos de lei respeitantes à criação da freguesia de Chafé, cuja discussão se encontrava agendada para hoje, reivindicando até, para o efeito, o artigo 9, n.º 2, da Lei 11/82 de 2 de Junho».

Neste sentido, a Câmara deliberou «rectificar a acta da reunião do passado dia 8 de Maio, na parte respeitante à renúncia ao mandato apresentado por vários membros da Assembleia de Freguesia de Anha.

Vai servir duzentas mil pessoas

Chaves não quer fronteira no concelho de Montalegre

A fronteira luso-espanhola Baltar-Sendim, no concelho de Montalegre, distrito de Vila Real, será aberta em Julho de 1985. Para que a fronteira ligue Baltar, na província espanhola de Orense, a Sendim, «falta remover, do lado português, algumas dificuldades burocráticas que se prendem com a sua superior aprovação» — disse o presidente da Câmara Municipal de Montalegre.

Carvalho de Moura considerou que apenas o presidente da Câmara Municipal de Chaves, Branco Teixeira, «se opõe, de modo destemperado, à abertura da fronteira».

«Com a abertura da estrada Porto-Bragança, a vila de Montalegre ficará totalmente isolada, e a breve trecho despovoada, se não tiver uma abertura com a Galiza» — acrescentou.

O presidente da Câmara de Chaves disse entretanto «que se Portugal, num rectângulo tão pequeno em relação a outros países, tem tantas fronteiras mal equipadas, acho que a Administração Central nem terá recursos financeiros para as melhorar» — afirmou Branco Teixeira.

«Mas, se os tiver — acrescentou —, devem ser aplicados no sentido de melhorar as fronteiras seculares que existem. Portugal não tem dinheiro e a Administração Central tem de gerir os destinos deste País com equilíbrio e não para satisfazer a vontade do presidente da Câmara de Montalegre».

Se Montalegre reivindicasse «apenas um posto fronteiriço para servir as populações locais e da Galiza, era possível que a Câmara de Chaves apoiasse tal pretensão» — afirmou Branco Teixeira.

A iniciativa da Câmara de Montalegre de abrir a nova fronteira já foi apoiada, formalmente, pelas Câmaras de Boticas, Cabeceiras de Basto, Mondim de Basto, Ribeira de Penas, Vila Real, Fafe e Guimarães.

A Assembleia Distrital de Vila Real aprovou, recentemente, por unanimidade, com votos favoráveis de alguns autarcas de Chaves, uma moção solicitando a abertura da fronteira de Sandim.

«A fronteira poderá ser utilizada por mais de 200 mil habitantes das autarquias vizinhas» — referiu Carvalho de Moura.

Trás-os-Montes dispõe de fronteiras em Bragança, Miranda do Douro e Chaves.

A mordaçando a proprietária e um empregado

Detida a quadrilha que assaltou um café em Montemor-o-Velho

A Polícia Judiciária de Coimbra anunciou ontem ter detido quatro indivíduos como os presumíveis autores do assalto a um café da área da comarca de Montemor-o-Velho. No assalto, efectuado na noite de 23 de Setembro de 1983, os quatro arguidos, de idades compreendidas entre 25 e 32 anos, apoderaram-se de artigos avaliados em 600 contos. De acordo com a participação feita à PJ de Coimbra pela GNR de Montemor-o-Velho, os assaltantes usaram uma arma de fogo e amordaçaram a proprietária do estabelecimento e um empregado, apoderando-se de um gravador, uma pulseira de ouro, um relógio de pulso e diversos títulos de depósito a prazo em estabelecimentos bancários, para além de cinco contos em dinheiro.

Segundo a PJ, os detidos já tinham sido arguidos noutro processo por crimes idênticos e dois deles detidos recentemente. O comunicado da PJ acrescenta ter sido apreendido na mesma altura um táxi, bem como uma pistola e respectivas munições, objectos pertencentes a um dos arguidos e utilizados pelo grupo na sua actividade criminosa.

A sua companheira teve morte imediata

Participante no concurso "1, 2, 3" saiu ileso de grave acidente

António Machado, um dos participantes no concurso televisivo 1, 2, 3, que esteve nos «écrans» na passada segunda-feira foi vítima de um acidente do qual resultou a morte da sua companheira de viagem. Quando conduzia o seu automóvel, aquele técnico do Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real, que saiu ileso despistou-se perto de Lamas d'Olo, no concelho de Vila Real, após ter realizado uma viagem de turismo com uma jovem médica-veterinária que estagiava numa repartição de Trás-os-Montes.

O carro capotou, tendo a jovem médica-veterinária, Ana Margarida de Assunção Pereira de Abreu, de 24 anos, sucumbido após ter sido projectada a mais de 30 metros. De acordo com os bombeiros, a jovem, natural de Lisboa, «teve a infelecidade de ter sido atingida por uma pedra que se desprendeu com a violência do despiste do automóvel, atingindo-a no peito.

A professora de Educação Física Maria Dolores, que participou no concurso 1, 2, 3, com António Machado, não o acompanhava no momento do acidente.

Brasileira com cocaína no ventre e nas coxas

As autoridades alfandegárias do Aeroporto da Portela, em Lisboa, detiveram, cerca das 12 e 30 de ontem, uma jovem brasileira que, chegada num avião da Varig proveniente do Rio de Janeiro, trazia consigo 5,7 quilos de cocaína dissimulados no ventre e nas coxas. A detida, de 29 anos e de nome Ângela, foi entregue, juntamente com a droga, avaliada em 70 mil contos, na Polícia Judiciária, onde afirmou ter sido contactada por dois indivíduos, em S. Paulo, que lhe prometeram 650 contos se fizesse chegar a cacaína sem problemas a Lisboa.

O contacto na capital portuguesa seriam dois indivíduos que a aguardariam no aeroporto da Portela ou então num hotel do centro da cidade.

Desde o início do ano as autoridades alfandegárias já fizeram 26 apreensões de droga naquele aeródromo, num total de 470 mil contos.

Emigrante nos EUA assassinada por jovem nos arredores de Viseu

Um rapaz de 15 anos matou ontem a tiro de caçadeira uma mulher de 46 durante uma presumível tentativa de assalto em plena rua, na localidade de Povoação, freguesia de Povolide, nos arredores de Viseu. O agressor, José António Lopes Machado, agricultor, foi detido pela GNR local. Quanto à vítima, Idalina Pereira Rodrigues, emigrante nos EUA, chegara há cerca de duas semanas a Portugal para tratar da mãe, internada no Hospital de Viseu.

Quando aguardava a chegada do autocarro que a transportaria ao hospital surgiu o jovem José Machado que, com a arma do pai, tentou, ao que dizem testemunhas oculares do incidente, apoderar-se de objectos de ouro e divisas de Idalina. Face à resistência da vítima, José Machado disparou a arma à queima-roupa atingindo Idalina no tórax e provocando-lhe a morte imediata. Idalina Pereira Rodrigues estava hospedada em casa dos pais do agressor.

Há queijo da serra e "queijo da serra"

Edis da área da Guarda "chumbam" demarcação feita no Terreiro do Paço

A demarcação da área de produção do queijo da serra e o diploma que a pretende regulamentar estiveram ontem no centro das atenções dos presidentes das Câmaras do Distrito da Guarda que unanimemente se manifestaram contrários aos termos e à área preconizada no decreto-lei.

Segundo o diploma, a área de produção englobaria, além dos concelhos de Manteigas, Guarda, Gouveia, Seia, Celorico da Beira e Oliveira do Hospital, na área da serra, alguns concelhos do distrito de Viseu, nomeadamente Penalva do Castelo, Carregal do Sal e Nelas.

Os autarcas consideram esta zona «demasiado larga e não correspondendo na realidade, à zona de produção do verdadeiro queijo da serra. Expressariam ainda a opinião de que é com produtos regionais que o País pode competir com a Comunidade Económica Europeia.

O problema, segundo o governador civil, vai ser debatido a curto prazo, em plenário de autarcas do distrito. Nesta reunião participaram técnicos do Instituto de Qualidade Alimentar e das Direcções Regionais de Agricultura das Beiras Litoral e Interior.

Individualmente, o presidente do Município de Manteigas, Albino Leitão, considerou excessivamente vasta essa área, acentuando ser «impensável pensar que se possa fazer queijo da serra em Bravezes e em outros concelhos e freguesias do distrito de Viseu que não possuem qualquer tradição da sua produção».

Os autarcas do distrito presentes discordaram, também unanimemente, do projecto de decreto regulamentar que cria a região demarcada do queijo da serra da Estrela, nomeadamente por o seu alargamento abranger a totalidade das freguesias dos concelhos de Penalva do Castelo, Mangualde, Nelas, Carregal do Sal e Tondela.

Por outro lado, no distrito da Guarda, os concelhos de Trancoso e Aguiar da Beira, encostas do rio Mondego, junto a Fornos de Algodres, não se encontram contemplados na região demarcada traçada pelo projecto de decreto regulamentar – referiu o presidente do Município de Gouveia, Santinho Pacheco.

Santinho Pacheco criticou também o facto de se ter permitido aos industriais de queijo a possibilidade de serem eles as entidades certificadoras. «Os pastores da serra da Estrela não aceitam tal machadada» – disse.

Iniciativa inédita...

Santo Ildefonso é freguesia há 350 anos

PORTO, 16-A Junta de Freguesia de Santo Ildefonso, nesta cidade, vai comemorar de 20 de Maio a 24 de Junho o 350.º aniversário da sua fundação.

Com tal iniciativa, disse o presidente da JF de Santo Ildefonso, a Junta visa interessar os seus cerca de 25 mil habitantes para os problemas que se apresentam à freguesia.

«Trata-se de uma iniciativa inédita a nível nacional» – acrescentou o autarca, sublinhando que «estas comemorações são do povo e para o povo».

Albino Teixeira sublinhou que «seria uma boa prenda de aniversário para a freguesia a resolução, por parte das autoridades responsáveis, do problema da droga e da prostituição».

Após lembrar que a actual freguesia de Santo Ildefonso se denominava «Ilaforon», o presidente da Junta referiu que «esta autarquia é a que contribui com a maior verba para as receitas da Câmara Municipal do Porto, embora não tire disso os dividendos necessários».

Abandono e desrespeito têm isolado Machico

A Junta de Freguesia de Machico protestou contra o abandono e desrespeito a que a Câmara Municipal e o Governo Regional da Madeira têm votado esta autarquia. Em comunicado ontem distribuído, a Junta de Freguesia de Machico reafirma que «a Câmara não tem pago as verbas determinadas pela Lei das Finanças Locais e dos recenseamentos e não tem respeitado a actividade autárquica da Junta de Freguesia», referindo também solicitar a intervenção dos órgãos tutelares.

Acusa, por outro lado, o Governo Regional de «não ter mãos a medir para dar sedes, verbas e materiais às Juntas de Freguesia da sua cor política».

Pereira, em Constância, é um exemplo

Querem cercar o Ribatejo de eucaliptos

A povoação de Pereira, do concelho de Constância, cuja vila o Tejo corta a meio, reclamou há dias medidas urgentes à Câmara Municipal no sentido desta impedir a plantação de eucaliptos à sua volta.

A plantação generalizada e anárquica de eucaliptos não é um «fenómeno» apenas de Pereira nem do concelho de Constância: outras terras há nas mesmas condições, nomeadamente Martinchel e Montalvo, todas no Ribatejo, como Pereira.

O problema está a preocupar seriamente as populações que não calam a sua angústia, levando-a, inclusive, à Assembleia da República, através do grupo parlamentar do PCP, por iniciativa do deputado Álvaro Brasileiro.

Num requerimento dirigido ao Governo, o Partido Comunista denuncia o facto e deixa algumas perguntas: que plano de florestação de eucaliptos está destinada ao Ribatejo? Que empresas estão a investir neste ramo? Porquê só eucaliptos e não outras plantações?

Como as coisas andam todas ligadas, os eleitos da APU das áreas concelhias que abrangem aquelas freguesias (Chamusca, Constância e Abrantes) reuniram-se ontem na Casa do Povo de Santa Margarida constatando, no balanço que fizeram da situação, que «a grande maioria das plantações não está a obedecer a qualquer estudo prévio dos solos», que estão a ser destruídos (em sobro e oliveiras) em favor dos eucaliptos.

Há populações cercadas por eucaliptos por todos os lados, como se de ilhotas se trate, enquanto essas plantações «têm como objectivo defender os interesses das grandes empresas de celulose», segundo um comunicado dos eleitos da APU por aqueles três concelhos. Entre outras, o texto denuncia as empresas de celulose Celbi e Caima.

Barreiro em luta contra lixeiras

A Câmara Municipal do Barreiro está a desenvolver acções para apuramento de responsabilidades na existência de lixeira e outros focos de insalubridade pública.

A Câmara está a intimar os infraactores ao cumprimento do regulemento geral de edificações urbanas e das disposições municipais sobre higiene e limpeza.

A autonoma do Barreiro já interpelou algumas infr infractores e está a desenvolver acções ações no sentido da remoção de lixeiras.

MÚSICA POPULAR PORTUGUESA

BILHETES/SECRETARIADO 3.º ENCONTRO NA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

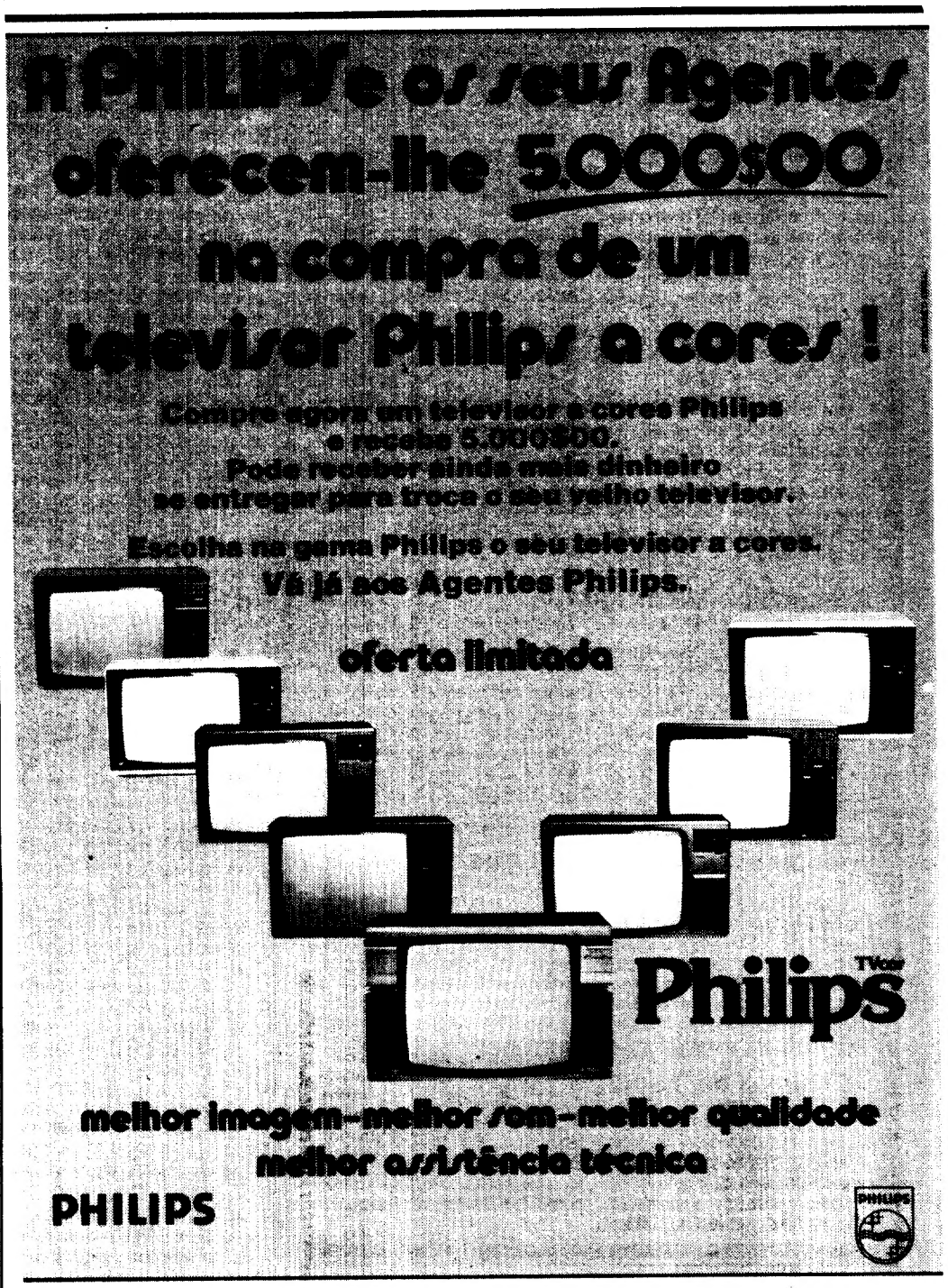
«A RAIZ E O TEMPO»

VITORINO
D'ISTO E D'AQUILO
CANTARIL
MENDES HARMÓNICA TRIO
GRUPO DE BAILADO UNIVERSITÁRIO

AULA MAGNA
17 MAIO · 21 h

3.º ENCONTRO INTERNACIONAL PARA A MEDICINA NO TRABALHO

ORG. SOCIED. PORT. MEDIC. TRABALHO, c/APOIO DE ENTIDADES PORTUGUESAS E INTERNACIONAIS



24 horas

Um grupo de neonazis faz a saudação típica, durante o funeral do nazi Walter Rauff, que faleceu no Chile (Telefoto UPI/NP/DL)

Auxílio à Cruz Vermelha Polaca

A Liga da Cruz Vermelha e da Meia Lua Vermelha anunciou a assinatura de um auxílio de 2 250 000 francos suíços (cerca de 145 milhões de escudos) à Cruz Vermelha Polaca. O auxílio, integrado num programa iniciado em 1981, traduz-se em artigos sanitários de primeira necessidade e aparelhos de transfusões sanguíneas. A falta deste tipo de material «faz-se sentir profundamente» na Polónia — afirmou um porta-voz da Liga.

Homens ao mar

O capitão de um navio grego e 11 membros da sua tripulação foram acusados de terem lançado ao mar 11 passageiros clandestinos quenianos, numa área do Oceano Índico infestada de tubarões. Um magistrado de Pireu acusou os nove gregos e três paquistaneses tripulantes do cargueiro grego «Garifalia» de terem forçado os quenianos a abandonar o navio, pouco depois de ter passado o largo da Somália.

Ataque terrorista em Moçambique

O português António Simões Cardoso, 35 anos, motorista, e o seu ajudante moçambicano foram mortos ontem em Inhamatanda, Sofala, num ataque de terroristas armados com metralhadoras e mísseis – soube hoje a Anop na Beira. O ataque ocorreu na madrugada de terça-feira, na estrada, a 7 quilómetros de Inhamatanda e a menos de cem quilómetros da cidade da Beira. A cabina do camião civil em que os dois homens viajavam ficou completamente destruída pelas rajadas de metralhadoras e pelos mísseis lançados pelos terroristas.

Novo presidente jugoslavo

O desenvolvimento da autogestão socialista e o prosseguimento do não alinhamento continuarão a ser as traves-mestras da política interna e externa da Jugoslávia – declarou o novo presidente da República, Veselin Djuranovic. A primeira reunião do novo Presidium, que se seguiu imediatamente ao empossamento dos seus membros pelo Parlamento Federal, foi presidida pelo presidente cessante, Mika Spiljak.

Tiroteio em Guariba (Brasil)

Um tiroteio ocorrido ontem entre a Polícia Militar brasileira e mais de quatro mil assalariados rurais provocou um morto e cerca de 30 feridos graves na cidade de Guariba, a 300 quilómetros de São Paulo. Nesta cidade de 25 mil habitantes, mais de quatro mil trabalhadores do campo e da indústria iniciaram ontem uma série de manifestações de protesto contra o sistema de trabalho e de taxas cobradas pela Companhia de Saneamento e Águas de São Paulo (SABESP).

Costa Rica-Nicarágua

A Costa Rica e a Nicarágua assinaram hoje, na presença do presidente do Panamá, Jorge Illueca, um acordo de pacificação. O acordo, celebrado na capital do Panamá, foi assinado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, Carlos José Gutierrez, da Costa Rica e Miguel D'Escoto, da Nicarágua. O acordo somente foi possível devido a uma intervenção do Grupo de Contadora, que conseguiu evitar que as relações entre os dois países chegassem ao rompimento.

Atentados à bomba no Chile

Quarenta atentados à bomba, ontem à noite, em Santiago do Chile, provocaram o corte de energia eléctrica em dois bairros da zona ocidental. As explosões verificaram-se duas horas após a Junta Militar do Governo do regime do general Pinochet ter aprovado uma lei antiterrorista. Não há informações sobre possíveis vítimas. Emissoras de rádio anunciaram que atentados similares ocorreram nas cidades de Vina Del Mar, Valparaíso e Concepción, mas desconhecem-se os prejuízos.

«Orgulho de Yambu»

O superpetroleiro saudita «Orgulho de Yambu» foi hoje atacado por aviões não identificados dentro dos limites do principal porto de exportação da Arábia Saudita, Ras-Tanura – revelaram fontes marítimas. O navio, de 212 mil toneladas, está a arder, estando a ser socorrido por barcos provenientes do Bahrain.

Indústria automóvel da RFA à beira da paralisão total

— Mineiros britânicos prosseguem greve

O sindicato metalúrgico alemão federal «IG Metal», que tem dois milhões e meio de associados, parece estar a cumprir a sua promessa de parar a produção da indústria automóvel, com milhão e meio de empregados, com a greve de apenas alguns milhares, se não houver acordo com o patronato.

As firmas «Mahle» e «Kolbenschmidt», em greve, produzem peças e acessórios para todas as marcas de automóveis alemãs.

Dieter Kirchner, presidente da associação empresarial, considerou que a táctica do sindicato de efectuar uma greve selectiva visa «provocar o máximo prejuízo possível à economia nacional com um mínimo de gastos no financiamento dos grevistas».

O presidente do «IG Metall» afirmou que a organização que dirige está preparada para aguentar a greve durante muito tempo, se o patronato não responder favoravelmente às suas reivindicações.

A greve em curso, a primeira dos metalúrgicos nos últimos seis anos, surpreendeu políticos e empresários pela precisão na escolha das empresas cuja greve força a paralisação de toda a indústria automóvel alemã.

A indústria automóvel da Alemanha Federal, principal sector exportador daquele país, ficará praticamente paralisada na próxima sexta-feira, se continuar a greve selectiva iniciada segunda-feira, por 13 mil trabalhadores de 15 empresas – refere hoje a Imprensa.

A greve, iniciada às zero horas de segunda-feira por tempo indeterminado, para exigir a redução para 35 horas do horário de trabalho semanal, abrange as empresas fabricantes de peças e acessórios para automóveis do estado de Baden-Wuertemberg.

O presidente do sindicato «IG Metall» anunciou que a greve se estenderá seguidamente ao Estado de Hesse.

O êxito dos efeitos desta greve deve-se, sobretudo, à inclusão dentro das 15 firmas escolhidas para a greve inicial de duas empresas fabricantes de pistões.

A fábrica bávara de automóveis «BMW» deverá ser a primeira a parar as cadeias de montagem, provavelmente já amanhã, por falta de material e peças para a construção dos seus veículos.

Um porta-voz da «BMW» assinalou que as fábricas de Berlim, Munique, Dingolfing e Landschut serão as primeiras a encerrar, acrescentando que, se continuar a greve, a empresa será obrigada a paralisar a totalidade das fábricas.

A «Mercedes», a «Opel» e a «Porsche» não poderão manter o ritmo de produção actual para além de sexta-feira e começarão a encerrar, enquanto a «Volkswagen» e a «Ford» poderão aguentar mais sete a dez dias de produção, respectivamente, já que acumularam «stocks» nos seus armazéns, na previsão da greve.

Mineiros britânicos 10.ª semana de greve

Os mineiros britânicos, ao entrarem na décima semana de greve, avisaram ontem o governo de que continuarão a lutar, enquanto for preciso, porque «vale a pena salvar a indústria do carvão».

A posição dos 135 mil mineiros britânicos em greve contra os planos do patronato de reduzir a a produção e despedir 20 mil trabalhadores foi hoje publicada, como direito de resposta, nas paginas centrais do jornal «Daily Express», de direita, que recentemente atacou a paralisação.

O líder do Sindicato Nacional dos Mineiros britânicos, Arthur Sacrgill, afirmou na declaração publicada pelo jornal que os mineiros não lutam apenas pela defesa dos actuais postos de trabalho, mas também pelo próprio carvão, «uma das riquezas vitais da nação».

«Não existe no mundo dinheiro de indemnização que iguale o valor de um trabalho que se passa à geração seguinte», salienta o artigo do sindicalista.

«A nossa nação – diz o artigo – encontra-se construída sobre uma ilha de carvão, suficiente para um futuro de mil anos e que actualmente é o mais barato do mundo no seu género».

Tudo começou, recorda o artigo, quando em Março passado o presidente do Organismo Nacional do Carvão (ONC), Ian Mac Gregor, anunciou para este ano o encerramento de 20 minas e o despedimento de 20 mil trabalhadores.

Contudo, o Sindicato Nacional dos Mineiros assegura que, para os próximos anos, o programa de encerramento da OC significa o fim de 70 minas – das 174 existentes – e a perda de entre 70 mil a cem mil postos de trabalho.

Assim vão as primárias nos EUA

Hart ganha no Oregon e em Nebraska

O senador Gary Hart venceu hoje as eleições primárias do Estado de Nebraska, com larga margem de votos sobre Walter Mondale, o seu mais directo adversário na corrida à investidura pelo Partido Democrata às presidenciais de Novembro. Hart obteve 59 por cento dos votos, para 28 por cento de Mondale e 6 por cento para Jesse Jackson. O Nebraska envia 24 delegados à Convenção de Julho em São Franciso.

Segundo dados ainda não oficiais, Walter Mondale reúne até agora a seu favor 1537 delegados, contra 904 para Gary Hart e 290 para Jesse Jackson, e 361 delegados não se comprometeram com nenhum dos candidatos.

Para ser eleito são necessários os votos de 1967 delegados.

Após Nebraska e Oregon, as próximas primárias, e decisivas para os candidatos, terão lugar no dia 5 de Junho, data em que serão eleitos 484f delegados da Califórnia, Nova Jersey, Virgínia, Dakota do Sul e Novo México.

De notar que Mondle não fez campanha no Oregon e passou apens algumas horas no Nebraska. Tanto ele como Jesse Jackson assestam já as suas baterias sobre o Estado da Califórnia, onde a 5 de Julho se defrontam 306 delegados. Ambos procuram cortejar os eleitores de origem hispânica residentes sobretudo no Sul daquele estado.

Mondale esteve ontem em São Francisco, onde fez um discurso sobre política externa, no Conselho dos Assuntos Mundiais, atacando sobretudo a política de Reagan para a América Central.

O ex-vice-presidente afirmou, designadamente, que, se for eleito, Reagan poderá enviar tropas para aquela região, o que significaria grandes perdas humanas, um Exército de ocupação e uma guerra de guerrilhas sem limites.

Mondale classificou como «fracasso» a política de Reagan na América Central e pediu o fim das manobras militares norte-americanas nessa região, assim como negociações imediatas para a retirada de todas as forças estrangeiras.

«Só há uma conclusão a tirar de tudo isto — disse Mondale — a de que a fracassada política de Reagan está a conduzir-nos para uma guerra.

De La Madrid em Washington

A força das armas não resolverá o problema da América Central

O presidente do México, Miguel De La Madrid, declarou ontem em Washington que a força das armas não resolverá o problema de fundo da América Central.

«Os instrumentos de força, os aspectos militares, não creio francamente que possam resolver o problema» – disse.

Numa entrevista à cadeia televisiva NBC citada pela Anop, De La Madrid manifestou que «a solução de fundo dos problemas passa pela negociação política de paz e pelo desenvolvimento económico e social da América Central».

«É preferível que as questões pendentes sejam resolvidas pelos diplomatas do que pelos soldados» – acrescentou.

O presidente mexicano considerou que uma guerra generalizada na América Central teria «consequências imprevisíveis em duração, amplitude e consequências».

Ao comentar as relações entre o seu país e os Estados Unidos indicou que «as relações são tão amplas e tão variadas que é indispensável a existência de um bom clima político ao mais alto nível».

Acrescentou que, apesar das diferenças de apreciação «que evidentemente existem no caso centro americano», a relação bilateral, principalmente no aspecto económico, não sofreu deteriorações.

De La Madrid afirmou não ter sofrido pressões do governo norte-americano para modificar a posição do México em matéria de política externa, «pressões que nunca teríamos aceitado».

«Não estamos dispostos a trocar princípios pró-transacções económicas, porque isso afectaria o nosso interesse nacional e a nossa dignidade como país independente» – declarou.

O presidente mexicano insistiu na gravidade da crise económica e disse ter a impressão de que «a opinião pública norte-americana não se deu suficientemente conta da profundidade da crise centro-americana».

Quanto ao México, referiu que foram já controlados «os aspectos mais difíceis da crise económica, embora as dificuldades sejam sérias».

Acrescentou que não basta para colaborar com a América Latina, o aspecto da dívida externa, mas torna-se necessário encetar relações comerciais equitativas.

Sob o signo da dúvida ho

NATO dis rearmame

A reunião da Primavera da N hoje em Bruxelas, tem por fina forças convencionais da Alian recusa da Holanda em recebe poderá ser o fulcro das discus agências NP e Anop. Os ministr países membros, entre os quai tuguês Mota Pinto, têm reuniõe quinta-feira para discutir o usc gias na construção de armas c

Apesar de este ser o principal assunto previsto, os observadores pensam que os ministros deverão abordar também a relutância do governo holandês em aceitar instalar no seu território todos os 48 mísseis de cruzeiro, como estava previsto até 1988.

Este assunto, disseram funcionários da NATO, é especialmente importante porque uma recusa holandesa poderá prejudicar todo o calendário da instalação dos novos mísseis nucleares de médio alcance, nomeadamente na Bélgica.

Os 48 mísseis destinados à Holanda fazem parte do lote de 572 mísseis norte-americanos Pershing 2 e de Cruzeiro que os países da NATO decidiram em 1979 instalar.

O governo holandês do primeiro-ministro Ruud Lubber, de centro-direita, anunciará a sua decis

El Salvador

Duarte convidado a ir a Washington

O presidente «eleito» de El Salvador, Jose Napoleon Duarte, visitará Washington no próximo fim-de-semana, para conferenciar com Reagan e líderes do Congresso. O anúncio desta visita coincide com a decisão do Conselho Central de Eleições de confirmar a sua vitória nas recentes «eleições» presidenciais, não aceitando o pedido de impugnação apresentado pelo partido da extrema-direita Aliança Republicana Nacionalista, liderado por Roberto D'Aubuisson.

D'Aubuisson pretendia especificamente uma recontagem de votos e, no seu pedido de impugnação, incluía uma série de acusações sobre a alegada ingerência da CIA e do Departamento de Estado norte-americano nas «eleições» em favor de Duarte.

Entretanto, os detalhes da visita deste aos Estados Unidos não foram ainda ultimados. Sabe-se que a Casa Branca convidara Duarte a deslocar-se a Washington na primeira oportunidade, após a sua «eleição».

Ministro assassinado

O coronel na reserva Fernando Berrios Escobar foi assassinado ontem à noite em San Salvador por um grupo de desconhecidos.

Escobar, director do hospital militar e ministro da Saúde e Assistência Social foi atacado quando saía da farmácia de que era ex-proprietário, no centro da capital salvadorenha.

O militar faleceu uma hora após ter sido internado num hospital de San Salvador. Segundo as autoridades, a mulher de Berrios Escobar também morreu com um tiro na cara.

holandesa

iscute em Bruxelas ento convencional

a NATO, que começou finalidade melhorar as iança, mas a possível ber mísseis nucleares cussões – referem as istros da Defesa dos 14 uais se encontra o por- iões de trabalho hoje e uso de novas tecnolo- s convencionais.

ecisão no final, em Junho.

O secretário norte-americano e Estado adjunto para os As- untos Europeus, Richard Bur- on, que também está em Bruxe- as para as reuniões da NATO, considerou que uma recusa ho- andesa poderá ser interpretada omo «um sinal de fraqueza da ossa parte em responder à in- ransigência soviética de fazer oncessões».

Ontem os ministros da Defesa os países europeus pertencen- es ao Eurogrupo reuniram-se em Bruxelas e emitiram um co- municado em que pedem aos Es- ados Unidos para considerar a tilização em maior escala de ecnologia europeia na fabrica- ção das novas armas.

A França e a Islândia não par- iciparam nessa reunião do Eu- rogrupo da Aliança Atlântica. A primeira não faz parte do Co- mando Militar integrado e a se- gunda não tem exército.

O ministro britânico da Defesa, Michael Heseltine, presidente da reunião, afirmou que é agora a altura de pressionar para a in- corporação da tecnologia euro- peia nas armas da NATO da dé- cada de 90.

«Será tarde de mais quando as armas estiverem já a ser desen- volvidas», disse, acrescentando que actualmente os Estados Unidos fabricam sete vezes mais armas para a Aliança que os seus aliados europeus.

O ministro espanhol da De- fesa, Narciso Serra, assegurou, por seu turno, que o seu país continuará a actuar como um membro leal da NATO, apesar de não estar completamente in- tegrado na Aliança e de o Go- verno socialista de Madrid ter prometido realizar um referendo sobre a permanência na Organi- zação.

Um filme

Jornalistas ocidentais e do Leste que cobrem a reunião anual da Primavera da NATO, em Bruxelas, puderam assistir ontem à estreia de um novo filme da Aliança, destinado a um vasto público nos Estados Unidos.

A Europa é uma área densa- mente povoada de 33 países, se incluirmos o Vaticano – diz a voz grave do narrador. Uma linha que se estende desde a fronteira sovieto-norueguesa até à fron- teira sovieto-turca para além do mar Negro separa a Europa Oci- dental da Oriental. O Leste é dominado por um sistema polí- tico único. A Europa Ocidental vive, na sua diversidade, ao lado desse monólito há mais de uma geração.

Estas palavras introduzem o filme de meia hora, produzido pela NATO no princípio deste ano. Um porta-voz da Aliança disse que a película visa mostrar aos jovens nascidos depois da Segunda Guerra Mundial que a NATO evita a guerra na Europa há cerca de 40 anos.

Num momento de incerteza na Europa sobre se a Holanda vai seguir os planos da Aliança de instalar novos mísseis de fabrico norte-americano e perante o sentimento nos Estados Unidos de que Washington tem feito de mais pelos ingratos europeus, diplomatas consideraram que o filme é uma tentativa de clarificar a situação.

Destina-se ao público da Te- levisão norte-americana e tam- bém mostra aos americanos que os europeus não dependem in- teiramente dos seus aliados além-Atlântico para a sua defesa – disse o porta-voz.

Atentado em Tripoli terá causado 81 mortos

Oitenta e uma pessoas, in- cluindo 69 soldados governa- mentais ou seus apoiantes, mor- reram no assalto da semana passada ao quartel do dirigente líbio Muammar Khadafy, revelou a agência noticiosa italiana ANSA, citada pela NP.

Citando um médico que traba- lha num hospital do centro de Tripoli, a agência afirma que 81 cadáveres deram entrada no centro hospitalar imediatamente após o ataque do dia 8 de Maio.

O ministro da Justiça da Líbia anunciou, segunda-feira, que 12 comandos rebeldes morreram no ataque, e o telegrama da ANSA revela que grupos de opositores líbios confirmaram esta estimativa, indicando que os outros 69 mortos eram tropas governamentais, membros das milícias ou membros de comités revolucionários.

A Líbia anunciou ontem que prendeu outro «agente dos norte-americanos», membro dos Irmãos Muçulmanos, acusados pelas autoridades de Tripoli de ter organizado o assalto.

Condenações na Tunísia

Tribunais tunisinos condena- ram vários jovens a penas de cinco a 30 anos de trabalhos for- çados por pilhagem e fogo posto durante os incidentes de Janeiro provocados pelo aumento do preço do pão – informa a NP.

Fontes judiciais disseram que, num julgamento em Tunis, dois homens de 19 e 20 anos foram condenados a 30 anos de traba- lhos forçados por terem sa- queado uma loja de sapatos e por cumplicidade num fogo posto, enquanto dois outros foram condenados a 19 anos por terem roubado sapatos.

Noutro julgamento, um homem de 25 anos foi conde- nado em 20 anos de trabalhos forçados por ter roubado mate- riais de construção.

Todos foram condenados por crimes praticados durante os dis- túrbios que abalaram a Tunísia em Janeiro, quando o governo tentou aumentar o preço do pão. Segundo números oficiais, 89 pessoas morreram nos inciden- tes e cerca de mil foram detidas. Muitas delas foram postas em liberdade, e os advogados espe- ram que sejam julgadas aproxi- nadamente 300.

Em caso de guerra nuclear

A Terra ficaria sem sol

Aqueles que escaparem a uma guerra nuclear estarão con- denados a viver num planeta sem sol e a morrer de fome, se- gundo o relatório de dois cientis- tas ocidentais que participam num seminário do «Comité Cien- tífico Internacional sobre os Problemas do Meio Ambiente» que reúne representantes dos centros de investigação de 9 país- ses do Leste e Ocidente, reunido desde ontem em Leninegrado para debater o impacte de uma guerra nuclear na biosfera – es- creve a NOVOSTI.

Segundo um relatório apre- sentado pelo professor Paul Kruts e os seus colaboradores do Instituto «Max Planck» da Re- pública Federal da Alemanha, o fumo dos incêndios das cidades e das florestas atingiria a estra- tosfera, provocando um «choque climático» com alteração das temperaturas e regime de ven- tos, destruindo completamente o equilíbrio ecológico em todas as regiões do Globo, sem excep- ção.

Nem a força das ondas de choque, nem a colossal radiação serão comparáveis pelo seu efeito e consequências irrevers- íveis, ao «cobertor» de fumo, constituído, em cerca de um quarto, por partículas de carbono que subirão às camadas super- iores da atmosfera.

Durante o debate que se se- guiu, um grupo de investigado- res do Centro de Cálculo da Aca- demia de Ciências da URSS afirmou que nos dez dias que se seguirem a um conflito nuclear envolvendo a detonação de car- gas de 100 megatoneladas, a temperatura poderá baixar 60 graus centígrados na Europa e 40 graus centígrados na América do Norte e na Ásia do Sul.

Paralelamente ao arrefeci- mento da superfície da Terra, o ar poderá aquecer anormal- mente a uma altitude de vários quilómetros, o que fará correr o risco de uma fusão em massa dos gelos polares e um dilúvio à escala universal.

O professor Marc Harvell, da Universidade americana de Cor- nell, afirma que depois do con- flito nuclear hão haverá colheitas nos anos seguintes, devido ao novo modelo das condições cli- máticas.

Será impossível cultivar ce- reais nas regiões tradicionais dos EUA e do Canadá, devido ao Inverno nuclear que se instalará no Planeta.

O professor Vladimir Krapi- vine, da Academia das Ciências da URSS, pensa que o brusco arrefecimento destruirá hortas e vinhedos e matará praticamente todos os animais domésticos.

O sistema agrícola nos países desenvolvidos será destruído, devido à impossibilidades de uti- lizar maquinaria, adubos e ou- tras substâncias químicas, le- vando a um recuo para métodos primitivos, quando cada campo- nês só era capaz de alimentar 2 ou 3 pessoas.

Nas regiões directamente atingidas pelas deflagrações nucleares o quadro não será mais encorajador: a radioactivi- dade e as chuvas ácidas cairão sobre os países matando toda a vida.

Escolas encerradas na África do Sul

Seis escolas de Atteridgeville, subúrbio negro de Pretória, foram segunda-feira encerradas pelas autoridades após quatro meses de boicote e confrontos com a polícia, em que uma aluna morreu – informa a NP.

Um comunicado divulgado pelo Ministério da Educação responsabilizou as «forças da subversão» e a sua «intimidação e manipulação dos alunos» pelos incidentes.

Um porta-voz do Ministério afirmou que as escolas ficarão encerradas pelo menos até ao fim do ano.

O governo dera aos alunos um ultimato para regressarem segunda-feira às aulas, adver- tindo que, caso contrário, fecha- ria os estabelecimentos de en- sino.

Na semana passada, registaram-se novos confrontos entre a polícia e alunos que pro- testavam contra o alegado ex- cesso de castigos corporais e exigiam maior representação es- tudantil e a libertação de um es- tudante recentemente detido.

Em confrontos entre a polícia e alunos ocorridos em Fevereiro, uma rapariga morreu devido a lesões internas. Os estudantes foram à escola durante o boicote, mas recusaram-se a entrar nas aulas.

Na semana passada, a Polícia dispersou à chicotada grupos de estudantes que se manifesta- vam frente às escolas, e cerca de 20 alunos ficaram feridos.

Oposição contesta resultados eleitorais

Marcos pretende vitória a todo o custo

Centenas de eleitores filipinos protestaram junto da Comissão Eleitoral Nacional contra a lenti- dão da contagem de votos, quando os números divulgados pelo governo dão como vence- dores os seus candidatos e in- formações independentes apon- tam para uma vantagem da opo- sição. – diz a ANOP.

As informações governamen- tais, difundidas pela agência de notícias filipinas, diferem dos primeiros resultados oficiosos dados a conhecer por um grupo independente e que revelam a vantagem dos candidatos opo- sicionistas nas eleições para a Assembleia Nacional realizadas segunda-feira com um saldo de 91 mortos em incidentes entre a polícia e guerrilheiros de es- querda.

Salvador Laurel, presidente da organização democrática nacio- nalista UNIDO, que encabeçou a manifestação de cerca de 500 pessoas, declarou que a força da oposição agora reflectida nas urnas «ultrapassou todas as es- peranças».

Laurel e outros dirigentes da oposição pediram a recontagem dos votos nas zonas onde a con- tagem foi interrompida pelas au- toridades e lançaram um alerta contra o perigo de o governo fal- sificar os resultados eleitorais por estes lhe estarem a ser des- favoráveis.

De acordo com fontes eleitorais citadas pela EFE, com 40 por cento dos votos escrutinados, os adversários do Presidente Fer- dinando Marcos detinham 91 mandatos, enquanto o partido no poder averbava apenas 75 dos 183 mandatos.

Os resultados oficiososo do Movimento Nacional do Grupo de Cidadão para as Eleições Li- vres revelam quem vai à frente nos 17 lugares restantes, de de- signação directa.

Por seu lado, o presidente fili- pino, Ferdinando Marcos, disse esperar que na contagem final do seu partido consiga, pelo me- nos, 135 lugares.

Denunciados em Genebra

Crimes de militares da Guatemala

Três organizações humanitá- rias protestaram junto dos presi- dentes da Guatemala e do Mé- xico pelo ataque a um campo de refugiados guatemaltecos em que morreram seis pessoas – in- forma um comunicado conjunto, referido pela ANOP.

O comunicado da Pax Christi, associação internacional contra a tortura e Liga suíça dos Direitos Humanos, todas com sede em Genebra, declara que o ataque foi perpetrado em 30 de Abril por cerca de 200 soldados guatemal- tecos, que «penetraram em terri- tório mexicano e invadiram o campo de refugiados de «El Chupadero», na região de Comi- tan».

Continuação da pág. 2

No terreno deixaram uma grande quantidade de armas e munições. Deixaram também os detritos, os maços vazios de ta- baco Delta, as latas de conser- vas de atum, sardinhas,. me- renda de carne, salsichas, tudo da Costa Rica.

A resistência dos reservistas ainda era tragicamente visível quando ali chegámos. Pareci- -nos um cenário das batalhas de trincheiras da Primeira Guerra. Covas profundas em ziguezza- gue, ainda com parte dos per- tences dos mortos, a terra que lhes serviu de sepultura muito fresca, as cruzes toscas com os nomes a preto com algum erro ortográfico à mistura.

Para irmos de Manágua a San Juan del Norte, viajámos numa avioneta de passageiros até ao aeroporto de Blueffields: uma conquista da revolução. E que conquista! Um edifício de ma- deira, rodeado de um pequeno varandim com postes de cal e areia, e em cima um simulacro de torre de controlo. A dez metros de distância, um barracão co- berto de folha de palma, onde umas negras disformes se agi- tam ao som incessante de reg- gae, transmitido por um lei- tor-de-cassetes de pilhas; e nos servem o que querem, quando lhes apetece. Ali não há sombra. Avista-se o mar azul que parece uma estrada pintada por um louco, rodeado de plantas tropi- cais. A pista é de terra batida e é uma conquista da revolução. Blueffields fica na costa atlân- tica. É uma cidade «sulista», que parece ter sido construída para fazer um filme sobre os escravos negros dos EUA. Os habitantes são todos negros e falam Inglês. Quando percorremos a cidade, parecia que estava tudo parado para fazer de figurante. Cada pequena casa de madeira tem uma varanda, com cadeiras que rangem e onde os negros placi- damente esperam o toque da brisa que lhes chegue do porto. Apesar da sua simplicidade, esse porto é essencial à econo- mia da Nicarágua. Também foi minado. Por Eden Pastora, que, em entrevista concedida, du- rante a «ocupação» de San Juan del Norte, a um jornalista da «Vanguardia» de Barcelona, se queixava dos somozistas porque lhe copiam os métodos. Dizia ele, orgulhoso: «Eu é que tive a ideia de minar os portos. Colo- quei minas em Blueffields. E de- pois os somozistas imitaram- -me.»

Durante anos e anos, a costa atlântica esteve separada do resto da Nicarágua. Pergunto a mim própria se aqueles negros anglófonos se sentirão nicara- guenses. Ninguém pensou em fazer uma estrada que unisse a costa atlântica à pacífica ou em erigir um aeroporto que fizesse a ligação. A revolução, com os modestos meios de que dispõe, fez aquele arremedo de aero- porto, muito mais comovedor que todos os luxos imagináveis, e lançou-se ao fabuloso empre- endimento de construir uma es- trada.

Algumas pessoas com quem conversámos estenderam-nos um mapa da Nicarágua e expli- caram-nos que a costa atlântica é de acesso relativamente fácil. «Por aqui será a invasão», disseram-nos.

Eu ia pensando nisso, via- jando para San Juan del Norte no helicóptero militar, cheio de jor- nalistas e sacas com leite con- densado para as tropas que íamos visitar. Cá em baixo, era tudo floresta impenetrável e la- gos, rios, tudo verde como a Pri- mavera (e a morte que também me parece verde). O céu estava muito azul. Portugal parecia-me dali o local mais improvável do mundo e eu estava a querer transformar-me em máquina viva puramente registadora. Eu não queria empenhar-me, queria ausentar-me do que via, queria afugentar todas as emoções. Mas quando o helicóptero anun- ciou a sua chegada e um número infindo de soldados, todos muito jovens (na Nicarágua a espe- rança de vida não chega aos 50 anos e é preciso começar a viver e a morrer muito jovem), correu para nós, como setas disparadas de todas as direcções, para nós, que éramos símbolo de vida na- quele cenário de morte, destrui- ção e ameaça em que se encon- tram confinados, não pude dei- xar de me revoltar, de perder essa qualidade inumana de jor- nalista. Depois, quando me en- contrei com Chirico, no terreno, e me afastei de todos, sentindo que estava eu própria confron- tando o fim do mundo, percebi que San Juan del Norte é a Terra inteira. Será a Terra inteira se continuarmos todos a consentir na loucura que alastra, alastra perigosamente, e se abriga, in- sidiosa, até nas mentes mais in- suspeitas. Por mim, agora, aqui, nesta paz podre sem mortos, resta-me agradecer o espaço que o «DL» tão generosamente me ofereceu.

ESTRATÉGIAS EMPRESARIAIS EM CONTEXTO DE CRISE

PAINEL DE ABERTURA

Realiza-se no próximo dia 18 de Maio pelas 18.30 h., na sede da ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, na Praça das Indústrias em Lisboa, um painel sobre o tema das estratégias em- presariais num quadro de crise económica, com a participação de Rocha de Matos Morbey Ro- drigues, António Augusto de Almeida e Mário Murteira, entre outros.

O painel servirá de introdução a um ciclo de 8 seminários e conta com o apoio de diversas entidades, além da ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA:

Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial
Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais
Associação Portuguesa de Economistas
Instituto Damião de Góis
Instituto para a Cooperação Económica
Direcção Geral da Qualidade

INFORMAÇÕES:
Telefones: 65 00 44/65 75 27/65 45 59/65 71 74

PS — Este painel estava anunciado para dia 17 de Maio.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 24 de Maio de 1984, pelas 15.30 horas, neste Tribunal — R. Braamcamp, 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Casa dos Vinhos e Petiscos O Pilar, Ld.ª com sede na R. Duque de Palmela, 5-9 Lisboa, no processo executivo n.º 1915/80 e apensos, instaurado por dívida à Caixa de Previdência Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse das lojas c/ os n.os 18 e 20 para a R. Alexandre Herculano e os n.os 3, 5, 7 e 9 para a R. Duque de Palmela, e o respecitvo recheio a que se atribui o valor presumível de 3 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 14 de Maio de 1984

O JUIZ DE DIREITO,
(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO,
(Carlos Manuel Ameida Alvelos)

D.L. – 16/5/84 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 23 de Maio de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal — R. Braamcamp, 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Coceme — Companhia Comércio Estruturas Metálicas, Ld.ª com sede na Rua Maria, 12-B Lisboa, no processo executivo n.º 4891/83, instaurado por dívida à Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse do prédio sito na Rua Maria, 12-B composto por um armazém amplo com uma divisão para escritório e casa de banho, e o respectivo recheio a que foi atribuído o valor presumível de 5 110 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 14 de Maio de 1984

O JUIZ DE DIREITO,
(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO,
(Carlos Manuel Ameida Alvelos)

D.L. – 16/5/84 — 2.ª Pub.

---

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
dos 10 às 12 h. e dos 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis 173 1.º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

TRIBUNAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

No dia 11-6-1984, às 10.30 horas, no Tribunal da Comarca de Cascais, 1.º Juízo-2.ª Secção, nos Autos de Carta Precatória n.º 3561, extraídos da Execução Sumária n.º 4-B/79 que, Ete-Tonis, Industrias de Calçado Ld.ª move contra Maria Carolina Borges de Oliveira Pereira Matos e marido, residentes em Areia-S. Pedro do Estoril, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima do valor indicado nos autos, diversos móveis e electrodomésticos penhorados na habitação dos executados.

Cascais, 11 de Abril de 1984
O Juiz de Direito
a) Dr. Francisco Magueijo
O Escrivão Adjunto
a) Artur Pereira

DL — 16/5/84 — 1.ª Pub

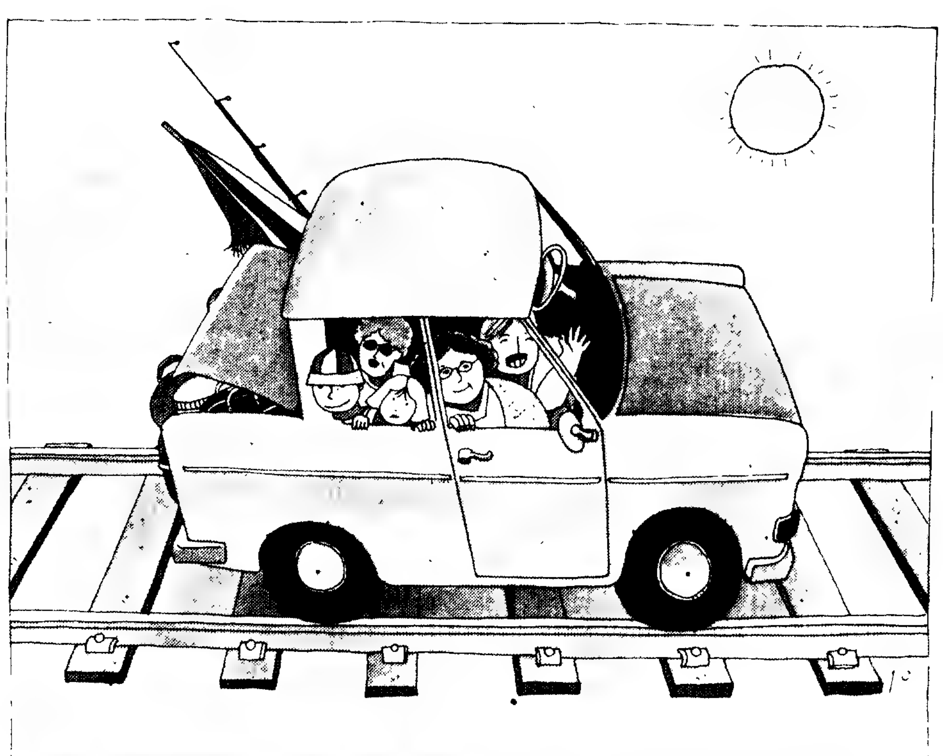
RTP concurso

Nome ______ Idade ___ Tel: ______
Morada ______ Profissão ______
Tem Televisor ? ______ N.º Licença ______
Acompanhante ______ Idade ______
Profissão ______

Cupão a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — 1507 Lisboa Codex

---

PORTO/ALGARVE



Com a tralha despachada,
carro e barco acomodados,
lá vai a família de férias,
tranquila, sem sobressaltos,
lê-se um livro, uma soneca,
pouca-terra, pouca-terra,
o Porto ficou para trás,
e eis o Algarve que chega!

Comboios directos entre o Porto e o Algarve, a partir de Junho. Reforço de viagens em meados e finais de Julho, todos os fins-de-semana de Agosto e princípios e meados de Setembro. Percursos diurnos e nocturnos. Bilhetes de 1.ª e 2.ª classes. Serviços de bar, carruagem-cama e transporte de automóveis, barcos de recreio, roulottes, furgões, motorizadas, bicicletas, etc. Reduções substanciais nos períodos verdes.

Programe as suas férias com tempo. Sem demora. Reserve já as suas viagens. De ida. E de regresso. Bilhetes à venda, a partir de 15 de Maio.

C P Gabinete de Design

Família de 4 pessoas, com Automóvel: desde 3.280$00

Comboio, a opção inteligente.

17.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

«GEOTRADERS — CONSULTORES E OPERADORES DE COMÉRCIO, LIMITADA»

Certifico que pela escritura deste Cartório de 17 de Abril do ano corrente lavrada de fls. 91 a 96 v.º do Livro N.º 236-F, houve cessões de quotas na sociedade em epígrafe constituída por escritura de 29.X.1979 e que aumentou o seu capital social de 500 contos para 2500 contos, aumento de 2000 contos efectuado a dinheiro já entrado no Cofre Social, subscrevendo para tal aumento, a associada «Snede-Sociedade Nacional de Empreendimentos e Desenvolvimento Económico, S.A.R.L.» uma quota de 1400 contos e cada um dos outros sócios Adérito da Silva Vieira Amora, Carlos Aurélio da Silva Marques dos Santos, Júlio Manuel da Silva Marques dos Santos e a associada «Citoeste-Investimentos Imobiliários, Limitada», uma quota de 150 contos; e, pela mesma escritura, considerada a unificação das quotas dos sócios, iniciais, adquiridas e resultantes do aumento, mantido com rigor o objecto da sociedade em relação ao que já era e consta dos registos, foi TOTALMENTE SUBSTITUÍDO O PACTO SOCIAL CUJA REDACÇAO PASSOU A SER A SEGUINTE:

— Artigo 1.º — A sociedade adopta a denominação «GEOTRADERS — Consultores e Operadores de Comércio, Limitada», e tem a sua sede em Lisboa, na Avenida João Crisóstomo, numero trinta e dois, quinto, direito, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, com duração por tempo indeterminado, contando-se o seu início desde a data da constituiçao.

— Artigo 2.º — O objecto da sociedade é o comercio de cosméticos, sua importação e exportaçao, e estudos, projectos e consultadoria de comercio.

— Artigo 3.º — O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de dois mil e quinhentos contos e corresponde à soma das quotas: de mil setecentos e cinquenta contos pertencente à associada «SNEDE — Sociedade Nacional de Empreendimentos e Desenvolvimento Economico, S.A.R.L.», de cento e oitenta e sete mil e quinhentos escudos pertencente a Adérito da Silva Vieira Amora, de cento e oitenta e sete mil e quinhentos escudos, pertencente a Carlos Aurélio da Silva Marques dos Santos, de cento e oitenta e sete mil e quinhentos escudos pertencente a Júlio Manuel da Silva Marques dos Santos, e de cento e oitenta e sete mil e quinhentos escudos, pertencente à associada «CITOESTE — INVESTIMENTOS IMOBILIARIOS, LIMITADA».

— Artigo 4.º — A sociedade podera ter participação noutras sociedades, ainda que de objecto diferente do seu, e adquirir quotas, acções ou obrigações dessas ou de outras sociedades ou Titulos de Estado, estabelecer ou encerrar sucursais, agências ou outras formas de representação no País ou no estrangeiro.

— Artigo 5.º — E livremente permitida a cessao total ou parcial de quotas, quer entre os socios, quer a favor de estranhos.

— Paragrafo 1.º — Todavia o sócio que pretenda ceder a sua quota devera dar conhecimento, por escrito, com a indicaçao do respectivo preço, à sociedade e aos restantes sócios.

— Parágrafo 2.º — Neste caso a sociedade tera o direito de preferência, em primeiro lugar, na aquisiçao da quota, cabendo o mesmo direito, em segundo lugar, aos restantes sociosna proporçao das suas quotas.

— Paragrafo 3.º — O valor da quota cedida à sociedade ou entre os sócios é determinado pela situaçao líquida do último balanço aprovado.

— Artigo 6.º — A gerência e a administração da sociedade em todos os seus actos e contratos, em juizo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por três gerentes eleitos trienalmente em assembleia de sócios, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme o deliberado em Assembleia Geral.

— Paragrafo Primeiro . Para obrigar a sociedade sao necessárias e suficientes as assinaturas de dois gerentes.

— Paragrafo Segundo. Os gerentes poderao delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, por meio de procuração, depois da autorização da Assembleia Geral.

— Parágrafo Terceiro. E proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto social, designadamente em fianças, abonaçoes, letras de favor e outros semelhantes.

— Artigo 7.º — No caso de morte de qualquer dos sócios, os seus herdeiros exercerao em comum na sociedade os direitos do falecido, mas escolherao entre si um que a todos represente enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Artigo 8.º — As Assembleias Gerais, salvo os casos para que a lei exija outras formalidades, serao convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência minima de oito dias.

Está conforme e vai passado para fins de publicação

Lisboa, dois de Maio de mil novecentos e oitenta e quatro

O 3.º Ajudante
Maria da Graça Mendes Zuzarte

Rectificação No certificado de dissolução da Cooperativa GRAFICOOPE — Artes Gráficas, C. R. L., inserto a p. 3124 do *Diário da República*, 3.ª série, n.º 69, de 22 de Março de 1984, na nota de registo (averbamentos) da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, onde se lê «foi efectuado o registo de dissolução da cooperativa» deve ler-se «foi efectuado provisoriamente, por natureza, o registo de dissolução da cooperativa».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DO PORTO
8.º JUÍZO

ANÚNCIO
PCO. N.º 984/2

O doutor José Pereira da Graça, mm. Juiz de Direito:

FAZ SABER que pela 2.ª Secção deste Juízo correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando a ré Maria Helena Reis Silva e Sousa, ausente em parte incerta e com última residência conhecida, na Rua Jacinto Nunes, n.º 20 r/c, Lisboa, para no prazo de dez dias, findo aquele dos éditos, contestar querendo a acção sumária, que lhe move o seu marido o autor Jaime Pereira Dias, sob pena de não contestando vir a ser condenada no pedido.

Porto, 3 de Maio de 1984

O JUIZ DE DIREITO,
a) José Pereira Graça

O ESCRIVÃO
a) António da Silva Pereira Leal

D.L. – 16/5/84 — 2.ª Pub.

POUPE COMBUSTÍVEL

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

Sempre que se ausentar, não se esqueça, feche a garrafa de gás ou a torneira do contador. Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Crédito rápido e selectivo é solução

Produtividade agrícola está a baixar por quebra na venda de tractores

O sector agrícola terá revelado durante o ano de 1983 uma quebra de produtividade na ordem dos cinco por cento, devida em grande parte à diminuição das máquinas utilizadas, em especial tractores. A revelação partiu da Associação de Comércio Automóvel (ACAP) que disse, ontem, em conferência de Imprensa, ter baixado em 36,8 por cento o número de tractores matriculados em Portugal desde 1980.

Segundo a ACAP, as vendas de tractores baixou de 11 351 em 1980 para 7179 em 1983, numa quebra progressiva, com 10 404 unidades matriculadas em 1981 e 8113 em 1982. Os dois factores – baixa nas vendas, quebra na produtividade do conjunto do sector agrícola – devem estar ligados, comentou a ACAP.

O sector emprega 27,9 por cento da população activa e a deterioração das condições de vida e produção têm-se reflectido nas transacções de máquinas e alfaias agrícolas. Existem em Portugal cerca de 100 mil tractores com uma capacidade média de 65 cavalos por 100 hectares, quando em 1980 nos países da CEE a média já atingia os 220 cavalos por cem hectares.

Sublinharam que em Portugal o baixíssimo índice de mecanização tem reflexos negativos na produtividade, exemplificando que a insuficiência do parque de ceifeiras debulhadoras tem determinado prejuízos anuais superiores a dois milhões de contos por queda de cereal para o solo.

A agricultura portuguesa não tem condições para competir com outras mais desenvolvidas e mecanizadas – assinalaram.

Os dirigentes da ACAP defenderam que a utilização de certas alfaias agrícolas, como as semeadoras, equipamentos de horticultura e máquinas de colher ervilhas, permitiriam uma maior produtividade ou melhor qualidade dos produtos.

Defenderam um «crédito rápido, eficiente e selectivo» para a compra de material agrícola, com subsídios a fundo perdido para certas máquinas.

Apontaram, ainda, para a formação profissional dos utilizadores de equipamentos agrícolas e um maior período lectivo para as questões de mecanização nas Escolas Superiores de Agronomia.

Os dirigentes da ACAP salientaram a necessidade de apoiar a actividade das cooperativas agrícolas, prosseguir os programas de desenvolvimento hidro-agrícolas, de maior intervenção no mercado em matéria de garantia de preços e escoamento dos produtos e de investimentos em infra-estruturas de comercialização de produtos agrícolas.

Os dirigentes da Associação criticaram a estrutura dos serviços regionais do Ministério da Agricultura, que consideraram «muito pesada», e defenderam uma transferência de engenheiros agrónomos, veterinários, economistas e outros técnicos da administração pública para cooperativas com viabilidade.

Máquinas industriais: o caos

Também o sector de máquinas industriais – barómetro de toda a actividade industrial por constituir elemento fundamental da sua infra-estrutura produtiva – atravessa uma crise gravíssima, segundo os dirigentes da ACAP.

«O comércio de máquinas industriais está à beira da paralisação total – disseram – tendo as vendas no primeiro trimestre de 1984 diminuído pelo menos em 40 por cento relativamente a idêntico período do ano passado».

São 15 600 e empregam 62 por cento de mão-de-obra industrial

Pequenas e médias empresas reúnem no mês de Julho

Um «forum» especialmente dedicado aos problemas das cerca de 15 600 pequenas e médias empresas (PME's) vai realizar-se na FIL, em Lisboa, de 11 a 15 de Julho — anunciou a Associação Industrial Portuguesa (AIP).

As PME's empregam 62 por cento da mão-de-obra industrial, são responsáveis por mais de 25 por cento das exportações e localizam-se na sua maior parte no eixo Aveiro-Porto-Braga.

Para ser legalmente considerada uma PME uma empresa tem de ter entre 5 e 500 empregados e não mais de 400 mil contos de vendas anuais.

O «forum» a realizar em Julho, a cuja abertura deverão estar presentes o Presidente da República e o Primeiro-Ministro, tem o patrocínio das Associações Industriais Portuguesa e Portuense, IAPMEI e Caixa Geral de Depósitos.

Este «forum» é o primeiro dos encontros que de dois em dois anos, alternadamente em Lisboa e no Porto, as Associações Industriais Portuguesa e Portuense decidiram organizar. No protocolo que formalizou esta decisão participaram, também, o IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais) e a Caixa Geral de Depósitos.

A AIP está a tentar fomentar a criação de associações industriais regionais em vários distritos, estando para breve a sua concretização na Guarda e em Évora — disse Silva Pinto.

Quanto às questões que preocupam este tipo de empresas, elas variam muito consoante se trata de firmas de Lisboa e Porto ou do interior — foi salientado na reunião.

Governo acredita na inflação a 22/24 por cento

O Ministério do Comércio continua a acreditar que a taxa de inflação se fixe, no final de 1984, entre os 22 e os 24 por cento o que significaria acentuada melhoria em relação ao ano passado.

É pelo menos esta a convicção manifestada pelo porta-voz do Ministério, Nuno Cintra Torres, que declarou à NP que «com base em dados disponíveis, prevê-se para o segundo semestre do corrente ano um claro abrandamento das tensões infacionistas, pelo que a taxa de inflação anual Dezembro-84/Dezembro-83 deverá rondar os 22/24 por cento, enquanto a taxa verificada entre Dezembro-83/Dezembro-82 foi de cerca de 34 por cento».

Segundo o porta-voz do Ministério do Comércio, da comparação dos valores verificados de Janeiro a Abril de 1983 e 1984, respectivamente, «pode-se constatar que, na realidade, o ritmo do aumento de preços tem sido, este ano, inferior ao verificado em igual período do ano anterior, ao contrário do que tem sido publicitado».

Referiu que em Janeiro, Fevereiro, Março e Abril de 1983 tal aumento se cifrou, respectivamente, nas percentagens de quatro, 2,2, 2,4, 2,3, o que dá um valor acumulado de 11,3 por cento. Nos mesmos meses de 1984, os valores foram, respectivamente, de 1.5 por cento, 1,6, 3,8 e dois, o que dá uma média de 8,9 por cento.

Nuno Cintra Torres declarou que da análise daqueles números «se verifica que em três dos quatro meses em análise a taxa de inflacão de 1984 foi inferior às dos mesmos meses de 1983, e que o valor acumulado nos quatro primeiros meses de 84 é substancialmente inferior ao de igual período do ano passado.

Em dez anos

Noventa milhões da CEE para adaptar a agricultura

O presidente da Comissão de Integração Europeia, António Marta, informou que a CEE tenciona conceder noventa milhões de contos durante dez anos, com vista à modernização das estruturas rurais.

Quanto ás pescas, o presidente da Comissão de Integração Europeia disse que a Comunidade tinha entregue um documento muito em cima da hora, não permitindo uma imediata reacção».

«De qualquer modo, não concordamos com alguns aspectos, nomeadamente no que respeita às nossas conservas, que à data da adesão de Portugal deverão poder entrar na Comunidade sem quaisquer impostos», frisou.

O FMI é exemplo acabado do totalitarismo económico

— acusa Carlos Andres Perez

O ex-presidente venezuelano, Carlos Andres Perez, declarou ontem que o Fundo Monetário Internacional (FMI) é «a expressão mais acabada do totalitarismo económico que se exerce contra os países em vias de desenvolvimento, matando-os à fome».

O político social-democrata, que participou, recentemente, numa reunião da Internacional Socialista, em Copenhaga, defendeu a necessidade de os países latino-americanos «unirem os seus medos» para se defenderem da «política totalitária» do FMI.

Entre estes países destacou a Argentina, o Brasil, o México e a Venezuela, os quatro mais importantes devedores da América Latina.

Andres Perez declarou aos jornalistas que na reunião da IS se registou da parte dos líderes dos países europeus uma aceitação generalizada das posições assumidas pelos países do Terceiro Mundo.

Ao referir-se ao caso da República Dominicana, país abalado por uma profunda crise económica e social, disse que o presidente Salvador Jorge Blanco foi a Washington «num esforço desesperado» para convencer Ronald Reagan da situação do país e da impossibilidade de aceitar as condições do FMI sem resolver os problemas sociais em geral.

«Salvador Jorge foi com as mãos vazias para que lhas enchessem de cadáveres na sua pátria», disse Perez salientando que não estava a fazer nenhuma acusação exclusiva a Washington mas sim aos governos dos presidentes Reagan, da senhora Thatcher, e do «companheiro Mitterrand», que acusou de totalitarismo económico.

«Prosperidade americana é a ruína do mundo»

A juntar a isto, o aumento das taxas de juro norte-americanas e a decisão das autoridades bancárias dos Estados Unidos de declarar duvidosa a concessão de empréstimos à Venezuela provocaram protestos por parte do governo e da oposição venezuelanos.

«Os Estados Unidos estão prontos a defender a sua prosperidade económica à custa da ruína do resto do mundo», afirmou em Caracas o presidente do Partido da Acção Democrática, no poder.

A decisão, na última semana, de aumentar as taxas de juro bancárias norte-americanas de 12 para 12,5 por cento foi vista por alguns observadores venezuelanos como uma forma dos Estados Unidos resolverem os seus problemas de défices orçamentais à custa das nações devedoras.

Economistas governamentais afirmaram que o aumento vai traduzir-se num pagamento adicional de juros de 150 milhões de dólares sobre a parte pública externa de uma dívida que ascende a 35 mil milhões de dólares, a quarta maior da América Latina.

Para a região, o acréscimo será de 1,6 mil milhões de dólares, disseram. A maior parte dos juros da dívida dos países do Terceiro Mundo está ligada a flutuações da «prime rate» nos Estados Unidos.

MINISTÉRIO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL

SUBSÍDIOS AO TEATROPROFISSIONAL

SUBSÍDIOS AO TEATRO PROFISSIONAL

3(TEMPORADA DE 1984-85)

CONCURSO

Estará aberto de 15 a 31 de Maio o concurso para apoio financeiro do Ministério da Cultura (subsídio regular e subsído de montagem) ao teatro profissional, para a temporada 84/85.

O Regulamento geral e os formulários podem ser levantados no Ministério da Cultura (Fundo de Teatro) e junto das sus delegações regionais (Norte, Centro e Sul), ou requisitados pelo correio.

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.30 H

MARAT*

DE PETER WEISS

ENCENACAO JOAO MOTA

* PERSEGUICAO E ASSASSINATO DE JEAN PAUL MARAT REPRESENTADO PELO GRUPO DE TEATRO DO HOSPICIO DE CHARENTON SOB A DIRECCAO DO SENHOR MAROUES DE SADE.

TERÇA A SABADO AS 21.30 H
DOMINGO SO AS 17 H

SUB MC · PRAÇA DE ESPANHA · TEL 72 08 18

Câmara Municipal do Concelho de Loures

AVISO

Faz-se público que se acha aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República», para adjudicação da empreitada de «CONSTRUÇÃO DE UM EDIFÍCIO ESCOLAR EM FAMÕES — QUINTA DAS PRETAS — ODIVELAS»

A base de licitação é de 11 074 650$00

O processo de empreitada pode ser examinado todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, na Secção de Expediente dos Serviços Técnicos e Obras do Município.

Os concorrentes deverão possuir alvará de empreiteiro de obras públicas, correspondente à 1.ª categoria ou da 1.ª subcategoria da 1.ª categoria e da classe que cubra o valor da proposta apresentada.

A caução provisória é de 276 866$00.

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Câmara Municipal na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Câmara Municipal reúne às terças-feiras de oito em oito dias pelas 15 horas no edifício dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho, 20 de Fevereiro de 1984

O VEREADOR
António Marques Ribeiro

DESPORTO

Taça das Taças em ponto de ebulição

Portistas a um passo da glória

Começou já a contagem decrescente para o embate que se antevê empolgante entre o FC Porto e a Juventus, aprazado para logo à tarde (19.15 horas de Lisboa) no belo estádio de St. Jacques, em Basileia. Deverão assistir cerca de 70 mil pessoas, mas portugueses e italianos preencherão cerca de três quartos da lotação, conforme foi assegurado por um responsável helvético. Tudo a postos, por conseguinte, para um jogo de características inéditas, já que é a primeira vez que o FC Porto atinge uma final europeia e defronta a categorizada formação transalpina, recheada de estrelas de primeira grandeza que, por isso mesmo, tem justificado um certo favoritismo por parte dos críticos desportivos.

Cientes, porém, do seu valor, os portistas aguardam tranquilamente a subida ao «palco» de St. Jacques — o piso não é dos melhores, já que apresenta algumas «ratoeiras» e está mal tratado — para medirem forças e desfazerem dúvidas. Muito assediados, aliás, pelos repórteres italianos, os jogadores «azuis e brancos», com destaque para Gomes, Vermelhinho, Sousa e Jaime Pacheco, têm dado mostras de grande serenidade e não se eximem de afirmar que «não são os nomes que jogam», que «as estrelas nem sempre se vêem» ou, ainda, que «as possibilidades são idênticas para ambas as equipas».

Pensando, talvez, nisto mesmo, Trappatoni, o técnico da Juventus, mostrou-se, também, bastante reservado quando solicitado pelos jornalistas portugueses: «não podemos facilitar porque o FC Porto tem um conjunto muito sincronizado, que joga apoiado e com um meio-campo de grande valor». O responsável pela «Juve» mostrar-se-ia até de certo modo preocupado com a hipótese de um jogador como Jaime Pacheco poder vir a «incomodar» Platini — o estratega da equipa italiana — que, não sendo ponta-de-lança, conseguiu a bonita proeza de ser o melhor marcador do campeonato transalpino que terminou no domingo, sendo certo que em competições europeias já marcou 26 golos.

O duelo Platini-Jaime Pacheco poderá constituir um espectáculo dentro do próprio espectáculo, conhecidas como são as características dos dois jogadores, que se encaixam perfeitamente. É convicção generalizada, aliás, que a vitória nesta final dependerá em grande parte do referido duelo e, também, da acção que os «motores» de ambas as equipas venham a desenvolver, sobretudo no miolo do terreno, para onde se projecta uma batalha sem tréguas.

Outro aspecto que mereceu particular atenção por parte do técnico italiano diz respeito à defensiva «azul e branca», considerada a menos batida da Europa. Trappatoni evidenciou uma certa admiração pela forma como João Pinto se integra na movimentação atacante e como recupera rapidamente. «Um jogador muito inteligente», diria o responsável italiano.

Ontem e conforme estava previsto, ambas as equipas estiveram no relvado de St. Jacques. Enquanto a Juventus apenas se exercitou durante cerca de meia hora, em toques de bola, corridas e uma «peladinha», os portistas foram um pouco mais longe, ensaiando alguns lances de bola parada e puxando mesmo o físico a dar a sensação de uma frescura, já realçada anteriormente pelo dr. Domingos Gomes. O treino dos «azuis e brancos» ocorreu precisamente à hora do encontro, possibilitando assim um teste à luz artificial, considerada por todos como excelente. Já o dissemos, mas não será exagero repetir que o piso é bastante irregular e, em alguns pontos, apresenta mesmo um certo desnível. Depois do ensaio, o técnico António Morais não escondia a sua satisfação pelo facto de tudo estar a correr como havia previsto e de os jogadores terem correspondido ao esforço, sem evidenciarem qualquer desgaste.

Entretanto, julgamos oportuno referir que, no hotel onde a equipa portista se encontra instalada, mais parece uma «romaria» com os caçadores de autógrafos misturados com os adeptos portistas. Hotel onde tem chegado inúmeros telegramas de incitamento, de que destacamos alguns: FPF, do Belenenses, do Clube Académico de Coimbra, do Boavista, do Aberdeen (enviado directamente para António Morais), de núcleos portistas espalhados pelo País e pelo estrangeiro, de Tozé Brito, de vários profissionais de futebol e de entidades particulares. Incitamentos bem acolhidos pelos jogadores que os «saborearam» durante o almoço e o jantar.

O tempo que fará logo, ao fim da tarde, era, ainda esta manhã, uma incógnita. Os técnicos meteorologistas prevêm que possa chuviscar durante o jogo ou, até mesmo trovejar. Esperemos, no entanto, que se tenham enganado nos seus cálculos, como de resto acontece frequentemente com os meteorologistas de todo o mundo...

Por determinação da UEFA, o FC Porto vai alinhar todo de azul (camisola, calção e meias), enquanto a Juventus vai jogar com camisola Amarela (que se espera não seja o símbolo de guia...), calções azuis e meias amarelas. Sob a arbitragem de Adolf Prokop, da República Democrática Alemã, e salvo qualquer contratempo de última hora, as equipas deverão alinhar do seguinte modo:

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís; Jaime Magalhães, Frasco, Sousa e Jaime Pacheco; Gomes e Vermelhinho. Como suplentes: Barradas, Inácio, Quinito, Walsh e Costa.

Juventus: Tacconi; Gentile, Brio, Scirea e Cabrini; Tardelli, Bonini, Platini e Vignola; Paolo Rossi e Boniek. Suplentes: Penzo, Caricola, Furino, Prandelli e o guarda-redes Bodini.

Os prémios para as duas equipas

Cada jogador do FC Porto receberá, em caso de vitória na Taça das Taças em futebol, 500 contos — afirmava ontem o jornal milanês «La Gazzetta Dello Sport».

O diário desportivo acrescenta que a eliminação dos escoceses do Aberdeen nas meias-finais rendeu aos «azuis-e-brancos» cerca de 450 mil escudos.

Mais ainda, diz que o salário médio mensal de cada jogador do FC Porto oscila pelos 350 mil escudos.

O jornal nada mencionava quanto aos prémios da Juventus, mas sabe-se que cada jogador deverá receber cerca de 1.400 contos (se vencer, claro...)

O que tem dito a imprensa italiana

O FC Porto pretende «imitar o mítico Benfica», titulou o jornal italiano «Gazzetta Dello Sport»na página que dedica ao clube português, adversário da Juventus na final da Taça das Taças em Futebol, em Basileia.

O jornal de Milão lembra que em 1960-61 o Benfica chegou também pela primeira vez à final da Taça dos Campeões, venceu o Barcelona e ganhou o troféu.

Também na Taça das Taças há um precedente que encoraja a equipa do FC Porto: o sucesso, há 20 anos, do Sporting de Lisboa.

O FC Porto tem a esperança de ser a segunda equipa portuguesa a ganhar o troféu.

A meio da página, a toda a largura, a «Gazzetta» cita o técnico português António Morais, em entrevista que concedeu ao seu enviado especial, sob o título «eis como iremos vencer a Juventus».

«Para vencer a Juventus numa só partida – disse Morais – é preciso humildade, muita humildade, sendo a minha receita para nossa vitória a não sobrevalorização do adversário e jogar tranquilos».

Em dois quadros, o jornal publica dados dos 18 convocados do FC Porto e a carreira do clube nas provas europeias, a uma coluna, informa os leitores de que a criação do clube das Antas ficou a dever-se à colónia inglesa, em 1906.

Platini: o homem mais badalado

Ainda em relação à final de Basileia, o francês Michel Platini é o homem da Juventus mais em foco, a merecer honras de grandes títulos nos jornais, enquanto pelo FC Porto o preferido tem sido o «bota-de-ouro-83», Fernando Gomes.

Platini, todavia, tem-se mostrado lacónico, declarando que «uma final é sempre difícil».

«Estamos preparados, não havendo problemas na equipa» – acrescentou o francês, concluíndo: «Só esperamos que o FC Porto não jogue como o Hamburgo», que há um ano derrotou a «Juve» em Atenas na final da Taça dos Campeões.

Mas Trapattoni, o técnico, garantiu: «Desta vez não repetiremos o erro de Atenas de à partida nos considerarmos já vencedores».

Telegrama de Eanes a Pinto da Costa

O Presidente da República enviou esta manhã para Basileia, ao presidente do F.C. do Porto, o seguinte telegrama: «A poucas horas do início da final da Taça dos Vencedores das Taças em futebol, em que a equipa do FC Porto vai ser interveniente, peço-lhe que transmita aos técnicos e jogadores da valorosa equipa do clubea que V. Exa. preside, em meu nome pessoal e no do povo português, os desejos das maiores felicidades para o encontro com a Juventus, na certeza de que o FC Porto saberá prestigiar, como sempre, Portugal e o seu desporto».

O SEU CONCESSIONÁRIO

COM AS SEGUINTES GAMAS DE SERVIÇOS:

- **Venda de automóveis novos RENAULT**
- **Venda de veículos usados com garantia**
- **Peças de origem e assistência oficinal**

SACAVENAUTO Estrada Nacional 10 SACAVÉM – Tels. 25 25240/25 250402

Jogo particular no Bonfim

Benfica empata com V. Setúbal

Benfica e Vitória de Setúbal empataram ontem à noite a um golo no Estádio do Bonfim, em jogo particular de futebol previsto no contrato de transferência do médio Nunes para o clube da Luz.

O Benfica vencia por 1-0 ao intervalo, golo de Carlos Manuel aos 40 minutos.

Na segunda parte aos 65, Roçadas igualou.

Antes do encontro, dirigentes e jogadores do Vitória impuseram as faixas de campeões nacionais aos dirigentes e jogadores do Benfica, com Fernando Pedrosa a entregar a faixa a Fernando Martins.

O encontro foi inicialmente muito equilibrado e de bom nível, mas o Benfica acabou por dominar e criar situações de perigo para as redes de Jorge.

Com o Benfica a impor a sua toada de jogo, o Vitória também rubricou alguns bons lances, com Roçadas, Vitinha e Mota em evidência.

Aos 33 minutos, um excelente «chapeu» de Nascimento poderia ter sido o primeiro golo para o Vitória, mas a bola passou sore a trave.

Aos 40 minutos, Carlos Manuel, a passe de Shéu, rematou frente à baliza, sem hipóteses para Jorge, fazendo o 0-1.

Na segunda parte o Vitória começou por ganhar algum ascendente e o golo do empate foi a consequência, aos 65 minutos.

Vitinha cruzou para Jorge Plácido e este entregou a Roçadas que rematou fora do alcance de Bento.

A parte final do encontro foi disputada em toada de equilíbrio e constituiu excelente espectáculo de futebol, como se se tratasse de autêntico campeonato.

Sob a direcção de Gil Rosa, de Setúbal, e perante cerca de dez mil espectadores, as equipas alinharam:

V. SETÚBAL: Jorge, Mota, Edmundo (Francisco Silva), Artur, Sobrinho, Nunes (Jorge Plácido), Freire (Hernâni), Vitinha, Nascimento, Roçadas e Formosinho (Vicente).

BENFICA: Bento, Veloso, Bastos Lopes II (Álvaro), Oliveira, Bastos Lopes I, Carlos Manuel, Nené (Maniche), Stromberg, Filipovic, (Diamantino), Chalana (Pietra) e Shéu (José Luís).

Cartão amarelo: Edmundo (70).

Ténis de mesa

"Nacionais" individuais revelam boa distribuição de valores

O magnífico pavilhão de Paredes foi cenário, durante o fim-de-semana, dos campeonatos nacionais individuais de singulares e de pares. Infelizmente a organização não esteve à altura da importância desta prova (uma das mais importantes do calendário), pecando nomeadamente na ausência de marcadores e na utilização de árbitros que não estavam minimamente à altura por falta de experiência e, mesmo, nalguns casos, por desconhecimento das regras. A escolha do pavilhão também nos parece infeliz, por se situar num dos extremos do País, obrigando os clubes do sul a uma autêntica corrida contra o tempo e a despesas que para muitos pequenos clubes são quase insuportáveis, daí advindo um grande número de faltas de comparência.

De uma maneira geral os resultados não constituíram surpresa, mas deve salientar-se a distribuição de valores actualmente existente em quase todas as categorias, o que muito valoriza o aspecto competitivo. De facto, em todas as provas, não houve vencedores antecipados, tendo-se sempre verificado luta renhida até final.

Foi a seguinte a classificação dos melhores, em cada categoria:

Seniores masc. – 1.º João Portela (Philips); 2.º Ivanoel Moreira (Benfica); 3.º Diamantino Pinto (CPN); 4.º José Pedro (Philips); 5.º Elmano Monteiro (CPN); 6.º Mário Meneses (Casa Pia); 7.º Carlos Guilherme (Casa Pia); 8.º José Rocha (Philips); 9.º José Marquês (Benfica).

Juniores masc. – 1.º Nuno Dias (Sporting); 2.º Fernando Branco (FC Porto); 3.º Paulo Cardoso (FCP); 4.º Paulo Ribeiro (FCP); 5.º António Aires (Arrudense); 6.º Pedro Ceia (Alhandrense).

Cadetes masc. – 1.º Pedro Tojal (Arrudense); 2.º Jorge Salvador (Alhandrense); 3.º José Ferreira (Casa Pia); 4.º Ricardo Magalhães (Casa Pia); 5.º Virgílio Tonelo (Sp. Caldas); 6.º Ricardo Sedas (Kapas).

Veteranos – 1.º José Louro (Casa Pia); 2.º Arménio Pinto (B.º Janeiro); 3.º Eduardo Moura (Sp. Caldas); 4.º Luís Amaro (Sporting); 5.º António Serôdio (Sporting); 6.º Arlindo Rosendo (Sp. Caldas).

Seniores fem. – 1.ª Anabela Fernandes (Philips); 2.ª Maria Alexandra (Ramiro José); 3.ª Ana Lia (Philips); 4.ª Olga Meneses (Ramiro José); 5.ª Odete Cardoso (Ramiro José); 6.ª Cristina Alekxo (Caldas SC).

Juniores fem. – 1.ª Mónica Salgado (Ramiro José); 2.ª Elsa Marisa (FCP); 3.ª Ana Plácido (Sporting); 4.ª Paula Canhão (Palmeiras Montijo); 5.ª Maria Paulo (FCP); 6.ª Ana Cunha (Sporting).

Cadetes fem. – 1.ª Luísa Lopes (Sp. Caldas); 2.ª Margarida Lopes (Azambuja); 3.ª Paula Mendonça (Azambuja); 4.ª Maria João (CPN); 5.ª Sónia Mendes (Atlético Moscavide); 6.ª Liliana Chaves (Atlético Moscavide).

Pares

Seniores masc. – 1.º Alvoeiro/J. Marquês (Benfica); 2.º C. Guilherme/A. Raimundo (Casa Pia).

Juniores masc. – 1.º Fernando BrancoP. Cardoso (FCP); 2.º C. Agrela/C. Nunes (Sporting).

Cadetes masc. – 1.º Virgílio Tonelo/ M. Feliciano (Sp. Caldas); 2.º Paulo Moreira/Pedro Moreira (Sporting).

Veteranos – 1.º Eduardo Moura/A. Rosendo (Sp. Caldas); 2.º F. Brigola/A. Serôdio (Sporting).

Seniores fem. – 1.º Olga Meneses/Odete Cardoso (Ramiro José); 2.º Branca Campos/Anabela Pinto (Philips).

Juniores fem. – 1.º Ligia Reis-/Alexandra Pereira (Palmeiras Montijo); 2.º Susana Macedo/Carla Franco (Caldas SC).

Cadetes fem. – 1.º Margarida Lopes/Paula Mendonça (Azambuja); 2.º Isabel Cristina/Maria João (CPN).

Seniores mistos – 1.º Pedro Miguel/Anabela Fernandes (Philips); 2.º José Rocha/Anabela Pinto (Philips).

Juniores mistos – 1.º Paulo Fernandes-Mónica Salgado (Ramiro José); 2.º José Carlos/Maria José (FC Porto).

Cadetes mistos – 1.º Jorge Salvador/Sónia Mendes (Alhandrense/Atl. Moscavide); 2.º Carla Patriarca/Mário Feliciano (Sp. Caldas).

Se os jovens pudessem...

António Santos
Estudante do 11.º ano 18 anos

Namoro é um termo clássico

— Depois do 12.º ano o que é que pensas fazer?

— Seguir História ou Comunicação Social. Não sei ainda, a opção dependerá do factor monetário que é extremamente importante na nossa sociedade.

— Há problemas graves no Gil Vicente?

— As condições de estudo são deploráveis. É um milagre que ainda se possa ser estudante neste país.

— As coisas estão assim tão mal?

— Não há material, não há apoios humanos. Mas não quero dizer que os professores sejam incompetentes, mas...

— Que tal de relações com os professores?

— São aceitáveis.

— Há uma diferença acentuada entre os provisórios e os efectivos?

— É uma questão de idades. Quando os provisórios são muito novos é mais fácil o relacionamento. Com os professores mais batidos o contacto é mais difícil.

— Os problemas dos jovens têm mais a ver com dificuldades materiais ou de ordem afectiva?

— Penso que se trata sobretudo de problemas materiais, sobretudo de colocação quando terminam os estudos. À saída da escola nunca sabemos o que é que nos espera. Só as pessoas com muitos conhecimentos é que conseguem trepar. Além disso ainda há os flagelos sociais da droga e do tabaco que às vezes resultam do desalento e das condições que a sociedade não nos dá.

— Conheces casos de alcoolismo?

— Conheço um rapaz de 17 anos. Os pais separaram-se e ele, que nunca tinha bebido, no dia seguinte chegou a casa completamente bêbedo. Procurou aí um conforto moral. Isto mostra que os problemas afectivos também são importantes para os jovens. A afectividade é um elemento fundamental para o nosso desenvolvimento.

— As relações entre rapazes e raparigas no teu meio como são?

— São boas. Acho que os jovens têm um código, uma linguagem que por vezes os adultos não compreendem, mas que beneficia e facilita imenso as nossas relações.

— O casamento o que é para ti?

— Um passo fundamental na vida das pessoas que deve ser muito pensado. Julgo que a maior parte dos jovens não está preparada para isso, daí o número assutador de divórcios que afectam a vida deles e dos possíveis descendentes.

— E das situações de vida a dois fora do casamento, o que é que pensas?

— São coisas que saem um bocado da minha maneira de ver, mas que talvez sejam positivas como preparação para o casamento. Talvez assim não houvesse tantos divórcios.

— No teu meio as pessoas utilizam o termo «namorar»? Há muita gente que «namora»?

— Namoro é um termo clássico, continua-se a usar. A maior parte das pessoas da minha idade namora mas nem sempre tem o casamento como objectivo, é um compromisso.

— A religião tem algum significado para ti?

— Tem. Já fui católico praticante, agora não. Continuo a ser cristão.

— Os problemas sociais preocupam-te?

— Sim, é terrível a falta de condições económicas, de saúde, o desemprego, a falta de segurança social...

— O teu maior desejo?

— Ser útil ao meu país.

J.A.C.

Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION. TERMINUS COSMOS

Mezieres
Christin

33

Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Saúde materna discutida em Castelo de Vide

As Jornadas Luso-Espanholas sobre Saúde Materna e Planeamento Familiar iniciaram-se ontem em Castelo de Vide com a presença de Manuela Eanes. A iniciativa prolonga-se até sábado e nela participam cerca de 500 pessoas, entre médicos daquelas especialidades e técnicos de saúde portugueses e espanhóis. Os trabalhos decorrem num hotel de Castelo de Vide e são promovidos pelos serviços de obstetrícia do Hospital Distrital de Portalegre e da delegação distrital da Associação para o Planeamento Familiar.

A sessão de abertura das Jornadas foi presidida pelo governador civil de Portalegre, tendo ontem sido apresentadas comunicações do director do serviço de obstetrícia do Hospital de Portalegre, de dois especialistas de Sevilha e Barcelona e de elementos da maternidade Alfredo da Costa.

Manuela Eanes usou também da palavra para referir que as jornadas são da maior actualidade e que «prestarão certamente um grande serviço se conseguirem levar o planeamento familiar a todo o lado». «Um planeamento familiar correcto que chegue a toda a gente evitará o aborto e evitar o aborto é combatê-lo com conhecimentos científicos e é um acto de amor cristão e de solidariedade social», acrescentou Manuela Eanes.

Médico brasileiro acusado de burla por quatro portugueses

A Polícia Judiciária recebeu ontem uma queixa, por abuso de confiança, contra o médico brasileiro Luís de Sousa, que esteve em Portugal no princípio de 1984. A queixa foi apresentada por quatro jovens portugueses que se ofereceram como voluntários para uma obra de apoio aos índios do Amazonas publicitada por Luís de Sousa quando da sua presença em Portugal. Acontece que o médico exgiu aos voluntários o pagamento antecipitado de 50 contos e que desapareceu sem deixar rasto, não tendo voltado a contactar os queixosos.

Os jovens António Machado, Francisco Ferraz, Hélder Correia e Isabel Meneses, que ontem apresentaram queixa na P.J., dizem fazer parte de um grupo de aproximadamente vinte pessoas que se ofereceram para colaborar com o médico Luís de Sousa na sua obra de assistência na selva amazónica. Segundo eles, a Polícia Judiciária corroborou a sua impressão de terem sido vítimas de burla.

Os queixosos explicaram que entregaram o dinheiro que lhes foi pedido pela credibilidade que os órgãos da comunicação social haviam conferido a Luís de Sousa, sobre o qual se escreveram vários artigos e que teve honras de entrevista num programa de grande audiência da Televisão.

NÃO FUME
EM RECINTOS FECHADOS
FUMO

Os 38 anos do orfeão de Leiria

Até que enfim: reconhecido

Cotovelo com cotovelo, ombro com ombro, por três filas distribuídos, vozes em sintonia, formam o Orfeão de Leiria, foco de onde irradiam os impulsos culturais que sacodem a cidade, imprimindo-lhe um movimento cada vez mais regular de actividades e iniciativas diversificadas. Mas o Orfeão não é somente o coral. Para que se saiba: é também a escola de música, a escola de dança, o grupo de teatro, os torneios de xadrez, os colóquios... «No fundo, o Orfeão funciona como uma casa da cultura não oficializada», diz o dr. Henrique Pinto, presidente da actual direcção daquela associação cultural, há trinta e oito anos nascida.

Pelo que de trabalho consistente tem desenvolvido, ao longo destes anos, nem sempre jubilosos, foi reconhecido, em Abril, «entidade de utilidade pública». E vive neste momento, em que comemora o 38.° aniversário, uma fase de grande vigor, talvez o ponto mais alto de um percurso acidentado e, por vezes, desesperante. **«Não tínhamos dinheiro... o primeiro subsídio que o Orfeão obteve fui eu que o arranjei, valendo-me da amizade que ligava Azeredo Perdigão ao meu pai»**, conta o dr. Moreira Figueiredo, homem muito vinculado ao Orfeão de Leiria.

Calmo e dotado de um excelente humor, este médico que nos tempos de Coimbra pertenceu à Tuna Académica vem, em Leiria, achar um meio de dar continuidade ao que na época de estudante o absorvera. Prolonga, com desvelo, no Orfeão, a sua missão de dinamizador, de interveniente nessa aventura, quase corsária, de aguentar uma réstea de cultura, com tendência a apagar-se no período de desesperança que foi o Estado Novo. **«O Orfeão foi um movimento de rapazes simples, com os mais variados empregos, que queriam resistir à onda oficial. Uma espécie de 'revanche' contra as coisas que a FNAT organizava. Já tinha havido um coro, em Leiria, que fora extinto... tal como outras estruturas».**

Movendo-se, discreto, sem levantar grandes questões, o Orfeão pugnava pela independência, o que nas circunstâncias conjunturais era uma forma de resistência. Resistência passiva e muda. Obstaculando, no entanto, a tentação do poder em tudo amarrar a si. Os 62 anos de Américo Silva, aposentado da Função Pública, garantem-lhe uma memória do que tem sido o Orfeão, desde a data da sua fundação até aos dias de hoje. **«Fundámos o coral, em 1946, porque gostávamos de canto. Chegámos a ter 90 figuras. Após um ano de actividade puseram-nos a cantar para a Emissora Nacional, em transmissões directas gravadas no Teatro Maria Pia, que depois deitaram abaixo...».**

Desse teatro, um S. Carlos em miniatura, lembra-se Américo Silva perfeitamente. **«Ficava no sítio onde hoje é a Fonte Luminosa e tinha a forma de uma ferradura»**. Iluminam-se-lhe os seus olhos com a recordação desse pulsar da cidade em que até uma orquestra havia. **«Sim, sim. Tínhamos a Orquestra Império, em que alguns dos seus elementos também faziam parte do orfeão. De 46 a 50 atingimos o auge já com o maestro D. José Pais de Almeida e Silva...»**.

E depois?

Que história a seguir decorreu? Sá Pessoa, gerente industrial, reata o discurso do seu companheiro de Orfeão. Mais novo, com vinte anos de experiência, foi exactamente em 64 que se estabeleceu o primeiro contacto com aquela associação. Antes, porém, adquirira o hábito, aos onze anos, de assistir no Teatro Maria Pia às transmissões da Emissora Nacional. **«Encontrei o Orfeão mais ou menos... mas depressa caiu em declínio. A falta de subsídios fazia com que tivéssemos de organizar bailes para, com o dinheiro apurado, pagar a renda da casa. Mas, num esforço de boa vontade, não deixámos que a casa fechasse, embora por vezes sentíssemos desejo de fechar as portas e de entregar as chaves ao presidente da câmara»**.

Extintos os clarões de fulgor que iluminavam o Orfeão, nada a fazer senão suportar os efeitos da crise, parte dela vinda com a destruição do Teatro Maria Pia, para que o barco não soçobrasse. E quem, quem lucraria com isso, quem se riria dessa fatalidade? Já adivinharam, escusado será dizer quem.

Demolição

Ninguém sabia ao certo, na mesa em que conversávamos, numa sala da sede do Orfeão, as razões porque desaparecera o Teatro Maria Pia. Que motivos tão mesquinhos decretaram a morte de uma instituição cultural do século XIX. Com a chegada do dr. Moreira Figueiredo, director do Serviço de Sangue do Hospital de Leiria, o mistério dissipou-se. **«O teatro fora criado por um grupo de homens generosos, isentos do espírito de lucro. Era uma sociedade por acções, de dez escudos cada uma. Acções essas que não tinham direito a dividendos... e por muitas acções que um tipo tivesse só lhe cabia um voto. Quanto aos eventuais lucros destinavam-se ao Hospital da Misericórdia e a outras obras de benemerência».**

Mutações de homens e ideias no interior da associação do teatro Maria Pia condenaram-no à morte. Primeiro a alteração dos seus estatutos — o que veio possibilitar que as acções passassem a ser lucrativas. A partir daí estava aberto o «processo» que culmina com a derrota dos indivíduos, puros e incrédulos, que num acto destituído de interesses materiais tinham criado aquela instituição. **«Nessa altura a Inspecção-Geral dos Espectáculos verifica que as condições de segurança do imóvel não eram famosas e os responsáveis pelo teatro, em vez de rectificarem os alicerces do edifício, resolverem construir um novo.** (Moreira Figueiredo).

As obras de ampliação não chegam a concluir-se por escassez de dinheiro. Entra então em cena a Câmara Municipal que dado o impasse da situação ordena a demolição do teatro. **«Desaparecido o imóvel, e porque assim fora acordado o terreno passa a pertencer automaticamente ao Município...A associação do Teatro Maria Pia fica com algum dinheiro em caixa, mas sem terreno».**

Entretanto um industrial de pneus, José Lúcio da Silva, aspirando projectar o seu nome no futuro, e para que ele perdurasse, manda erguer o cine teatro de Leiria, uma construção insípida e vulgar. Com o dinheiro que possuía, a associação do Teatro Maria Pia contribui para a edificação da piscina que, mais tarde, viria a ser comprada pela Câmara por 1200 contos. **«Sem o teatro para gravar as emissões para a Emissora Nacional, o Orfeão quase que morre... vive uma época difícil. Não foi abaixo porque tinha uma força atrás de si e era bom de mais.»**

Se nos anos **quarenta** o Orfeão, a par da vida cultural da cidade, atinge a glória, o que se deve bastante à acção da família Tinoco (Carlota que era pianista e seu marido, Agostinho Tinoco, reitor do Liceu Rodrigues Lobo), com as apoquentações já relatadas vai declinando lentamente. **«Com o 25 de Abril não floresce imediatamente... os estatutos previlegiavam, apenas os indivíduos do coral, só eles podiam eleger e ser eleitos. Os outros sócios não tinham voz activa na matéria...»** Eis o que acrescenta Joaquim Manuel de Oliveira — o Quiné, para os amigos — encarregado da tarefa de pôr o grupo de teatro a funcionar, em 1971.

Grupo de Teatro que demora a arrancar, já que surge a partir do nada. Finalmente,. em 1975, estreia «Diário de Anne Frank», o seu primeiro espectáculo, cujos preparativos remontam a dois anos antes. Seria, contudo, a montagem de «Frei Bartolomeu dos Mártires» o ímpeto maior que empurra o grupo para o reconhecimento público.

«Foi gratificante para nós ouvir a opinião do Frei Raul de Almeida Rolo, um homem que tem dedicado a sua vida ao estudo de Bartolomeu dos Mártires». (Quiné)

Bem sucedido com essa experiência teatral, o grupo decide fazer uma segunda versão do espectáculo, projecto que dentro em breve vai concretizar. **«Frei Bartolomeu dos Mártires era uma figura apaixonante. Chocou-me imenso não se falar nele na 17.ª Exposição. Vejo-o como um homem lúcido e de coragem... É de não esquecer os conselhos que deu a D. Sebastião. Foi uma das pessoas que lhe pediu para não se meter na expedição ao Norte de África».**

Com base nos documentos que os dominicanos lhe forneceram, Quiné monta o espectáculo e apresenta-o nos claustros da Batalha. **«Foi uma coisa extraordinária... com os jardins iluminados e todo aquele espaço fantasmagórico,** Recorda o dr. Moreira de Figueiredo.

Os costumes que se alteram

Voltemos ao Orfeão. Pois que inicia as comemorações do seu 38.° aniversário. Para além das sessões solenes, alusivas à data, propõe-se continuar com a sua actividade normal. **«Vamos prosseguir com a vinda ao nosso Auditório dos grupos culturais do distrito, nomeadamente, do Rosas do Lena, o melhor grupo etnográfico da zona centro. Para o dia 20 temos programado um recital de canto com Maria Amélia Abreu, professora do Conservatório, e com a pianista Maria do Rosário Font; no dia 25 haverá um sarau em que colaboram as escolas de dança e música e ainda o coral».** (Henrique Pinto).

No mês de Junho realiza o Orfeão uma série de concertos, a que chama **«Música em Leiria 84»**, para evitar chamar-lhe festival, ou coisa parecida. Entre os que irão intervir distinguimos o Coro da Gulbenkian, Sequeira e Costa, Elsa Saque e Nella Naissa. Concertos que decorrerão no Auditório, espaço que se tornou imprescindível na cidade de Leiria. **«Quando se quer fazer qualquer actividade pública recorre-se ao Auditório. De facto, ali, realizam-se encontros de partidos políticos, reuniões de médicos, homenagens a escritores ou figuras da cultura, festivais de teatro... tudo».**

De há três anos para cá o Orfeão caminha, com segurança, para uma nova fase de esplendor, resultante do trabalho desenvolvdido durante os anos de reorganização. Foram duas décdas de «coma», de quase imobilidade. **«A guerra do Ultramar tirou à mocidade a vontade de cantar. Por outro lado, a falta de locais apropriados e toda a ambiência nacional provoca a crise. Vivemos momentos de angústia... Recordo-me que tivemos de recrutar rapazes da prisão-escola, para cantar no Orfeão. Acontece o 25 de Abril e, apesar das facções políticas o Orfeão renasce, começa a ter consciência de si próprio e a puxar as linhas da cultura que andavam perdidas pela cidade»**, (Moreira Figueiredo).

Numa mescla de profissões, barbeiros, contabilistas, pequenos industriais, sapateiros, sacristães, pedreiros, electricistas, arquitectos),o Coral existe. É a união de vozes masculinas, a nota que o caracteriza. Porque não vieram as mulheres para o coral de Leiria? «Porque nós não quisemos», diz Américo Silva, muito depressa.

Rindo, Quiné afirma que não se trata de uma atitude machista. «É **antes uma atitude estética... e estavam fartos das mulheres lá em casa»**. Todavia, Sá Pessoa corrige esta explicação,um pouco brincalhona. **«Julgo que tem a ver com o facto de as mulheres terem mais dificuldade em sair à noite ou de participarem nas digressões. Actualmente esse problema já não se coloca, visto que as raparigas dispõem de outra liberdade. Claro que um coral só de vozes masculinas está condicionado, há coisas que não pode cantar...».**

De qualquer maneira, o Orfeão de Leiria goza de uma particularidade rara. Como ele há mais cinco casos: Vértice, Stela Vital, Coral de Barcelos, Coral dos Antigos Estudantes de Coimbra... e agora, o recém-formado Coral da Guarda Nacional Republicana de Beja. A solenidade, um tanto monótona. Algo de incompleto, de insólito até... demasiado granítico – é isso.

Lourdes Féria

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. José Maria Rodrigues da Silva, Juiz de Direito do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

Faz saber que pela 2.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito Av. Almirante Reis, 49-4.º e nos autos de acção emergente de contrato individual de trabalho com processo comum — sumário, que a Autora Maria Celeste dos Santos Albano Pereira, residente em Quinta do Mendes, lote 39-r/c — Odivelas, move contra Maria Jesus Fonseca e Outros, residentes em Lote 39 — Odivelas, são citados o Sr. Vítor Jorge Tavares Marques e Rosa Cruxinho Tavares Marques, com última residência conhecida em Zona I — Chelas, Lote 6-3.º-B, e o Senhor João Carlos Coelho Francisco, com última residência conhecida em Rua Lopes, 108-1.º Esq.º, Lisboa, ambos actualmente em parte incerta e neles correm éditos de Trinta Dias, citando os Réus, para no prazo de OITO DIAS, findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestarem, querendo, aquela acção, sob pena de serem condenados no pedido.

Os duplicados da petição inicial encontram-se arquivados neste Tribunal e respectiva secção, à disposição dos citandos.

Lisboa, 27 de Março de 1984

O Juiz de Direito,
José Maria
Rodrigues da Silva

O Escrivão de Direito,
José da Silva Gaspar

«DL» – 16/5/84 – 1.ª Pub.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO

Faz-se público que nos Serviços de Aprovisionamento dos H.U.C se, encontra aberto o CONCURSO PÚBLICO n.º 4/99/84, para aquisição de uma AMBULÂNCIA.

As propostas devem ser entregues nos Serviços de Aprovisionamento em sobrescrito fechado, lacrado e com as indicações do n.º do Concurso no invólucro, até às 14,30 horas do dia 29 de Maio e sendo a sua abertura efectuada às 15 horas do mesmo dia.

O depósito de Caução é de 5 000$00.

Qualquer esclarecimento sobre o assunto deverá ser solicitado aos Serviços de Aprovisionamento dentro do horário normal de expediente.

Coimbra, 14 de Maio de 1984

A DIRECTORA DO SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

Dr.ª Élia Costa Gomes

O Camarate de Lúcifer

2.ª EDIÇÃO

Manuel Geraldo entrevistado por Cândido Mota (RDP — Antena 1 Esta noite pela 1 hora) para falar sobre o livro e sobre o jornalismo policial em Portugal

Edições caso
Distribuição Dijovial

Carta aos meus amigos

TUDO tem um fim: terá sido esta a primeira verdade universal que o Homem conheceu. O **Canal da Crítica** não podia fugir à regra, não podia ficar cá a guardar os patos ao senhor prior. O **Canal da Crítica** diariamente consumidor e consumível, acaba hoje. Acaba ao entrar nos vinte anos, cousa que só costumava acontecer às donzelas do século passado e aos poetas românticos, minados pela ptysica.

Eu sei que muitas de vocês não vão gostar. Criaram-se entre nós laços muito fortes. Havia um acordo estabelecido (sob palavra, é certo, e de mais não se precisa entre gente honrada) segundo o qual eu me encontraria aqui todos os dias e vocês, todos os dias, viriam aqui ter comigo.

Mas os contratos entre comerciantes, são uma coisa, os contratos entre os amigos são outra coisa bem diferente. Entre comerciantes, há lugar a indemnizações por perdas e danos; entre amigos, quando as razões de amizade não se quebram, não se quebram as razões do contrato, e este assumirá novas formas, novas maneiras, novos rituais. Até os casais, de quando, em quando, precisam de mudar o lugar da mobília do quarto.

Assim, meus amigos, o **Canal da Crítica** passará a publicar-se de quando em quando. Não será a mesma coisa, dir-se-á. Pois. Faltará aquele gosto da comida feita na altura , a palavra que não se recusa, o grito que não se reprime, o gesto de nascer que a Primavera tem, todos os anos, quando Março chega. Faltará o tom tremendo das trombetas trémulas na tempestade...

Mas ganhar-se-ão novas qualidades. Não se vive (não se ama, não se pensa, não se luta...) menos aos quarenta, aos cinquenta, aos sessenta; vive-se doutra maneira. Vamos procurar, amigos, numa relação mais calma, menos gastadora de energias vitais. Vamos procurar até novas áreas de convivência — nos colóquios, na literatura, no jornalismo.

No jornalismo, claro. No **Diário de Lisboa,** claro. Este jornal tem uma riqueza imensa a defender: a confiança de muitos, muitos milhares de leitores justificada por uma vida inteira marcada pelo culto da independência, da liberdade e da qualidade. A Redacção do **Diário de Lisboa** não pode dispensar um só dos muitos e grandes jornalistas que tem — como não poderá dispensar os de valor mais simples, como o meu, mas não menos dedicado.

Aqui para nós, que ninguém nos ouve, eu funcionava muito como um exorcismo, como uma espécie de representante do povo na opinião pública, esse parlamento paralelo. Vocês, postos diante das malfeitorias de um telejornal onde grassa a peste; diante das tropelias contra a inteligência, contra a democracia, contra a alma da Pátria que é a nossa — nesses momentos vocês reprimiam as fúrias do coração com a vingança possível: «Pois sim, pois sim, deixa lá que amanhã quem tas canta é o Castrim».

Pois, amigos, aqui pode haver, de facto, alguma variação na terapêutica. Chegámos a uma altura em que a luta contra uma televisão demolidora terá de assumir formas colectivas e organizadas. cada qual terá de assumir, como imperativo nacional, o combate por uma televisão que viva aqueles valores, que, com o 25 de Abril se estabeleceram — e não os de 24 de Abril, que se aboliram. A crítica terá de passar a fazer-se não apenas nos jornais, mas nas fábricas, nos escritórios, nos supermercados, nas colectividades, nas ruas. Há que não desperdiçar a mínima oportunidade de confrontar a RTP com os seus erros e com os seus crimes. Nada é vão. A experiência já nos mostrou que não se pode televisionar maldosamente contra a vontade persistente de um povo.

Eu sei, sempre o soube, que o **Canal da Crítica** não obtinha o consenso universal, nem quanto à forma nem quanto ao conteúdo. Mas é interessante verificar duas coisas: primeira, que nos últimos anos, diminuíram as cartas e telefonemas agressivos e praticamente desapareceram as ameaças mais radicais — o que prova um conhecimento generalizado de que a crítica é um direito inerente ao estatuto da cidadania. Segunda, que nos últimos meses aumentaram os reflexos positivos às posições aqui assumidas — o que prova um crescente avanço da unidade em defesa dos valores considerados essenciais.

Afinal, há coisas que não têm fim. A esperança num mundo melhor, por exemplo, e a luta por consegui-lo. Essa esperança fez nascer o 25 de Abril, essa esperança fará surgir novos e maiores esforços para defendê-lo. Porque a televisão criminosa que temos pode muito — mas não pode queimar a realidade nem abolir a História. Também Salazar era forte, tinha a TV, a rádio, a Imprensa, a Polícia, o Exército, o púlpito, a NATO — e foi um ar que lhe deu...

E pronto. Se lhes disesse que tenho os olhos completamente secos, mentia. Não façam caso, deixem. Isto já passa.

Hoje

RTP 1

Carlos Pinto Coelho, na peça de Jean Anouilh, intitulada «Antígona», que será representada esta noite na RTP-1

Das **13.35** às **17.35** **Ciclo Preparatório TV**
18.02 **Notícias**
18.05 **Grão a Grão** – «Enquanto é Tempo».
18.40 **Teleregiões**
19.10 **Eurovisão** – futebol, final da Taça dos Vencedores das Taças: F. C. do Porto - Juventus. Transmissão directa de Basileia.
21.00 **«O Bem Amado»** – episódio n.º 41.
22.15 **«Antígona»** – de Jean Anouilh. Intérpretes: Carlos Pinto Coelho (Jornalista), Lúcia Paramés (Antígona), Maria Albergaria (Ama), Natália Luísa (Doménia), Álvaro Faria (Hemon), Jacinto Ramos (Creonte), António Assunção (1.º Guarda), Luís Cerqueira (2.º Guarda) e João Rodrigo (3.º Guarda).
23.50 **Últimas Notícias**

Na RTP-2 exibe-se mais um episódio, em repetição, da série «Fama»

RTP 2

19.32 **Notícias**
19.45 **Presença dos Açores** – os Açores vistos por Vitorino Nemésio.
20.10 **Um Toque de Música** – «Cana Caiana».
20.45 **Estúdio Aberto** – Segunda Conferência das Ilhas Europeias.
21.20 **«Fama»**
22.15 **Jornal da Noite** – a informação nacional e internacional.
22.45 **«Guerra dos Sexos»** – episódio n.º 18.

Amanhã

RTP 1

13.30: Ciclo Preparatório TV; **18.00**: Notícias; **18.10**: Grão a Grão; **18.30**: Teleregiões; **19.00**: Memória de um Povo; **19.30**: Curso de Inglês; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «O Bem Amado»; **21.15**: Aplauso – «Paris I Love You»; **22 15**: «Raio Azul»; **23.10**: Últimas Notícias.

RTP 2

19.30: Notícias; **19.40**: Talk Show; **21.15**: Jornal da Noite; **21.45**: «Guerra dos Sexos»; **22.15**: «A Herança dos Samurais».

Estreia é hoje

Teatro da Graça leva à cena "Comédia de Horrores"

«Comédia de Horrores» (Loot), do dramaturgo britânico Joe Orton, é o décimo segundo espectáculo que o «Grupo Teatro da Graça» leva à cena a partir de hoje à noite, no seu espaço de trabalho junto à Voz do Operário, em Lisboa.

«Comédia de Horrores» constitui um desafio para os actores Filipe Domingues, Isabel Amaro, Lina Morgado, Carlos Fernando, José Ananias, José Eduardo e Salton Salem Asseff, pois «Orton é considerado um autor muito difícil, mesmo em Inglaterra», como nos seria sublinhado por Carlos Fernando, que também assina a encenação e o trabalho de luzes.

A escolha de uma peça de Orton prende-se com uma anterior abordagem pelo grupo da primeira peça do autor, «Um Rufia na Escada»:

«Esse talvez tenha sido um dos trabalhos mais conseguidos do grupo. A partir dessa experiência positiva, e numa certa linha de comédia, mas que não deixa de falar de coisas que nos são próximas, avançámos para de novo com Orton», afirmou-nos Carlos Fernando.

Autor com uma carreira tão vertiginosa como breve, Orton só «existe» praticamente nos anos 60, desaparecendo em 1967, assassinado, no auge da sua carreira.

José Ananias, Isabel Amaro e Carlos Fernando em «Comédia de Horrores»: hoje à noite no Teatro da Graça

«O seu teatro, afirma-nos Carlos Fernando, pode ser caracterizado por um estilo muito próprio, original e forte, em torno dos problemas da marginalidade e do mundo suburbano».

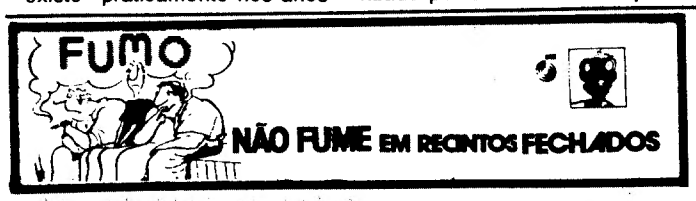
Em «Comédia de Horrores», Orton volta a preocupar-se com os fantasmas e valores caducos de uma pequena-burguesia suburbana, e com a falência das velhas convicções e a corrupção das instituições.

«A sua maior originalidade, pode dizer-se que reside na sua escrita, no absurdo do quotidiano através da sua linguagem. O seu trabalho é sobre a linguagem corrente, mas com um efeito de denúncia do absurdo e do caos circundantes, através dos seus personagens», acrescenta ainda Carlos Fernando.

Neste trabalho, o «Grupo Teatro da Graça» procura falar «de coisas que têm muito a ver com uma sociedade muito doente, tratando coisas ferozes num tom muito feroz», como sublinha o encenador:

«Um certo estilo, uma linguagem que exige novas formas ao nível da representação, foi o que eu tentei neste espectáculo. Mas procurei contrariar um pouco uma certa tendência para diluir a força do teatro de Orton – em Londres, o seu trabalho resulta sobretudo como teatro de «boulevard» – tanto em termos plásticos, como na encenação e na representação».

«Comédia de Horrores» estará em cena todos os dias, à excepção de segunda-feira, a partir das 21 horas e 30, e ao domingo apenas às 17 horas.

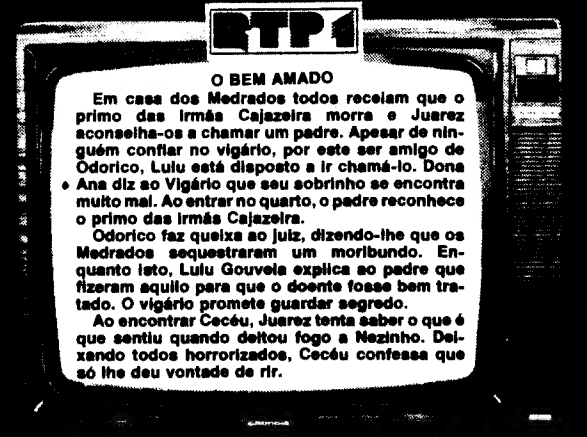


Em OLHÃO o Diário de Lisboa vende-se na PAPELARIA FARRACHA

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
«Antígona» (22.15)

RTP 2
«Fama» (21.20)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 · Cruz Quebrada · Telef 2112871

roteiro cultural

Teatro

● «Diário de uma Criada de Quarto», ou o teatro e dança combinados num espectáculo da Companhia de Teatro de Lisboa, com interpretação de **Graça Lobo**. Todas as noites no Teatro da Trindade.

● «Marat – Sade», de Peter Weiss, continua em cena no casarão cor-de-rosa da Praça de Espanha da **Comuna**. Encenação de João Mota.

● **Eunice Muñoz** e **Jacinto Ramos** apresentam no palco do Teatro Nacional de D. Maria II, a peça do jovem dramaturgo norte-americano John Murrell, «Memórias de Sarah Bernhardt».

● «A Ilha do Rei Sono», de Norberto Ávila, é o espectáculo infantil de marionetas que o **Grupo Lanterna Mágica** apresenta todas as tardes, de terça a domingo, na sala experimental do Teatro Nacional.

● Na sede da Sociedade Portuguesa de Autores, e até ao próximo dia 18, o **Grupo Passagem de Nível** apresenta a peça de Carlos Correia «A La Minuta».

● O **Grupo de Campolide** continua em intensa actividade. Assim, no âmbito de uma digressão pelas escolas do concelho de Almada, será levada hoje a peça «Fernão, sim ou não?» à escola n.º 4 do Feijó. Ainda hoje, mas pelas 21.30, no Teatro da Academia Almadense, o grupo apresenta «Tempos Difíceis» de Romeu Correia.

● No Porto, a **Seiva Trupe** continua a levar à cena a peça «Amor de uma Mulher», de Maricla Boggio.

● «Lázaro, também ele sonhava com o Eldorado», continua em cena no Teatro dos Modestos, no Porto, num espectáculo do **Grupo Cena.**

Uma cena da peça «Lázaro também ele sonhava com o Eldorado»

Exposições

● É esta noite inaugurada na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes uma mostra de pintura de **Pedro Calapez**.

● Ainda na SNBA **Duarte Saraiva** expõe trabalhos seus até ao próximo dia 27.

● Uma mostra de tapeçaria de **Gisella Santi** é hoje inaugurada na Sala de Exposições da Junta de Turismo da Costa do Estoril, nas Arcadas do Parque, no Estoril.

● Trabalhos de **Kika da Costa Campos** estão em exposição no B'Arte, Galeria de Arte e Bar, à R. de S. Boaventura, no Bairro Alto.

● Uma mostra de desenho e pintura, série «Tempo em Espaço», do pintor **Mário Rita** continua presente ao público na Galeria S. Francisco, à R. Ivens.

● Integrada na IV Quinzena Académica organizada pena Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, está patente naquela escola superior uma exposição de fotografia de **António Augusto Aives da Silva**.

● Nas Galerias do Casino do Estoril está patente ao público o **III Salão Ibérico de Pintura Naïve**, numa mostra constituída por 80 obras de 20 artistas de Portugal e Espanha.

● Pintura de **Helena San Payo** continua patente ao público na «Galeria», R. Nova da Alfarrobeira, em Cascais.

● No salão da Junta de Freguesia da Reboleira está patente uma exposição de **fotografia e artesanato das Repúblicas Socialistas do Cazaquistão e Federação Russa da União Soviética**.

● **Documentos e peças das festas da árvore de 1909 a 1913** e esculturas de madeira e ferro de **João Antero** continuam patentes na Bibloteca Municipal da Amadora.

● «Dos finais da I República aos nossos dias, através de imagens e dos documentos» é o tema de uma **mostra evocativa do 25 de Abril** que pode ser vista na Sociedade Filarmónica União Arrentelense. Também integrada nas comemorações do 25 de Abril no concelho do Seixal está patente uma **exposição sobre o Tarrafal**.

● Uma mostra de cerâmica de **Armando Correia** está patente ao público no Solar da Praça de Santa Maria, em Óbidos.

● Termina hoje na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa uma exposição colectiva subordinada ao tema «Onde vais coração?».

Cinema

● Na Cinemateca Portuguesa será projectado, esta tarde, a partir das 18.30, «Filhos do Divórcio», de **Frank Lloyd**. À noite prossegue o **Ciclo Josef Von Sternberg** com a projecção, a partir das 21.30, de «Vidas Tenebrosas» e «A Última Ordem».

● Esta tarde, no Palácio Valenças, em Sintra, será projectado o filme «A Última Aventura de Beau Geste», de Marty Feldman. A sessão integra-se na III Semana Cultural da Escola Secundária de Santa Maria, de Sintra.

Bailado

● O **Grupo de Ballet da Câmara de Moscovo** prossegue a sua digressão pelo nosso País, actuando esta noite no Casino da Figueira da Foz.

Música

● **Kenneth Frazer** e **Nicholas McNair**, respectivamente ao violoncelo e piano, dão esta tarde, a partir das 18.30, um concerto no pequeno auditório do British Council, à R. Cecílio de Sousa, 65.

Colóquios

● Numa iniciativa do Centro de Reflexão Cristã, na Av. Manuel da Maia, 2-A, tem lugar esta noite, pelas 21.45, um colóquio subordinado ao tema «Os sucessores de Deus». Intervirão **Pierre Gulbentif** sociólogo, professor do ISCTE, **Luís Filipe Tomás**, historiador e professor da FLL. A moderação é de Joana de Barros.

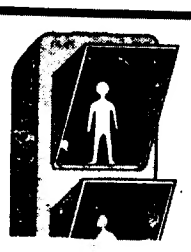
Folhetim artístico

Continuação da pág. 3.

nos seus espaços homólogos interiores e exteriores. E, evidentemente, nos jogos milenares da escrita, através da comunicação de J. Peignot; ou nos sentidos da alquimia de que Yvette Centeno, da Universidade Nova de Lisboa, tratou.

«A coroa e o fio» (prof. J.M. Lhote, «de Amiens) pôs por seu lado em causa a vitória humana de Ariana ante o espírito luminoso e sacro da mandala, enquanto a comunicação do Prof. J.N. Vuarnet marcou, no labirinto, o sentido invertido da utopia, a partir de Sade. E o crítico M. Mourier situou o cinema contemporâneo numa visão labiríntica do real.

Labiríntico ou «labirintiano»? O termo é proposto por J.C. Lambert no sentido filosófico que deve hoje assumir – e a sua comunicação sobre o labirinto na arte contemporânea, que abriu os colóquios, em processos de forma e de metáfora, foi apresentação do que na exposição de pintura, escultura e «arqui-escultura» se mostra logo no belo catálogo – objecto de Faucheux e em obras de Alechinsky e Corneille, de Dubuffet e de Vieira da Silva, de Kolar e de Dedicova, de Peverelli e de Telémaque, de Herold, de Hayter, e de Ubac, de Joaquim Rodrigo e de Noronha da Costa, de Jorge Martins e de Palazuelo, de Delfino e de Marta Pan, em escultura, ou na longa cobra verde e luminosa de J. Guimarães e na grave tapeçaria negra de Edith Raymond, e nas de outros mais, vindos do surrealismo, do «cobra», da abstracção e duma nova figuração até aos dias labirintianos de hoje, em aflições e esperanças. Delas todos a crítica lisboeta a seu tempo falará.

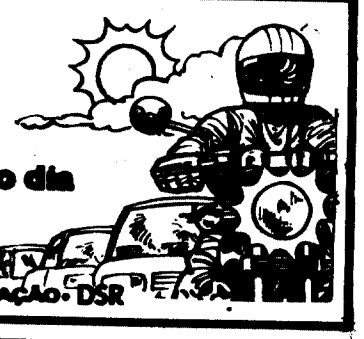


NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Circular é viver

motociclista
ACENDA OS MÉDIOS
mesmo durante o dia



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO: DSR

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **18.45**: Noite desportiva; **19.00**: Transmissão directa, do Estádio de St. Jacob, em Basileia, Suiça, do encontro de futebol, final da Taça dos Vencedores das Taças, F. C. do Porto -Juventus; **21.00**: Musical; **21.30**: Noites de luar. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

16.10: Sonatas; **16.55**: Suites; **18.05**: Música; **18.25**: Solos de viola dedilhada; **19.00**: As cores e as formas; **19.30**: Canções; **20.10**: A voz de Roma; **20.30**: Concerto, em lá menor, de Mendelssohn; **21.00**: Compositores portugueses; **22.30**: «24 Caprichos», op. 1, de Paganini; **23.00**: Orquestras de câmara; **00.00**: Intercâmbio musical; **00.35**: Concerto, em ré menor, de Lalo; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Montra som; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca (2 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Desporto; **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas lusianas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Tema com variações; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmisão do terço; **19.00**: Porto - Juventus, em Basileia, final da Taça dos Vencedores das Taças; **21.00**: Quando e telefone toca; **21.30**: Ouvir e pensar; **22.00**: Hora de música; **23.00**: Diário 23; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM.

Rede Sul de FM

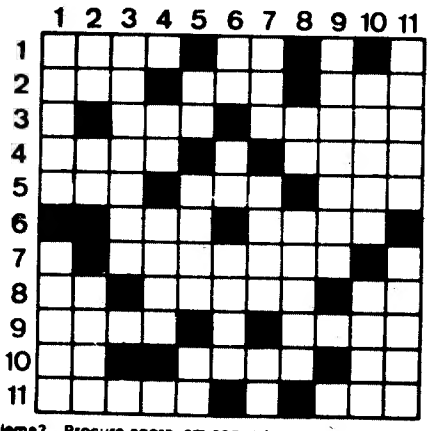
21.00: Paju. Noticiários a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA 14 036

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Nosso Senhor.
2 Cidade da Alemanha. Tempo do verbo ir. Recusa.
3 Desgasta por fricção. Poeta francês que publicou versos líricos, dramas em verso e obras em prosa.
4 Sai frequentemente à rua. Costumar.
5 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Romeiro de Meca. Filha mais velha de Labão.
6 Interjeição com que se indica a explosão de um tiro. Nome de homem.
7 Teimar.
8 Ósmio (s.q.). Que dura um ano. Duzentos em romano.
9 Tragédia de Shakespeare. Cordeiro.
10 Pronome pessoal. Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio. (Sigla inglesa). Distar.
11 Cidade da Suiça. Organização de Alimentação e Agricultura. (sigla inglesa).



VERTICAIS:

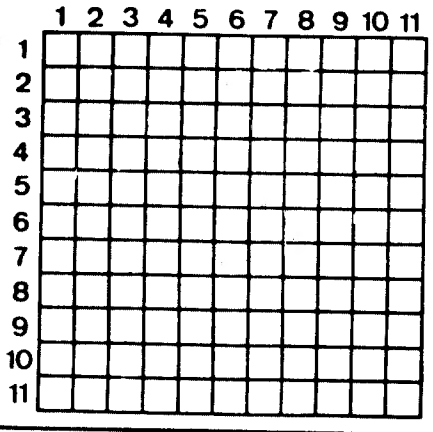
1 Tenciono. Retrocede.
2 Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Interjeição de dor. Vila e sede de concelho (Guarda).
3 Reduz a pasta.
4 Interjeição de dor. Joeirar.
5 Li. Assim seja. Árvore da Serra Leoa.
6 Sódio (s.q.). Hectograma (abrev.). Cidade do estado do Espírito Santo).
7 Consentimento. Uma das mais antigas divindades da Índia. Tungsténio (s.q.).
8 Campeão. Cidade do Aname meridional.
9 Unidade monetária de Angola.
10 Limpo metais. Faz chiada.
11 Magoara. Provoco com tentações.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9896

HORIZONTAIS:

1 Rede de malha muito estreita. és de animais.
2 Desmontar. Apertara molhos.
3 Escudela grande.
4 Não nascida. Querido.
5 Ilha do Pequeno Belt. Nome de astro.
6 Fascinação. Pronome reflexo.
7 Pegas. Rema para trás.
8 Cento e um em romano. Arrancara.
9 Tempo do verbo ser.
10 Tipo rudimentar de grupo social anterior à família. Semelhante. Manuscrito.
11 Ecoo. (inv.). Pronome pessoal. Porco.



VERTICAIS:

1 Nome de mulher. Anfiteatro.
2 Abreviatura que se usa em música. Sódio (s.q.). Olhinho.
3 Mover os remos. Sadias.
4 Aqui. Conquistas.
5 Leite de égua fermentado. Pegas.
6 Prata (s.q.). Toro.
7 Leão da América. Levantaras.
8 Procedem. Encolerizar.
9 Embaraços. Duna na Suécia.
10 Charruas. Pedra de moinho.
11 Sadia. Gordurosos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 035

HORIZONTAIS:

1 DEUS. SABE. O.
2 Espie. Março.
3 SC. Seu.
4 Ta. Atuai. Re.
5 Irá. Arel. Am.
6 Nero. Erié.
7 Osa. Osso.
8 Sio.
9 QS. Mrs. Sova.
10 Uivo. Atrair.
11 Ema. Sais. Ra.

VERTICAIS:

1 Destino. QUE.
2 És Ares. Sim.
3 Upa. Aras. VA.
4 Si. Imo.
5 ESTÁ. POR.
6 Cures. Saa.
7 Am. Aer. Ti.
8 Basílio. Srs.
9 Erê. Escoa.
10 Cura. VIR.
11 Oó. Empolara.

Provérbio: DEUS SABE O QUE ESTÁ POR VIR.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9885

HORIZONTAIS:

1 Vá. Anda. Mas.
2 Ilha. Goze.
3 Nd. Ge. Er.
4 Honras. Maia.
5 Osos. Isto.
6 ER. Anu. Se.
7 Arraste.
8 Rb. Eglão. Ir.
9 Cacia. Rasca.
10 Oco. Ois. Oc.
11 Somos. Tua.

VERTIVAIS:

1 Vinho. Arcos.
2 Aidose. Baco.
3 Nora. Com.
4 Aa. Rs. Rei.
5 Ba. Arga.
6 Do. Sinal.
7 Usaria.
8 Gemi. São.
9 Mó. Asse.
10 Azeite. Içou.
11 Serão. Traça.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	85$45	91$45
ALEMANHA FED (marco)	50$10	51$20
ÁUSTRIA (xelim)	7$05	7$25
BÉLGICA (franco)	2$294	2$494
BRASIL (cruzeiro)	$055	$105
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	106$70	108$70
(notas de 5 a 1000)	107$20	109$20
DINAMARCA (coroa)	13$70	14$10
ESPANHA (peseta)	$857	$977
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	138$25	140$25
(notas de 5 a 1000)	138$75	140$75
FINLÂNDIA (marka)	23$70	24$30
FRANÇA (franco)	16$30	17$00
HOLANDA (florim)	44$50	45$50
IRLANDA (libra)	154$70	158$70
ITÁLIA (lira)	$074	$084
JAPÃO (iene)	$571	$606
NORUEGA (coroa)	17$60	18$10
REINO UNIDO (libra)	192$05	196$05
SUÉCIA (coroa)	17$00	17$60
SUÍÇA (franco)	60$65	61$75
VENEZUELA (bolívar)	7$45	8$45

Observações:
1. — **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. — **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil**

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
— M. 6 a.
MARY POPPINS
8.ª Semana

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

AS 14.30, 17, 19.15, 21.45 e 24
— M. 12 anos
Yentl
c/ Barbra Streisand

AVIS 547153
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
UMA MULHER PARA DOIS HOMENS

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA
6.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
HERBIE, UM CAROCHA DOS DIABOS

CASTIL 530194
R. Castilho

Às 14.30, 18 e 21.30
Não ac. men. 13 a.
UNS... E OS OUTROS

CINE BLOCO 556824
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA
Às 24
HISTÓRIA D'O

CINE CAMÕES 324194
R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O TUBARÃO DO PACÍFICO
Um filme de Frank C. Clark
c/ Dayton Kaine e Maren Jensen

CINE 222 579460
Av. P. da Vitória, 37 (ar Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 a.
FINALMENTE DOMINGO
Às 24
O FUGITIVO DA ILHA DO DIABO

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
Maiores 12 anos
JOGOS DE GUERRA

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
O ESTRANHO MUNDO DE GARP

CONDES 322573
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
Um filme escaldante
O CÔNSUL HONORÁRIO
c/ Richard Gere e Michael Caine

2000 2100055
Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
— N. ac. men. 18 A.
OFICIAL E CAVALHEIRO

EDEN 320768
P. Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
— N. ac. men. 18 A.
OS LUTADORES DA NOITE

ESTÚDIO 555134
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
94.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 2130
— M. 16 A.
A MULHER DO AVIADOR

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
— M. 16 A.
FORÇA MORTAL

SALA 2

Às 15, 18 e 21.30
— N. ac. men. 13 A.
RICARDO III

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
M. 16 a.
A ESCOLHA DO DEVER

LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

Às 21.30 – M. 12 a.
OS GLADIADORES DO FUTURO

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A FRONTEIRA DA VERGONHA
c/ Jack Nicholson
Às 24
MAS QUE GRANDE VIGARISTA

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4
R. dos Condes, 12 a 20

Reposição às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
Um herói inesquecível
SANDOKAN CONTRA O LEOPARDO DE SARATAK
Às 15.15 e 18.15 – M. 12 a.
A RAPARIGA DAS VIOLETAS

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30 – M. 16 a.
FORÇA MORTAL
c/ Wings Hauser e Joyce Ingalls
Colorido

Uma cena do filme «A Mulher do Aviador» realizado por Eric Rohmer em exibição no ESTÚDIO 444

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 A.
O VINGADOR ATIRA À ESQUERDA

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 12 a.
DINHEIRO DO CÉU
de Herbert Ross
Às 23.30 – M. 18 a.
O SARGENTO NEGRO
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
PAIXÃO
de Jean-Luc Godard
Às 23.30 – M. 18 a.
VERÃO 42
SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 18 a.
A MULHER EM CHAMAS
de Robert Van Ackeren
Às 23.30 – M. 18 a.
A CULPA FOI DO MACACO
SALA 4
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 12 a.
O CONTRATO
As 23.30 – M. 18 a.
O PROCESSO

QUINTETO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
10.ª Semana
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
OS CAVALEIROS DA LENDA
c/ Ed Harris e Gary Lahti

ROMA TEL. 727778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
A TURMA DOS TARADOS
c/ Renzo Montagnani e Carmen Russo
Colorido

SÃO JORGE 579144/579344
Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
— M. 12 A.
PROJECTO BRAINSTORN
c/ Natalie Wood

SALA 2

Às 14., 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 A.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 3

As 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
– M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715
Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63
Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
— M. 12 a.
PROJECTO BRAINSTORN
c/Natalie Wood e Christopher Walken
Domingo às 15.15
FESTIVAL POPEYE

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
— M. 12 a.
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666
E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
STAYING ALIVE
c/ John Travolta

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 879

As 15.00, 18.15 e 21.30
— M. 12 A.
A CONSPIRAÇÃO DE LONDRES

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 18 a.
Suspense e ineditismo no melhor de John Carpenter
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO
1.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 – «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)
ALFA-3 – «Os Marginais» às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «Convulsões Eróticas», sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL – «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
CITY-CINE – «Fanny e Alexandre», às 21.00 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Bocas Gulosas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
ALFA-CLUB – «Jogos de Guerra», às 21.30 e 24.00 (12 anos)
LONDRES – «O Consul Honorário», às 21.30 (16 anos)
ESTÚDIO ACS – «Rocky III», às 21.30 (13 anos)
APOLO 70 – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI – «Amor e Compaixão», às 21.30 (12 anos)
TERMINAL – «Star 80, a Tragédia», às 21.30 (16 anos)
RESTELO – «Loucuras de um Casal», às 21.30 (12 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «Vidas Tenebrosas» e «A Última Ordem», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «A Montanha do Deus Canibal», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Os 3 Dias do Condor», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «O Cristal Encantado», às 21.15 (6 anos)
ESTORIL – Palácio – «Rocky III», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Gente Destemida», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «O Último Tubarão», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «A Vida é um Romance», às 21.15 (12 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Jogos de Guerra», às 21.30 (12 anos)
SETUBAL – Júpiter – «Jesus Cristo Superstar», às 21.15 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Reds», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Cavaleiro Destemido», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA – Cinestudio – «Montanha Assassina», às 21.15 (13 anos)

Porto

BATALHA – «Fome de Viver», às 21.45 (18 anos)
CARLOS ALBERTO – «Feios, Porcos e Maus», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «O Último Comboio de Gun Hill», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «20 000 Léguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Armadilha Mortal», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN – «Gelado de Limão IV», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «O Herdeiro de Kung Fu», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Uma Mulher Chamada Apache», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI – «A Câmara Secreta», às 21.30 (16 anos)
PEDRO CEM – «Os Malucos Contra os Gangsters», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «A Noite de São Lourenço», às 21.45 (12 anos)
SALA BEBÉ – «Zelig», às 21.45 (12 anos)
LUMIÈRE-L – «Yentl», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)
VALE FORMOSO – «As Aprendizas do Sexo», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «Sem Deixar Rasto», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «A Educação de Rita», às 21.30 (12 anos)

farmácias

Lisboa

AJUDA: Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA -IGREJA: MARQUES**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ - DESTERRO: Silmar**, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 798727); **PALÁCIO DE SÃO BENTO: Micael**, R. de São Bento, 380-382 (T. 662162); **PAMPULHA: Infante Santo**, R. Olival, 290 (T. 661003); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 382180); **BRANDOA - COLINA DO SOL - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Cateia Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915446).

REFORÇO

BAIXA: Durão, R. Garrett, 92; **CAMPO D'OURIQUE: Condestável**, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA: Martins**, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 764624); **PIHCLEIEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Costa Ferreira**, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 899448); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

teatros

Lisboa

COMUNA – «Marat», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – «Memórias de Sarah Bernhardt», às 21.30 (12 anos)

ABC – «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
VARIEDADES – «Eu Desço na Próxima, e você?», às 21.45 (12 anos)
VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «Diário de uma Criada de Quarto», às 21.45 (18 anos)

PORTO

CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
MODESTOS – «Lázaro», às 21.45 (13 anos)
POVO PORTUENSE – Selva Trupe – «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)
REALEJO – «Memórias no Espelho», às 21.45 (13 anos)
TEP – «Eles não Usam Smoking», às 21.45 (13 anos)

Outra banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 221 (T. 2233028); **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, R. Moçambique, 84-A (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul. Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250) Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, L, 182 (T. 219697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre C. Correia, 4-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Agusuto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Élias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Permanente; **Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Herculano, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9260194) Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

NACIONAL, R. Senhora da Luz, 156, Foz; **COUTO**, L. São Domingos, 106; **FERREIRA DA SILVA**, R. Mártires da Liberdade, 150; **GOMES FERREIRA**, R. de Faria Guimarães, 449; **MELO TAVEIRA**, R. Alcaide Faria, 77.

DE DIA E TODA A NOITE

VITÁLIA, P. da Liberdade, 34; **CONFIANÇA**, R. Santa Catarina, 960; **NAU VITÓRIA**, R. de Nau Vitória, 723, ao Semide; **MENEZES DE LIMA**, P. Dr. Teotónio Pereira, 227; **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855.

Coimbra

ATÉ ÀS 22 HORAS

MACHADO, R. Bernardo de Albuquerque.

PERMANENTE

FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107-109.

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.40	4,1 m	9.16	0,8 m
16.00	4,1 m	21.39	0,8 m
Dia 17			
4.24	3,9 m	9.54	1,0 m
16.42	4,0 m	22.20	1,0 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	5º
BRAGANÇA	5º
VILA REAL	7º
PORTO	7º
COIMBRA	8º
CABO CARVOEIRO	12º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	10º
ÉVORA	9º
BEJA	8º
FARO	9º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	13º
FUNCHAL	15º

Relatório da Assembleia Municipal é claro

Catástrofe está à espreita em cinemas e "boîtes" lisboetas

«Algo daquilo que nos foi dado observar, e somente entre uma pequena parte das casas de entretenimento de Lisboa, leva-nos a constatar que temos vivido num mar de sorte, em não termos tido algumas tragédias como têm ocorrido lá fora» – assinala-se num relatório da Assembleia Municipal elaborado especialmente por uma comissão nomeada para o efeito.

Os elementos que estudaram a situação de alguns cinemas e «boites» lisboetas fizeram visitas por amostragem,sem carácter sistemático e exaustivo. Mas logo à partida tinham a consciência de que muito do que de errado pudessem encontrar não estaria nos limites do «ilegal».

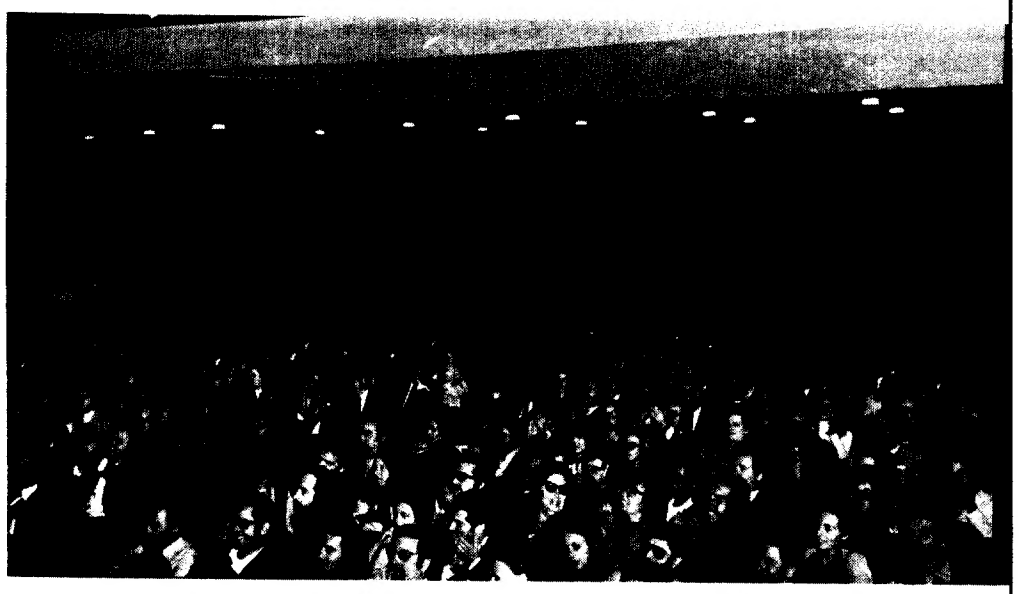
«A amostragem conseguida possibilitou concretizar as nossas suspeitas, sobressaindo a verdade amarga de que o regulamento aprovado pelo Decreto-Lei n.º 42662 está completamente desactualizado, pelo que se impõe fazer a sua revisão» – salienta-se no documento que já foi presente à Assembleia Municipal de Lisboa.

A visita efectuada pelos eleitos da AM – acompanhados do tenente-coronel Santinho Matias, dos Sapadores Bombeiros e do engenheiro Brandão de Brito, da DGE – permitiu fazer algumas constatações bastante curiosas e significativas

Conseguiu-se, por exemplo, verificar que há «parques de estacionamento» face a fachadas de cinemas; ou, num outro caso, que nem sequer há saída de emergência; ou que a gerência de uma sala de espectáculos fechou a saída de emergência por ter vendido a sala ao lado; ou que no caso de uma «boite» não foi possível abrir as portas para uma emergência porque ninguém sabia onde estava a chave.

São meros exemplos...

Em tempo de uma decisão da Câmara Municipal de Lisboa no sentido de ser encerrado um centro comercial (o Habib), as questões de segurança em locais públicos assumem particular importância. Por isso se torna oportuno ver um pouco mais o tema, tendo em atenção o referido relatório.



A sala do Cinema Mundial: quando foi visitada, a única saída de emergência tinha sido fechada por ter sido vendida a dependência ao lado

Legislação inadequada

«A legislação em vigor está profundamente desactualizada». Começa por salientar, neste domínio, o relatório entregue no referido órgão do Município. E explica porquê: porque o seu carácter normativo visava uma realidade diversa da dos nossos dias; porque origina extrema dificuldade na aplicação de sanções eficazes; porqe há problemas novos como o da combustibilidade de novos materiais; porque há uma deficiente fiscalização.

Mas há mais, no reino da elementaridade: os estabelecimentos de divertimento público deveriam tera fixado em local visível para os utentes a respectiva licença do recinto, como acontece em barcos, aviões, etc...

«A legislação respetante exclusivamente a «boites» é incipiente» – salienta o relatório da Assembleia Municipal, que se refere nos seguintes termos à fiscalização «As inspecções deveriam ser desencadeadas inopinadamente mas com alguma frequência, normalmente durante as sessões, para avaliação exacta da realidade.

A desactualização dos instrumentos legais refiecte-se, ainda, no valor das multas, que deveria ser substancialmente aumentado segundo uma tabela que previsse a indexação.

Clamoroso, igualmente, que a legislação em vigor «não tem podido evitar a existência de alguns casos de estabelecimentos não licenciados e em funcionamento».

As leis tornaram-se inadequadas não só em função do factor tempo. As condicionantes económicas são hoje determinantes. Salienta o relatório que, em 1959, salvo raras excepções, situava-se em edifício próprio cujo projecto previra as necessidades indispensáveis de segurança. O espaço e os custos permitiam estudos apurados».

Pelo contrário, «nos nossos dias, uma sala de cinema pode situar-se em edifícios de utilização múltipla, no interior recôndito de centros comerciais, frequentemente superlotados e mal ventilados».

Os riscos decorrentes desta situação são muito maiores. Verdadeiras catástrofes ocorridas em várias cidades no estrangeiro dão bem conta dos riscos que os lisboetas correm nesta matéria. E não só. Se isto se verifica na capital o que não irá por esse País?...

Alguns exemplos

Alguns dos exemplos recolhidos, como já assinalámos, por amostragem, dão bem conta do que é possível verificar-se em cinemas, boites e centros comerciais.

A Comissão assinalava, por exemplo, que o Xenon, situado numa cave, não tinha saída de emergência; ou que, no Mundial, a saída de emergência foi fechada por ter sido vendida uma sala contígua; que nessa mesma sala o ar condicionado e o sistema de ventilação não funcionava por avaria.

Se isto não basta veja-se o caso do «City»: «a saída de emergência conduz a um alçapão, no chão dos lavabos, o qual tem uma porta de saída com cerca de 0,8 metros de altura. Para cúmulo, essa saída está no fundo do corredor do centro comercial respectivo.

O caso do Cine 222 também é exemplar: a saída de emergência está prevista por uma escada de ferro vertical, de difícil subida, só o podendo fazer os mais aptos. Claro que idosos, mulheres e deficientes ficam eliminados...

No que se refere a «boîtes», foi constatada a situação já descrita, no Trumps: ninguém sabia da chave para fugir do local; no «Happennings» o rés-do-chão e a cave estão ligados por uma escada em caracol (mas aqui estavam previstas alterações, para melhor).

Algumas boas situações foram constatadas em alguns locais de divertimentos deste tipo: por exemplo, no Banana Power, onde um botão permite abrir de uma só vez meia dúzia de portas de emergência; ou na Stone's, onde houve a preocupação de dissimular, ao fundo da sala, uma ampla porta de saída. Isto, no conjunto de apenas seis estabelecimentos visitados.

Sousa Tavares cilindrado...

Santana Lopes vence eleições PSD/Lisboa

A lista B, apresentada por Pedro Santana Lopes, venceu as eleições para os órgãos da direcção política da área metropolitana de Lisboa do PSD. Pedro Santana Lopes encabeçava a lista que ganhou a eleição para a comissão política permanente distrital, com 239 votos, contra 107 da lista A, liderada por Francisco Sousa Tavares.

A lista B venceu também os escrutínios para a mesa da assembleia distrital e conselho de jurisção distrital, no primeiro caso com 195 votos, contra 153, e no segundo com 226 votos, contra 117.

A mesa da assembleia distrital e o conselho de jurisdição distrital passam a ser presididos, respectivamente, por Fernando Correia Afonso e António Maria Pereira.

Os cabeças de lista pela lista A para estes dois últimos órgãos eram Helena Roseta e Cardoso Martins.

A distrital de Lisboa é a segunda mais importante federação do PSD, a seguir à do Porto, e nela se concentram figuras proeminentes do partido como o ex-primeiro-ministro Pinto Balsemão, os ministros Álvaro Barreto, António Capucho, Rui Machete e Soares Costa, os secretários de Estado Eugénio Nobre, Manuela Aguiar, Leonor Beleza e Carlos Pimenta, os deputados João Salgueiro, Margarida Salema e Pedro Pinto e dirigentes como Ângelo Correia, Rui Almeida Mendes e Marcelo Rebelo de Sousa.

"Amargo sabor de cumplicidade"

CIDAC protesta contra visita de Botha

A anunciada visita a Portugal do primeiro-ministro da África do Sul, Pieter Botha, a convite do seu homólogo português, Mário Soares, motivou um comunicado de «protesto e indignação» por parte do CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral).

«Sem a independência da Namíbia, sem a abolição dos Bantustões, sem a eliminação definitiva do sistema de segregação racial, não há qualquer legitimidade ética e política para as autoridades portuguesas acolherem o chefe do Governo da África do Sul», afirma o CIDAC.

O comunicado sublinha, por outro lado, que um encontro político de alto nível entre Portugal e a África do Sul «tem um amargo sabor de cumplicidade das autoridades portuguesas com o crime institucionalizado que é o «apartheid».

«O primeiro-ministro sul-africano é o representante máximo de um regime universalmente condenado – acrescenta o CIDAC – e o responsável pela supressão dos direitos cívicos mais elementares a milhões e milhões de negros na África do Sul e na Namíbia, bem como o responsável por uma política de agressão e desestabilização dos estados independentes da zona».

«Não deixa de ser inimigo»

«Não se diga que os dois estados têm interesses comuns que importa salvaguardr, incluindo os interesses de numerosos cidadãos portugueses», assinala ainda o **CIDAC,** para acrescentar que «esses factos permitem justificar as relações diplomticas ou as conversações técnicas, mas nada justifica um encontro político de alto nível, como neste caso».

O comunicado rejeita igualmente o argumento de que «O momento tem de ser de tolerância pra com a África do Sul, na medida em que os próprios estados africanos, como Angola e Moçambique acabam de assinar acordos com os sul-africanos».

«Tal argumento pretende fazer esquecer que há situações históricas em que se impõe negociar com o inimigo. Mas não deixa de ser inimigo», escreve o CIDAC.

O CIDAC reafirma «todo o seu apoio e solidariedade à SWAPO e a ANC, confiando na luta dos povos da Namíbia e da África do Sul pela sua completa libertação».

Cimeira, cimeiras

Afinal parece que ontem sempre houve uma cimeira em Lisboa, ou muito próximo. Só que ela não teve, como intervenientes, os homens da maioria governamental, mas sim uma outra maioria: a presidencial.

Na verdade, o motivo que levou a que ontem almoçassem juntos no Restaurante Mónaco, o general Ramalho Eanes, João Botequilha, Miguel Caetano e José Rabaça, poderá muito bem ultrapassar o simples interesse gastronómico ou o disfrutar de uma linda vista sobre o estuário do Tejo.

Recorde-se que João Botequilha, Miguel Caetano e José Rabaça têm sido os homens que de há cerca de dois anos para cá se têm encontrado regularmente com o Presidente da República. Foram elementos fundamentais na estrutura da ex-CNARPE e são actualmente vistos também como os elementos que mais têm trabalhado num plano de alternativa política do Presidente da República, caso este venha a concluir que isso se torna imprescindível.

Luís Barbosa remete para Eanes criticas que o CDS lhe faz

Luís Barbosa, ex-ministro dos Assuntos Sociais dos governos AD e deputado do CDS, está firmemente convicto de que Ramalho Eanes é «uma fonte permanente de instabilidade e de ambiguidade, em vez de derradeira instância de coerência e clareza».

Luís Barbosa, que desde há mais de um ano (desde o último Congresso do CDS precisamente) também é acusado pela direcção do seu partido de «fonte permanente de instabilidade», emitiu aquelas críticas contra o Presidente da República durante um colóquio realizado ontem pelo CDS e subordinado ao tema «Diálogos da Oposição».